

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO

ÉVERTON REIS QUEVEDO

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL:
As muitas narrativas da exposição de longa duração do Memorial da Loucura do
Hospital Psiquiátrico São Pedro

Porto Alegre

2023

ÉVERTON REIS QUEVEDO

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL:
As muitas narrativas da exposição de longa duração do Memorial da Loucura do
Hospital Psiquiátrico São Pedro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul sob orientação da Profa. Dra. Vanessa
Barrozo Teixeira Aquino como requisito para a obtenção do
grau de mestre.

Porto Alegre

2023

ÉVERTON REIS QUEVEDO

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL:
As muitas narrativas da exposição de longa duração do Memorial da Loucura do
Hospital Psiquiátrico São Pedro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul sob orientação da Profa. Dra. Vanessa
Barrozo Teixeira Aquino como requisito para a obtenção do
grau de mestre.

Apresentada em 11 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Ana Celina Figueira da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Juliane Conceição Primon Serres
Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dra. Julia Nolasco Leitão de Moraes
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“[...] a hora foge antes do que você pensa [...]”

Quem te disse? – Adriana Calcanhotto

Para meus pais, Luís e Lorena

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, e acima de tudo, a Deus. Sem Ele, nada seria possível.

Em especial à Profa. Dra. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, orientadora deste trabalho, por aceitar o desafio de apresentar-me esta área tão importante para os debates sociais. Obrigado pela orientação e amizade, que acima de tudo indicou caminhos e possibilidades.

Aos professores do PPGMUSPA, com os quais cursei disciplinas, entre eles Profa. Dra. Zita Possamai, Prof. Dra. Letícia Julião, Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Farias, Prof. Dra. Luisa Durán Rocca e Prof. Dra. Fernanda Albuquerque.

A Joseane Lima, competente secretária do PPGMUSPA, pela presteza e gentileza de sempre.

Repito aqui os agradecimentos, já feitos em outros momentos, aos meus professores do Ensino Fundamental e Médio, por considerar suas trajetórias significativas para a minha: às professoras Ivanir, Ana, e Lylis, por ensinarem-me a beleza e a importância da História. À professora Valmi, de Matemática, que me incentivou no caminho do Magistério. A professora Lídia Lobato, pela introdução às questões didáticas, importantes não só no trabalho em sala de aula, mas também em todas as esferas da jornada de pesquisa. À minha professora da graduação, na Universidade Federal de Santa Maria, Prof. Dra. Beatriz Teixeira Weber – a ela devo meus primeiros passos acadêmicos. A professora Dra. Margaret Marchiori Bakos (*in memoriam*), que me conduziu nos caminhos da pesquisa e que tanto me ensinou.

A Lia Mineiro Magalhães, Chefe do Serviço de Memória Cultural e do Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro durante a realização deste trabalho.

À Neuza Barcellos e a Edson Medeiros Cheuiche, pela salvaguarda dos objetos e documentos do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Agradeço imensamente à Neuza pela colaboração com esta pesquisa, sempre disposta a colaborar, respondendo às inúmeras perguntas sempre com gentileza e, acima de tudo, conhecimento em relação ao trabalho que ajudou a elaborar no Hospital.

A meus pais, Luís Carlos e Lorena, a quem dedico este trabalho. Também a minha irmã, Patrícia, e a minha sobrinha Luiza, que sempre me incentivaram, apoiaram e auxiliaram. Agradeço por me ensinarem a importância do esforço, da dedicação e do bom senso, frente a qualquer adversidade. Sem eles, esta e as

outras pesquisas que tive a sorte e a felicidade de realizar não se concretizariam. Minhas vitórias vêm deles, e são para eles.

Aos amigos sempre presentes, que de uma forma ou de outra colaboraram com este trabalho, fazendo parte dos meus sonhos e realizações, em especial à Juliane Serres, Gláucia Lixinski e Angela Pomatti, minhas companheiras na luta pelo Patrimônio Cultural da Saúde. A Jorge Cury, pela gentileza nas traduções dos textos em francês. À Rosangela Pelizzari, minha enfermeira preferida (mesmo que às vezes ela deixe Florence Nightingale em “saia justa”, tenho certeza de que teria orgulho dela). Um agradecimento particular à Angela Costa, esta minha amiga da vida e colega de PPGMUSPA, por dividir comigo as dúvidas e comemorar as conquistas.

E, em especial, ao meu marido Luiz Lopes, não só pelo desenho da planta baixa que está neste trabalho (que o deixa mais belo!), mas por fazer parte da minha jornada e completar a minha vida. Pelo muito que amadureci e que aprendi, muito obrigado por tudo. Eu te amo.

Ora, o patrimônio existe e precisa ser identificado, reconhecido, estudado, repertoriado. Ora ainda não existe e é preciso acompanhar a criação contínua que o tornará patrimônio comum.[...] O patrimônio não nos pertence: é-nos confiado para valorizá-lo e torná-lo um fator de desenvolvimento. É preciso, portanto, garantir sua perenidade.

Hugues de Varine – Patrimônio e Cidadania. In: **Museologia Social**. Porto Alegre, 2000. p. 08.

RESUMO

O trabalho procurou identificar e problematizar a concepção de narrativas expográficas através de determinados objetos que compõem o discurso da exposição de longa duração de uma instituição de memória cujo foco é a saúde e a medicina. Nessa perspectiva propomo-nos a refletir sobre a seleção desses objetos, os critérios associativos definidos pela curadoria para compor núcleos da exposição e seus objetivos a partir de estratégias de apresentação, tensionando se seus diálogos estão ancorados, por exemplo, numa ideia de linearidade e evolução com foco em uma memória laudatória de personalidades ou, se refletem os desdobramentos sociais e as tensões que envolvem os profissionais da área, suas concepções e seus pacientes. Na busca deste objetivo, o objeto pontual de nossa análise no campo da Museologia e do Patrimônio inserido na linha de pesquisa Museologia, Curadoria e Gestão é a exposição de longa duração do Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro, instituição pública ligada à Secretaria Estadual de Saúde do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre/RS. Consultamos farta bibliografia sobre o tema e o arquivo institucional, bem como realizamos entrevistas com os responsáveis pela curadoria da exposição. A partir destes materiais e das visitas técnicas, foi possível elencar elementos para as análises específicas sobre os processos de concepção e planejamento desta exposição que nos permitiram concluir que se trata de uma narrativa expográfica fragmentada e calcada em perspectivas históricas laudatórias e que não dialogam com as perspectivas museológicas contemporâneas, ou seja, necessita de uma reorganização em seus núcleos, bem como de um arranjo expográfico que contextualize os objetos selecionados a partir de uma linguagem simples e direta, agregando novas leituras acerca da história do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da participação dos agentes sociais.

Palavras-chave: Histórias da Saúde; Patrimônio Cultural da Saúde; Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Exposição de longa duração. Expografia.

ABSTRACT

The work sought to identify and problematize the conception of expographic narratives through certain objects that make up the discourse of the long-term exhibition of a memory institution whose focus is health and medicine. From this perspective, we propose to reflect on the selection of these objects, the associative criteria defined by the curator to compose the exhibition cores and their objectives based on presentation strategies, tensioning whether their dialogues are anchored, for example, in an idea of linearity and evolution focusing on a laudatory memory of personalities or, if they reflect the social developments and tensions that involve professionals in the field, their conceptions and their patients. In pursuit of this objective, the specific object of our analysis in the field of Museology and Heritage inserted in the line of research Museology, Curation and Management, is the long-term exhibition of the Memorial of Madness at the Hospital Psiquiátrico São Pedro, a public institution, linked to State Health Department of Rio Grande do Sul, located in Porto Alegre/RS. We consulted extensive bibliography on the topic and the institutional archive, as well as conducting interviews with those responsible for curating the exhibition. From these materials and technical visits, it was possible to list elements for specific analyzes on the conception and planning processes of this exhibition, which allowed us to conclude that it is a fragmented expographic narrative based on laudatory historical perspectives and which do not dialogue with the perspectives contemporary museums, that is, it requires a reorganization of its cores, as well as an exhibition arrangement that contextualizes the selected objects using a simple and direct language, adding new readings about the history of the Hospital Psiquiátrico São Pedro and the participation of agents social.

Key words: Health Stories; Health Cultural Heritage; Memorial of Madness at the São Pedro Psychiatric Hospital. Long-term exhibition. Expography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hospital Psiquiátrico São Pedro – Primeiras décadas do Século XX.....	39
Figura 2 – Hospital Psiquiátrico São Pedro – 2019.....	39
Figura 3 – Pacientes no banho de sol Diário de Notícias. Ano XII -19 de dezembro 1965, p.02	41
Figura 4 – Diário de Notícias, 30 de junho de 1968, pág. 08.....	42
Figura 5 – Primeiros itens recolhidos para a constituição do Museu, 1999/2000.....	48
Figura 6 – Verso da foto Primeiros itens recolhidos para a constituição do Museu, 1999/2000.	49
Figura 7 – Arquivo do Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro.	50
Figuras 8 – Relógio mencionado por Neuza e que se encontra em exposição (objeto número 1 do Memorial)	54
Figura 9 – Como chegar ao Memorial da Loucura: 1 – Entrada do Hospital e para o Memorial; 2 – Prédio onde funciona o Memorial. Manipulação produzida via aplicativo de geolocalização.	59
Figura 10 – Lateral da Fachada do Prédio Principal do Hospital. Originalmente, a entrada para a administração e leitos se dava por este prédio.	60
Figura 11 – Aspectos da chegada ao Memorial da Loucura.	61
Figuras 12 – Aspectos da chegada ao Memorial da Loucura.	61
Figura 13 – Aspectos da chegada entrada do Memorial da Loucura no Prédio Histórico do HPSP (térreo).....	62
Figura 14 – Aspectos da entrada do Memorial da Loucura no Prédio Histórico do HPSP (vista do primeiro lance de escadas pelo térreo).	63
Figura 15 – Planta baixa atual do espaço expositivo do Memorial da Loucura.....	65
Figuras 16 e 17 – Armários, vidraria de laboratório e livros. Figuras 18 a 21 – Armários, vidraria de laboratório e livros	83
Figuras 18 a 21 – Armários, vidraria de laboratório e livros	85
Figura 22 – Imagem dos objetos com única legenda: “Queimador de laboratório movido a benzina com chama ajustável. Início do Século XIX”.	86
Figuras 23 a 25 – Dados estatísticos apresentados na População do Hospital São Pedro.....	87
Figura 26 – Materiais do Gabinete de identificação no Hospital São Pedro 1948....	89

Figuras 27 e 28 – Materiais do Gabinete de identificação no Hospital São Pedro 1948.	90
Figura 29 – Sala Carlos Lisboa.	91
Figura 30 – Máscara de Ombredanne.....	92
Figura 31 – Aparelho de Eletroconvulsoterapia – ECT	94
Figura 32 – Camisa de Força	96
Figuras 33 e 34 – Painel adesivado com Linha do Tempo que compõe a exposição do Memorial e porta de entrada na exposição.	101
Figuras 35 a 38 – Simulação de um quarto da instituição.....	103
Figuras 38 a 41 – Armário com pertences de internos.....	104
Figuras 41 a 43 – Armário com pertences de internos.....	106
Figuras 44 a 46 – Quadros na escada de acesso ao Memorial.	110
Figura 47 – Quadros representando os pacientes, na escada de acesso ao Memorial (nesta e na próxima página). Obras de Marco Lucaora.	111
Figuras 48 e 49 – Quadros na primeira sala ao entrar no Memorial, já citada por nós quando analisamos a vidraria/farmácia.....	113
Figura 50 – Sala Philippe Pinel.	115
Figuras 51 e 52 – Jornais que circularam no RS no dia 30/06/1884, mencionando a inauguração do Hospital, ocorrida no dia anterior.	116
Figuras 53 e 54 – Interior da sala “São Pedro na Mídia”.....	118
Figuras 55 e 56 – Sala Cirúrgica.....	120
Figuras 57 e 58 – Sala Cirúrgica.....	121
Figura 59 – Divulgação de nova sala expositiva	122
Figura 60 – Sala Philippe Pinel – Psiquiatras homenageados, vista geral.....	125
Figura 61 – Imagens dos psiquiatras homenageados na Sala Philippe Pinel.....	126
Figuras 62 a 64 – Aspectos do espaço cenográfico Gabinete de Jacintho Godoy.....	127
Figura 65 - Jacintho de Godoy Gomes.....	128
Figura 66 – Aspectos do espaço cenográfico Gabinete de Jacintho Godoy.....	132
Figuras 67 e 68– Sala Maria Mendes de Carvalho, onde está exposto o Livro de Visitas.....	134
Figura 69– Reprodução da capa e folha 1 do Livro de Visitantes, com destaque para a assinatura da Princesa Isabel.	135

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se a “medicina” ou “saúde” e que estão cadastradas na Plataforma Museusbr e Museus Ibero-americanos.....	24
Tabela 2 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se a “medicina” ou “saúde” e que não estão cadastradas na Plataforma Museusbr e Museus Ibero-americanos.....	26
Tabela 3 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se a “medicina” ou “saúde” e que estão cadastradas no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEMRS).....	27
Tabela 4 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se a “medicina” ou “saúde” e que não estão cadastradas no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEMRS).	28
Tabela 6 – Lista das categorias e dos objetos para análise.	77

LISTA DE ABREVIATURAS

AHRGS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul

APERS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul

CEDOPE HCI – Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Itapuã

CHCSC – Centro Histórico-Cultural Santa Casa

IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus

HPSP – Hospital Psiquiátrico São Pedro

MCSHJC – Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa

MUHM – Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

ReNIM – Rede Nacional de Identificação de Museus

SNIIC – Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais

SEMRS – Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul

SPBPA – Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 MOVIMENTOS DE SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE: ABORDAGENS E DINÂMICAS INSTITUCIONAIS	21
PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE, INSTITUIÇÕES E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	21
3 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA SAÚDE: UM OLHAR SOBRE O HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO	32
3.1 A SAÚDE NO SÉCULO XIX: BREVE ANÁLISE.....	32
3.2 A PSIQUIATRIA E O HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO.....	36
3.3 O SERVIÇO DE MEMÓRIA CULTURAL E O MEMORIAL DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO	46
4 A EXPOSIÇÃO “A HISTÓRIA DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO E DA PSIQUIATRIA NO RIO GRANDE DO SUL”	58
4.1 CONHECENDO O MEMORIAL DA LOUCURA E SUA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO	58
4.2 CRITÉRIOS ASSOCIATIVOS PRESENTES NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO: IDENTIFICAÇÃO DE NÚCLEOS EXPOSITIVOS E ANÁLISE	70
4.2.1 Entre frascos, máscaras, eletrochoques e números: núcleo expositivo 1 “médico/hospitalar e estatístico”	79
4.2.2 Um hospital “eloquente” e seus pacientes invisibilizados: núcleo expositivo 2 “pacientes e hospital”	98
4.2.3 Médicos e seus gabinetes, uma princesa e seu império: núcleo expositivo 3 “poder”	123
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS	142
APÊNDICE A: Roteiro das entrevistas estruturadas.....	162
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	164
ANEXOS	166
Anexo 1 – Aprovação: Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro.....	166
Anexo 2 – Aprovação: Comitê Gestor da Política de Pesquisa da SES/RS (CGPPSES).....	168

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo estudo e debate do tema que proponho neste trabalho integra um percurso significativo que se origina na graduação em História, cursada na Universidade Federal de Santa Maria e concluída em 2002, passando pela Pós-Graduação (2005 e 2016) e vida profissional.

Meus primeiros passos verdadeiramente acadêmicos, ou seja, aqueles de pesquisa, devo à professora do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, Profa. Dra. Beatriz Weber, que me selecionou para uma atividade que mudou minha perspectiva de mundo. A partir de então estava inserido em um grupo relativamente novo, os pesquisadores de “História e Saúde”.

No ano 2000 participei, com mais 6 colegas, de um projeto que visava organizar o recém-criado Centro de Documentação e Pesquisa do Hospital Colônia Itapuã (CEDOPE HCI). A instituição foi fundada em 1940, no distrito de Itapuã, na cidade de Viamão, dentro da Campanha Nacional de Combate à Lepra, tratando-se da única instituição do gênero no Rio Grande do Sul.

Este trabalho foi o início de uma trajetória maior dentro da pesquisa histórica. Ao voltar para Santa Maria, continuei trabalhando em um projeto de pesquisa, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), que pretendia mapear aspectos da salubridade de Santa Maria e região. A partir do material levantado e das leituras para este trabalho, foi possível elaborar o projeto com o qual fui selecionado, em 2003, no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Terminado o mestrado, em janeiro de 2005, fui convidado, devido à experiência em pesquisa na área de história/saúde/medicina, a ingressar na equipe que o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS) havia formado para dar continuidade ao projeto intitulado “Memória Médica”, mais tarde aprimorado e transformado em Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM).

Este projeto inicialmente pretendia mapear informações referentes aos profissionais médicos do Rio Grande do Sul, a fim de formar um acervo de História Oral. Outras ações estavam em fase inicial: mapeamento de fontes para a história da saúde, a busca por dados biográficos de médicos do interior e da capital e convênios com instituições para o processo de digitalização de acervos, como o

Archivos Rio-Grandenses de Medicina (disponível de forma física na Biblioteca do Curso de Medicina da UFRGS), e posterior disponibilização *on-line*¹.

A partir de 2006 o projeto ganha corpo. A presidência do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul aceitou a proposta da coordenação para a criação de um museu. A partir de então, além da continuidade dos trabalhos iniciais, demos início às reflexões expositivas. Particpei da organização da primeira exposição do MUHM, assim como participaria das próximas, ao longo de 12 anos.

O Museu concretizou-se em 18 de outubro de 2006; contudo, não possuía uma sede. Enquanto a equipe desenvolvia as atividades de praxe, a direção do Museu também cuidava da buscar um espaço apropriado para instalar uma exposição e dar início a todas as funções de uma instituição deste tipo. Exatamente um ano após a sua criação, o Museu encontra seu espaço no prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa em Porto Alegre, mediante convênio entre a Sociedade mantenedora do Hospital e o mantenedor do Museu, o SIMERS².

Para o grupo de jovens profissionais que trabalhava no Museu, foi um passo decisivo, pois a partir de então a entidade tomou corpo, só tendendo a crescer.

Paralela à atuação no Museu, em 2012 apresentei ao Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS o projeto de tese intitulado “Hospital Beneficência Portuguesa: Presença e atuação na cotidianidade de Porto Alegre (1854 – 1904)”, o qual foi aprovado e concluído em 2016.

Em 2017 finda a minha jornada à frente do MUHM. Todavia, mesmo tendo em vista o mercado de trabalho e a crise socioeconômica expandida a partir do Golpe de 2016, foi possível uma recolocação em um espaço de memória também voltado à preservação do patrimônio cultural da saúde.

Logo, a Unimed Federação Rio Grande do Sul, tendo interesse em investir nas perspectivas culturais e patrimoniais, convidou-me para esta empreitada. A partir de então, organizamos uma instituição cultural voltada à preservação das memórias do cooperativismo médico gaúcho e para a arte e cultura. A Casa da Memória Unimed Federação/RS³ foi inaugurada em 25 de junho de 2019, após um

¹ Atualmente, o acervo pode ser acessado em <https://www.muhm.org.br/obras-digitalizadas>

² Mais informações sobre o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) podem ser encontradas no site www.muhm.org.br

³ Para mais informações sobre a Casa da Memória Unimed Federação/RS, acessar <https://www.unimed.coop.br/site/web/unimedrs/casa-da-mem%C3%B3ria> ou @casadamemoriaunimedrs no *Instagram*.

período de organização interna e, desde então, vem desenvolvendo ações e parcerias na área da arte e história da saúde/medicina, bem como ações que refletem a necessidade do diálogo patrimonial. Durante a escrita deste trabalho, desliguei-me do espaço, que segue em funcionamento.

Também considero importante citar minha trajetória como docente do Ensino Superior, que ocorreu de 2012 a 2023, no Centro Universitário Cesuca, instituição localizada em Cachoeirinha, região metropolitana de Porto Alegre. Na instituição atuei prioritariamente no Curso de Pedagogia, mas ministrei disciplinas nos Cursos de Enfermagem e Arquitetura (disciplinas na área de História da Enfermagem e História da Arte).

Meu objetivo ao narrar essa trajetória é evidenciar a proximidade com o tema “patrimônio/acervos da saúde e da medicina”. Durante os 12 anos em que atuei no MUHM, por exemplo, fui estagiário, pesquisador, historiador, diretor, vice-diretor e diretor técnico. Conhecia a estrutura, o acervo, os procedimentos técnicos e burocráticos. Mas, mais do que isso, os anos de experiência proporcionaram-me familiaridade e a oportunidade de conhecer muitos acervos e fontes para a história da saúde. Foram anos de parcerias institucionais e de construção de bons relacionamentos em instituições do gênero. A atuação nesses 6 anos na Casa da Memória reforça, a nosso ver, essa proximidade e conhecimento das instituições e acervos ligados ao tema que me proponho a estudar.

Ao longo de minha prática profissional, sempre primei por uma construção histórica e patrimonial condizente com as reflexões que se espera de um museu, ou seja, sempre pensamos a instituição como um espaço privilegiado para o conhecimento e a reflexão sociocultural e interdisciplinar, como nos coloca Ramos (2020).

Em contato constante com instituições desta categoria, ou seja, museus e memoriais que também têm a saúde como eixo de trabalho, questionava-me sobre como estas instituições pensavam suas ações e que histórias e memórias da saúde propõem-se a salvaguardar e comunicar aos seus públicos. Desta forma, tentando responder a estas inquietações, aproximei-me do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul buscando agregar ao meu repertório outros olhares acerca do patrimônio cultural da saúde e das instituições culturais que preservam esse patrimônio.

Nessa perspectiva, a presente Dissertação tem como objeto de estudo no âmbito da Museologia e do Patrimônio, inserido na linha de pesquisa Museologia, Curadoria e Gestão, a exposição de longa duração do Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro⁴, e visa responder a seguinte questão de pesquisa: como esta instituição constrói suas narrativas expográficas através de determinados objetos que compõem sua exposição de longa duração?

Com base neste problema de pesquisa pretendo refletir sobre como essa instituição concebeu e selecionou determinados objetos em detrimento de outros para narrar as histórias e memórias da saúde no Rio Grande do Sul, sobretudo no âmbito da medicina psiquiátrica e da saúde mental, identificando se essas propostas curatoriais estão ancoradas, por exemplo, numa ideia de linearidade e evolução com foco em memórias laudatórias de personalidades ou se refletem e problematizam os desdobramentos sociais e as tensões que envolvem os profissionais da área, suas concepções e desafios contemporâneos.

Como objetivo geral, a dissertação pretende analisar como se constituem as representatividades da saúde a partir de determinados objetos selecionados para a exposição de longa duração organizada pela instituição foco. A pesquisa também propõe como objetivos específicos: discutir os aspectos ligados à constituição de museus e demais espaços culturais que têm a preservação do patrimônio cultural da saúde e/ou a história da medicina como missão institucional; refletir sobre os processos de construção que colocam a perspectiva da saúde como campo profícuo também para as análises patrimoniais e sociais; escolhas curatoriais e sobre as propostas expográficas pensadas para a exposição de longa duração do Memorial da Loucura do HPSP; identificar qual a perspectiva de saúde pública e que identidade profissional esta instituição comunica por meio de sua exposição; analisar os critérios associativos que organizam e definem a narrativa através de determinados objetos.

⁴ Inicialmente os objetos pontuais do estudo seriam as exposições de longa duração do Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro (criado em 2001), intitulada “A História do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da Psiquiatria no Rio Grande do Sul”, inaugurada em 2010, e a exposição do Museu Joaquim Francisco do Livramento (criado em 1994 e que faz parte do Centro Histórico-Cultural Santa Casa, este criado em 2014), intitulada “Fragmentos de uma história de todos nós”, inaugurada em 2014. Tendo em vista o exame de qualificação e as considerações da banca, reformulamos nosso objeto e centramos a análise no Memorial da Loucura. Esta opção, assertiva, permitiu uma análise mais apurada.

Cabe ressaltar que existem algumas imprecisões, por assim dizer, na documentação consultada e nos materiais de divulgação da Instituição em relação ao seu nome: ora ele é mencionado como Memorial da Loucura, ora apenas como Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro e até mesmo como Memorial do Serviço de Memória Cultural/HPSP (fazendo uma referência ao organograma do Hospital, a que o Memorial está ligado). Vamos utilizar a nomenclatura Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro, visto que é a que consta do registro junto ao Sistema Estadual de Museu do Rio Grande do Sul (SEMRS) – Registro N° 1.93/junho 2013⁵. Desconhecemos os motivos para esta multiplicidade de nomes, mas podemos visualizar já nesse detalhe algumas questões que falam por si só sobre a organização da instituição.

O tema da saúde/medicina ainda carece de investigações e análises na área museológica. Embora existam trabalhos significativos, no entanto, não visualizamos abordagens que contemplem a perspectiva proposta neste estudo. Salientamos que não pretendemos esgotar o tema, mas contribuir a fim de que a área e a perspectiva sejam evidenciadas quanto ao seu potencial, pois acreditamos que o exercício de olhar para as memórias e histórias da saúde a partir de coleções e exposições museológicas permite-nos compreender a sociedade e como esta se articula com a salubridade em vários momentos sócio-históricos. Desta forma, compreende-se que o patrimônio cultural da saúde faz parte das diversas construções socioculturais.

Outra perspectiva que julgamos importante trazer para a reflexão museológica refere-se ao próprio HPSP, importante exemplar da arquitetura hospitalar, uma das instituições mais antigas do Rio Grande do Sul e a primeira dedicada ao tratamento psiquiátrico no Estado. Seu acervo, que constitui o Memorial da Loucura, é único nesse sentido, seja em volume de objetos sobre a psiquiatria, seja em exemplares que só encontramos lá.

Consultamos farta bibliografia sobre o tema em bibliotecas e repositórios digitais⁶. Também realizamos pesquisas no arquivo institucional, consultando atas, relatórios, projetos, reportagens de jornal e fotografias, bem como visitas técnicas que geraram séries fotográficas importantes e que apresentaremos ao longo do

⁵ O Certificado emitido pelo Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM) está em exposição no Memorial.

⁶ Sites e repositórios digitais de Programas de Pós-Graduação; Plataforma LUME – Repositório Digital, UFRGS; Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970), Sciello Brasil – *Scientific Electronic Library Online*; EduCAPES; Portal de Periódicos da CAPES; entre outros.

trabalho. Neste contexto, também realizamos duas entrevistas com os responsáveis pela exposição a partir da metodologia da História Oral Temática. Através destes materiais e das visitas técnicas foi possível elencar elementos para as análises.

Nessa perspectiva, o trabalho está organizado em quatro capítulos da seguinte forma: O Capítulo 2, intitulado “Movimentos de salvaguarda do patrimônio cultural da saúde: abordagens e dinâmicas institucionais”, evidencia como a temática do Patrimônio Cultural da Saúde aparece nas áreas do conhecimento histórico e museológico. No Capítulo 3, “Narrativas expográficas na construção das histórias e memórias da saúde”, buscamos o entendimento do processo histórico e museal, apresentando algumas concepções que balizaram a construção da nossa instituição em análise como importante componente para o entendimento de questões sócio-históricas ligadas à saúde.

No Capítulo 4, “A exposição ‘A história do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da Psiquiatria no Rio Grande do Sul’”, percorreremos nosso objetivo apresentando a exposição em análise e buscando elencar todas as informações possíveis sobre seus processos de execução e realização para construirmos os elementos necessários para a análise dos critérios e arranjos curatoriais onde aproximamos o foco e analisamos a narrativa construída, ou seja, a exposição propriamente dita.

2 MOVIMENTOS DE SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE: ABORDAGENS E DINÂMICAS INSTITUCIONAIS

Na construção deste capítulo objetivamos evidenciar como a temática do Patrimônio Cultural da Saúde aparece nas áreas do conhecimento histórico e museológico. Buscamos identificar, historicizando as instituições que atuam nessa temática, suas trajetórias e ligações sociais.

Nessa mesma linha, estabelecemos interlocuções com a produção do conhecimento a partir da temática, ou seja, listamos algumas pesquisas e demais produções no intuito de destacar as potencialidades e a abrangência das análises sociais, econômicas, culturais, entre outras. Quando falamos em Patrimônio Cultural da Saúde:

[...] trata-se de um conjunto de bens materiais e simbólicos socialmente construídos, que expressam o processo da saúde individual e coletiva nas suas dimensões científica, histórica e cultural [...] ao trabalharmos com o Patrimônio Cultural da Saúde, estaremos em primeiro lugar definindo um conceito abrangente e que permite acompanhar as transformações pelas quais a saúde passou [...] (Sanglard; Gama, 2019, p. 05).

Logo, compreendemos que 'Saúde' não é uma informação objetiva, mas sim uma construção histórica e social com definições, significados culturais e estruturas políticas que variam ao longo do tempo, como poderemos observar ao longo desta dissertação.

PATRIMÔNIO CULTURAL DA SAÚDE, INSTITUIÇÕES E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Para iniciar essa reflexão patrimonial, é significativo compreender o contexto de criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937 –instituição que teve muitos nomes, e a partir de 1994 passa a chamar-se Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (Araripe, 2004). As discussões “sobre o campo patrimonial foi ocupada por arquitetos e alguns poucos teóricos da cultura. Isto é, os bens patrimoniais instituídos eram designados com o olhar voltado para um patrimônio edificado” (Nascimento, 2016, p. 122). Desta forma, prédios e monumentos ganharam destaque sobre o que deveria ou não ser preservado. Estes

itens seguiam uma visão positivista da sociedade, onde apenas aqueles ligados a grandes figuras históricas mereciam algum tipo de atenção.

Cabe salientar que ao longo do tempo:

O valor patrimonial estaria presente não somente nos grandes monumentos, chamados de conjuntos arquitetônicos, mas também nas obras modestas, que, pela cultura e pelos processos históricos, passaram a ter valor de patrimônio. [...] O conceito de “testemunho da história” validará as ações de preservação na esfera alargada do ambiente urbano. Todas as edificações teriam o direito de permanecer às gerações futuras, sejam monumentais, sejam modestas, na medida em que documentavam a história (Nascimento, 2016, p. 125).

Esta ampliação no conceito expande-se ainda mais, reconhecendo o “patrimônio como parte integrante da comunidade onde está inserido, numa representação das manifestações sociais que marcam ou marcaram suas vidas, conquistas, sonhos, realizações e que constroem a história” (Araripe, 2004, p. 114). No Brasil, a Constituição Federal de 1988, no Artigo 216, substitui a denominação Patrimônio Histórico e Artístico por Patrimônio Cultural Brasileiro, incluindo o reconhecimento de bens de caráter imaterial⁷.

No que se refere à saúde e à preservação de seu patrimônio, Gisele Sanglard reitera:

[...] qual o significado que possuem para os diferentes atores e grupos sociais? Como preservá-los? Tal como o patrimônio científico, o conjunto de bens da saúde é desconhecido, cujas dimensões merecem ser notadas. Dentre esses aspectos, destaca-se o fato da experiência cultural na saúde ser, necessariamente, multifacetada e multidimensional, por envolver o sofrimento individual e coletivo, por um lado, e, por outro, envolver as expectativas de cada indivíduo diante do tempo, da vida e do mundo, ao mesmo tempo em que tem a capacidade de representar as lutas e conquistas coletivas em direção a melhores condições de existência. É imprescindível, portanto, promover os meios para a expressão cultural, o registro, a preservação, a difusão e atualização permanente dessa experiência histórica comum (Sanglard, 2019, p. 10).

Reconhecendo então a saúde e a medicina como produtoras de patrimônio em várias frentes (conhecimento imaterial com as benzedeiras, conhecimento técnico-científico com os tratamentos cirúrgicos, por exemplo, ou na confecção de

⁷ Ver Patrimônio Cultural. IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em 01/05/2023.

objetos para estas cirurgias, etc.) é que surgem instituições museológicas⁸ (Museus, Memoriais) ou não⁹ (espaços em sindicatos, em associações médicas, em hospitais, etc.) interessadas na sua salvaguarda.

À luz do que nos coloca Chagas (2006, p. 31), “os museus são a um só tempo: lugares de memória e de poder. Estes dois conceitos estão permanentemente articulados em toda e qualquer instituição museológica”. Assim, não nos causa estranheza que a maioria destes espaços destinados à saúde queiram propagar uma memória evolutiva, mostrando aos visitantes uma construção linear e colocando os profissionais médicos em destaque. Contudo, entre as instituições que trabalham com o tema é possível encontrar “equipamentos interessados em trabalhar democraticamente com o poder da memória” (Chagas, 2006, p. 31).

Para nos localizarmos quanto à relevância do patrimônio ligado à Saúde e à Medicina, evidenciando que se trata de um tema presente em muitas instituições, realizamos um levantamento via plataformas oficiais de cadastro, usando as expressões “medicina” e “saúde”. Para essa relação, vamos apresentar dados nacionais com ênfase nas instituições localizadas no Rio Grande do Sul, por estarmos inseridos nesse contexto.

Cabe ressaltar que, em relação aos dados nacionais, há uma lacuna, tendo em vista que os mesmos estão sabidamente desatualizados dado o abandono das políticas museais promovido pelo Governo Federal no período 2019-2022. Mesmo assim, julgamos válidas as informações coletadas, pois em nosso entendimento elas refletem o que queremos evidenciar.

Nacionalmente cruzamos as informações do Guia dos Museus Brasileiros e do Registro dos Museus Ibero-americanos. Foram localizadas 17 instituições (14 figuram em ambas as listagens, 1 apenas no Guia dos Museus e 2 apenas no Registro dos Museus Ibero-americanos). Ao considerarmos estas instituições

⁸ Para Mensh (1992, p. 09), as três funções básicas do museu, ou seja, o que caracteriza uma instituição museológica, são a preservação (conservação, restauração e documentação), a investigação (correspondendo à pesquisa) e a comunicação (a transmissão do conhecimento ao público).

⁹ É muito comum existirem apenas “Salas de exposições”, ou mesmo, armários médicos em algum ponto de instituições médicas, onde literalmente se amontoam instrumentos médicos, raramente identificados, mas que figuram nesses espaços como símbolos de uma medicina imponente e vencedora, onde seus representantes, os médicos, merecem distinção absoluta.

cadastradas, assumimos que se trata de locais que cumprem o que as normativas museológicas preconizam pelos órgãos competentes (Tabela 1).

Nesta tarefa de mapear, deparamo-nos com a inoperância da Plataforma Museusbr¹⁰. Assim, para dar sequência ao trabalho, usamos nas listagens abaixo dados do Registro dos Museus Ibero-americanos do Programa Ibermuseus¹¹ e da publicação “Guia dos Museus Brasileiros”, publicado pelo Instituto Brasileiro de Museus em 2011¹².

Tabela 1 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se à “medicina” ou “saúde” e que estão cadastradas na Plataforma Museusbr e Museus Ibero-americanos.

Guia dos Museus Brasileiros, 2013	Registro dos Museus Ibero-americanos do Programa Ibermuseus
Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul	Não cadastrado
Museu de Medicina da Associação Médica do Paraná	Museu de Medicina da Associação Médica do Paraná
Museu de História da Medicina de Alagoas	Museu de História da Medicina de Alagoas
Museu Digital da História da Medicina do Amazonas	Museu Digital da História da Medicina do Amazonas
Memorial da Medicina Brasileira - Faculdade de Medicina da Bahia/Universidade Federal da Bahia	Memorial da Medicina Brasileira - Faculdade de Medicina da Bahia/Universidade Federal da Bahia
Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais	Centro de Memória da Medicina de Minas Gerais
Museu da Medicina do Pará	Museu da Medicina do Pará
Memorial da Medicina de Pernambuco - Universidade Federal de Pernambuco	Memorial da Medicina de Pernambuco - Universidade Federal de Pernambuco
Memorial da Medicina do Rio Grande do Norte	Memorial da Medicina do Rio Grande do Norte
Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina	Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina
Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo	Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
Museu Virtual da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro	Museu Virtual da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu da Fundação Nacional de Saúde	Museu da Fundação Nacional de Saúde
Museu da Saúde	Museu da Saúde
Instituto Butantan - Museu de Saúde Pública Emílio Ribas	Instituto Butantan - Museu de Saúde Pública Emílio Ribas
Não cadastrado	Museu da Psiquiatria do Centro Integral da Saúde de Santa Rita
Não cadastrado	Museu Histórico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo

¹⁰ Em vários acessos nos meses de março a junho de 2023 encontramos no site a seguinte informação: O Instituto Brasileiro de Museus - Ibram Informa que a Plataforma Museusbr se encontra temporariamente indisponível. O Ibram iniciou tratativas junto ao Ministério do Turismo, responsável pela Plataforma Mapas Culturais, visando o restabelecimento dos serviços e informaremos assim que a situação for normalizada. Contamos com a compreensão de todos. Via e-mail, solicitamos informações, mas não fomos respondidos. Link <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/os-museus/museus-do-brasil/museus-do-brasil>. O acesso direto ao “Mapa dos Museus” a partir do site da Rede Nacional de Identificação de Museus - <https://renim.museus.gov.br/> - também se mostrou inoperante.

¹¹ Disponível em <http://www.rmiberoamericanos.org/> Acessos entre abril e maio 2023.

¹² Instituto Brasileiro de Museus. Guia dos Museus Brasileiros. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011. Disponível em https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_sul.pdf Acesso entre maio e junho de 2023.

Obviamente, no bojo de todos os museus brasileiros, trata-se de um número singelo. Contudo, acreditamos serem significativas as suas trajetórias e o trabalho que desenvolvem, ficando claro, para nós, que a existência destas instituições evidencia que a medicina e a saúde são temas emergentes dentro das questões museológicas, históricas, antropológicas, sociais, entre outras que compõem o diálogo museal.

Nos chama a atenção o fato desta lista estar incompleta. Reconhecemos que nem todas as instituições estão aptas ou contam com equipes que possam dar conta de todas as necessidades, estando aí, talvez, um dos motivos de algumas instituições não figurarem nas listagens que citamos. Outro fator diz respeito ao fato puramente “memorial” dos locais, ou seja, foram criados para algum evento e legados à instituição como um todo, não sendo subordinado a nenhum setor específico. Mesmo nessa situação, estão em funcionamento, atendendo o público, nem que seja o que circula pelos locais em busca de outras atividades. Desta forma, convém listar para conhecimento (Tabela 2):

Tabela 2 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se à “medicina” ou “saúde” e que não estão cadastradas na Plataforma Museusbr e Museus Ibero-americanos¹³.

Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS) – Rio de Janeiro, RJ
Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte, MG
Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF) – Belo Horizonte, MG
Memorial da Medicina de Pernambuco (UFPE) – Recife, PE
Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – Rio de Janeiro, RJ
Museu Vital Brazil – Campanha, MG
Museu de Ciências Morfológicas da Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB
Museu Osório César – Franco da Rocha, SP
Museu de Imagens do Inconsciente – Rio de Janeiro, RJ
Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea – Rio de Janeiro, RJ
Museu de Anatomia Humana Alfonso Bovero – São Paulo, SP
Museu de Microbiologia – São Paulo, SP
Museu Biológico – São Paulo, SP
Museu da Saúde da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora – Juiz de Fora, MG
Museu da Farmácia Prof. Lucas Marques do Amaral – Juiz de Fora, MG
Museu da Misericórdia – Salvador, BA
Museu Inaldo de Lyra Neves-Manta (Academia Nacional de Medicina) – Rio de Janeiro, RJ
Museu da Loucura – Barbacena, MG

Para o Rio Grande do Sul consultamos a Plataforma do Sistema Estadual de Museus – Mapa Digital dos Museus do Rio Grande do Sul¹⁴ e o Guia de Museus do

¹³ Esta lista foi produzida a partir de nosso conhecimento sobre o tema. Para maiores informações sobre cada instituição, consultar: Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS) – <http://www.ccs.saude.gov.br/>; Centro de Memória da Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – <https://www.medicina.ufmg.br/cememor/>; Centro de Memória da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMENF) – <https://www.ufmg.br/rededemuseus/cemenf/>; Memorial da Medicina de Pernambuco (UFPE) – <https://www.ufpe.br/proexc/memorial-da-medicina>; Museu da Vida da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) – <https://www.museudavida.fiocruz.br/>; Museu Vital Brazil – <https://www.vitalbrazil.rj.gov.br/museu-campanha.html>; Museu de Ciências Morfológicas da Universidade Federal da Paraíba – <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/museu-de-ciencias-morfologicas-da-ufpb-da-inicio-a-visitas-guiadas>; Museu Osório César – Ver RIBEIRO, Elielton. O Museu de Arte Osório Cesar: Interfaces entre Museologia, História da Arte e Antropologia. 137 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte). – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021; Museu de Imagens do Inconsciente e Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea – Ver: SICURO, Juliana; GARCEZ, Vitor. Museu de Imagens do Inconsciente e Museu Bispo do Rosário: Revista Prumo, [S.l.], v. 4, n. 7, oct. 2019. ISSN 2446-7340. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/1129>>; Museu de Anatomia Humana Alfonso Bovero – <https://museu.icb.usp.br/>; Museu de Microbiologia – <https://butantan.gov.br/atracoes/museu-de-microbiologia>; Museu Biológico – <https://butantan.gov.br/atracoes/museu-biologico>; Museu da Saúde da Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora – <https://www.santacasajf.org.br/>; Museu da Farmácia Prof. Lucas Marques do Amaral – <https://www2.ufff.br/farmacia/a-faculdade/museu/>; Museu Inaldo de Lyra Neves-Manta (Academia Nacional de Medicina) – Ver SOUZA, João Pedro Nunes de et al. Museus na educação médica: uma revisão narrativa. Revista Brasileira de Educação Médica | 46(4):e128,2022. Disponível em <https://www.scielo.br/rbem/a/X3vcsKsDgS4fRpz7WnvyHkc/?lang=pt#>; Museu da Loucura – BOTTI, Nadja Cristiane Lappann; Cotta, Eline Mascarenhas; CÉLIO, Fabiano de Almeida. Visita ao museu de loucura: uma experiência de aprendizagem sobre a reforma psiquiátrica. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 08, n. 01, p. 52 – 57, 2006. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen>; Museu da Misericórdia – <https://www.museudamisericordia.org.br/> Todos os sites foram acessados em 02/09/2023.

¹⁴ Disponível em <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1TtI2-P4LleCWDa7roTjRBdyI2IYUtv5n&ll=-30.472951148797748%2C-53.66718000000003&z=5> Acesso entre abril e maio 2023.

Rio Grande do Sul, publicado em 2013¹⁵. Assim, além do Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro, enumeramos as instituições que atuam com a perspectiva da história da saúde/medicina e que estão cadastradas (todas estavam em funcionamento até outubro de 2023 (Tabela 3).

Tabela 3 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se à “medicina” ou “saúde” e que estão cadastradas no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEMRS).

Nome da Instituição	Natureza Administrativa	Ano de criação	Cidade
Memorial da Loucura – Hospital Psiquiátrico São Pedro	Público Estadual	Funcionamento: 2001 Criação formal: 2002 ¹⁶	Porto Alegre
Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) ¹⁷	Privado – Sindicato Médico do Rio Grande do Sul	2006	Porto Alegre
Museu Irmão Joaquim Francisco do Livramento, do Centro Histórico Cultural Santa Casa ¹⁸	Privado – Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre	1994	Porto Alegre
Espaço Memória Amarílio Vieira de Macedo do Hospital Moinhos de Vento ¹⁹	Privado – Hospital Moinhos de Vento	2003	Porto Alegre
Centro de Memória da AMRIGS ²⁰	Privado – Associação Médica do Rio Grande do Sul	2000	Porto Alegre
Museu Estadual Oficina de Criatividade (MEOC – HPSP) ²¹	Público Estadual	2022 ²²	Porto Alegre

¹⁵ Guia de Museus do Rio Grande do Sul. 3 ed. Organizado pelo Sistema Estadual de Museus. - Porto Alegre: SEM/RS, Evangraf, 2013. 160p.

¹⁶ Portaria N° 01/02, de 04 de fevereiro de 2002 cria, de forma retroativa, o Serviço de Memória Cultural do HPSP, que já funcionava, segundo o documento, desde 12 de novembro de 2001. CEDOPE HPSP. Portaria N° 01/02. Maço 1. Página 10 – 2002 e 2003.

¹⁷ A proposta, por parte do mantenedor, surge em 2005. Em 2006 é fundado oficialmente e, em outubro de 2007 inaugura sua sede no prédio Histórico do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre. Ver: QUEVEDO, Éverton Reis et al. Educação para o patrimônio a partir da memória da medicina e da saúde pública: ações educativas do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOUZA, Renata Cássia Andreoni de. Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios. Porto Alegre/RS: Selbach & autores associados, 2015.

¹⁸ Plano Museológico 2022-2027. Arquivo institucional.

¹⁹ Ver: ORDOQUE, Christian Astigarraga. **Comunicação e Memória empresarial**: Os Livros Institucionais da Ipiranga - 1962 e 1997. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, 2017.

²⁰ Ver: MEDEIROS, João Gabriel Toledo. Associação Médica do Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO Social. Natal, **Anais...**, 2013. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364480634_ARQUIVO_ApresentacaoNatalRN2013.pdf Acesso em 05/09.2023.

²¹ Portaria N° 49/2022. Institui o Museu Estadual Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (MEOC HPSP), órgão vinculado à Secretaria Estadual da Saúde do Rio Grande do Sul, visando à salvaguarda, à pesquisa, à comunicação e à preservação do acervo da Oficina de Criatividade existente na instituição. PROA n° 21/2000-0064758-3. Disponível em <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202212/09162019-republicacao-portaria-49-2022-dup.pdf> Acesso em 05/09/2023.

²² Embora o Museu seja posterior ao documento usado como base (Guia de Museus do RS, 2013), julgamos significativa a sua criação, denotando mais uma vez a importância dos espaços de saúde para os aspectos de memória e patrimônio. O Museu foi cadastrado no SEMRS logo após sua criação.

Contudo, percebemos para o caso gaúcho o mesmo que ocorre nacionalmente, ou seja, existem outras instituições que não são cadastradas no Sistema Estadual de Museus, mas que atuaram ou atuam em suas respectivas cidades. Sabemos de suas existências em razão de nossa atuação profissional e envolvimento com o tema. Para nosso levantamento (Tabela 4), elas são igualmente importantes, pois, como mencionamos, evidenciam essa leitura do patrimônio cultural da saúde aqui em debate. Se aqui temos essa situação, podemos intuir que o mesmo ocorra em outras unidades da Federação.

Tabela 4 – Instituições Museológicas cuja organização refere-se à “medicina” ou “saúde” e que não estão cadastradas no Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEMRS).

Nome da Instituição	Natureza Administrativa	Ano de criação	Cidade
Serviço de Documentação e Memória do Hospital Sanatório Partenon ²³	Público Estadual	1999	Porto Alegre
Memorial do Hospital de Clínicas de Porto Alegre ²⁴	Público Federal	2011	Porto Alegre
Memorial do Hospital Colônia Itapuã ²⁵	Público Estadual	2014	Viamão
Memorial do Hospital Schlatter ²⁶	Privado – Hospital Schlatter	2017	Feliz
Museu de História da Medicina de Passo Fundo	Privado – Universidade de Passo Fundo	2011	Passo Fundo
Centro de Memória Dr. José Brugger ²⁷	Privado – Hospital Pompéia	1998	Caxias do Sul
Museu da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas ²⁸	Privado – Santa Casa de Misericórdia de Pelotas	2009	Pelotas
Casa da Memória Unimed Federação/RS ²⁹	Privado – Unimed Federação/RS	2019	Porto Alegre

²³ Ver: PICON, Pedro Dornelles; BASTOS, Denise Soares; GARCIA, Paulo. Do isolamento ao sanatório: diferentes práticas e serviços em um espaço de saúde pública de Porto Alegre - de 1909 a 2001. **Boletim da Saúde**. v.14 n.1, p. 133-41, 1999-2000. Disponível em <http://www.boletimdasaude.rs.gov.br/inicial> Acesso em 03/09/2023.

²⁴ Ver: Memorial resgata a trajetória do Clínicas. **Jornal Espaço Aberto**, n. 36 – jan/fev 2012. p. 16-17 <https://www.yumpu.com/en/document/read/53832959/hcpa-inaugura-o-seu-memorial> Acesso em 03/09/2023. Ver também “Memorial online” em <https://sites.google.com/hcpa.edu.br/memorial-hospital-de-clnicas/linha-do-tempo> Acesso em 03/09/2023.

²⁵ Ver MEDEIROS, Helena Thomassim. **Da exclusão à exposição**: Narrativas expográficas do Memorial do Hospital Colônia de Itapuã. Trabalho de conclusão de curso de Museologia da UFRGS, 2015.

²⁶ Mesmo em funcionamento, não localizamos nenhum trabalho pertinente sobre o Memorial. Contudo, como referência sugerimos MENDONÇA, Renato. **Hospital Schlatter – A trajetória de Gabriel, Dóris José e Theo Tássilo**. Edição Independente. Porto Alegre, 2010, que traça um perfil da família de médicos que originou o Hospital (também em funcionamento).

²⁷ Ver: VARELLA, Drauzio. Reflexões sobre a saúde: Infelizmente, os sistemas estão mais preparados para as doenças do passado, não para lidar com aquelas do presente ou do futuro. **Zero Hora**. 02/07/2021. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/drauzio-varella/noticia/2021/07/reflexoes-sobre-a-saude-ckqgto277001g018mid7u1wz7.html> Acesso em 03/09/2023. Ver também: Centro de Memória Dr. José Brugger. Disponível em <http://www.grupoelri.com.br/clientes/pompeia/memoria.php> Acesso em 03/09/2023.

²⁸ Ver: ÁVILA, Darlene Bederode de; SANTOS, Glauco Roberto Munsberg. Formação do museu da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. In: XVIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Anais...** 2009. Disponível em https://www2.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_01508.pdf Acesso em 04/09/2023.

²⁹ Ver: QUEVEDO, Éverton Reis. Memória e Cultura Unimed/RS: Organização de um acervo do cooperativismo médico gaúcho. In: **VI Ofício de Clio**: pesquisadores, acervos e espaços de memória, Ivoti: ISEI, 2018. p.75 – 88.

Com exceção do Memorial do Hospital Colônia Itapuã, localizado na cidade de Viamão, todos os demais seguem em funcionamento. O referido Memorial encontra-se em área hospitalar, dentro do Hospital Colônia Itapuã que atualmente está em processo de extinção pela Secretaria Estadual de Saúde, ao qual pertence³⁰.

No que se refere à pesquisa e à produção bibliográfica, embora as questões envolvendo o campo da história e memória da saúde/ medicina já estejam consolidadas, este é um tema pouco abordado na perspectiva das Ciências Humanas. Em relação às Ciências Sociais Aplicadas, especificamente no campo da Museologia, encontramos um número reduzido de trabalhos. As instituições museológicas citadas acima têm contribuído para a difusão da temática, a partir do incentivo à pesquisa e na publicação de livros e artigos sobre o tema. É o caso do Museu Histórico Professor Carlos da Silva Lacaz, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, um dos museus de medicina mais antigos e organizados do país, que possui uma série de publicações.

Assim, André Mota, coordenador do Museu, publicou, junto a outros autores, artigos que mencionam o Museu Lacaz como fonte de pesquisa, abordando seu acervo como um importante instrumento. É o caso dos trabalhos “Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz: quando a História e a Medicina se encontram”, publicado em parceria com Gustavo Tarelou na revista Cadernos do Patrimônio Cultural de C&T: pesquisa, acervos e instituições em 2015 e “Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz - FMUSP e as pesquisas sobre a Fundação Rockefeller: catálogo seletivo e a democratização do acesso ao acervo”, publicado também em 2015 na obra Racionalidades em disputa: intervenções da Fundação Rockefeller na ciência, medicina e práticas médicas do Brasil e América Latina, organizado por Maria Gabriela S. M. Marinho.

O Instituto Butantan, maior produtor de vacinas e soros da América Latina e o principal produtor de imunobiológicos do Brasil, criado em 1901, e mantenedor do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, Museu Histórico do Instituto Butantan, Museu Biológico e Museu de Microbiologia, também produziu pesquisas na área do patrimônio da saúde. Os trabalhos “O museu como indicador social de saúde:

³⁰ “Saúde dá início a desinstitucionalização de pacientes e ex-pacientes do Hospital Colônia Itapuã”. Publicação: 06/01/2022. Site da Secretária da saúde do Rio Grande do Sul. Disponível em <https://saude.rs.gov.br/saude-inicia-processo-de-desinstitucionalizacao-de-pacientes-e-ex-pacientes-do-hospital-colonia-itapua> Acesso em 07/05/2023.

aproximações possíveis entre museologia e saúde no museu de Saúde Pública Emílio Ribas”, “Museu Histórico do Instituto Butantan: estudo para um novo projeto expográfico” e “Museu Histórico do Instituto Butantan: estudos para uma nova curadoria”, todos de 2019 e respectivamente de autoria de Ellen Nicolau, Raísa Ribeiro da Rocha Reis e Anna Sofia Meyer França, esforçam-se na construção de discussões em torno do Museu do Instituto Butantan, pretendendo descrevê-lo e sugerindo possibilidades para assim torná-lo mais “coerente, atraente e acessível” (Reis, 2019, p. 45).

Também sobre o Instituto Butantan, os trabalhos de Pupato (2019), Bocewicz (2019) e Silva (2020) completam as produções cujo foco são museus e saúde, abordando ações educativas e estudo de público desenvolvidos pela instituição, analisando métodos e propondo soluções.

O Centro Histórico-Cultural Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre (CHC Santa Casa) possui produções sobre a temática e sobre seu acervo, onde salientamos as obras coletivas “Histórias Reveladas”, que buscam congregar produções na área da história e demais pesquisas sobre o tema. Tendo o patrimônio da saúde/medicina como foco, destacamos os artigos de Amanda Eltz e Bianca Ferreira intitulado “Preparar o acervo é preciso! Relatório de caso referente ao museu do Centro Histórico-Cultural Santa Casa”, de 2015. Também destacamos o trabalho “Pesquisa museológica e a máquina de comprimir do Museu Joaquim Francisco do Livramento: Estudo de caso”, de 2017, de Julia Jaeger. Em ambos percebemos pesquisa e discussões patrimoniais com foco nos acervos institucionais.

O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) assim como o Museu Lacaz e o CHC Santa Casa organiza eventos e publicações onde seus acervos são apresentados como importantes nichos e fontes para pesquisa. Assim, em 2016, o Museu publicou obra abordando seus acervos e construindo artigos voltados à memória e ao patrimônio da saúde/medicina, o livro “Museu de História da Medicina: Um Acervo vivo que faz a ponte entre o ontem e o hoje”, organizado por Éverton Reis Quevedo e por Angela Pomatti.

O acervo do MUHM também foi o foco de diferentes pesquisas monográficas no âmbito da Museologia, como, por exemplo, o trabalho de Zingaro Homem de Medeiros (2017) com a pesquisa “A mecânica da cura: a microbiologia e suas implicações sobre a indústria de instrumentos cirúrgicos” onde analisou a

constituição dos equipamentos cirúrgicos que compõem o acervo do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul, chegando inclusive a seus fabricantes.

Angela Beatriz Pomatti (2016), na pesquisa “De sucata à museália: a trajetória de um objeto museológico, o Pulmão de Aço do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul”, acompanha este objeto, o pulmão de aço, desde antes de sua chegada ao museu, o processo de documentação e a sua inserção na exposição de longa duração. Tendo também como foco o acervo do MUHM, Vera Conceição Cruz Quintana, no trabalho intitulado “A musealização da Máscara de Ombredanne: a pesquisa museológica na preservação de um objeto” (2021), percorre a trajetória de um objeto e como este se tornou um dos itens mais relevantes em exposição na sua instituição de guarda.

A partir destas produções podemos perceber a diversidade das discussões e interlocuções que os objetos, coleções e acervos podem suscitar quando questionados por diferentes prismas teórico-metodológicos. Cabe salientar a importância desses espaços culturais que se dedicam à preservação do patrimônio cultural da saúde e que compreendem que a pesquisa é função essencial para sua sustentabilidade e existência. Mapear, conhecer e reconhecer esses espaços e as múltiplas produções científicas que se originam a partir de seus acervos evidencia que o patrimônio cultural da saúde é amplo e pode suscitar uma gama de reflexões e análises sob diferentes perspectivas, mas, sobretudo, no campo da Museologia e do Patrimônio.

Com base nesse levantamento significativo para compreender o cenário que envolve o objeto de estudo desta dissertação, é relevante abordar determinados aspectos históricos que contribuem com a construção de uma ideia de loucura no âmbito da saúde para que, na sequência, seja possível analisar a exposição de longa duração do Memorial do HPSP.

3 HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DA SAÚDE: UM OLHAR SOBRE O HOSPITAL PSQUIÁTRICO SÃO PEDRO

Para o entendimento deste processo histórico e museal, apresentaremos neste capítulo algumas concepções que balizaram a construção do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Esta instituição hospitalar criada no século XIX tornou-se importante componente para o entendimento de questões sócio-históricas ligadas à saúde, ou seja, dentro da perspectiva do patrimônio cultural da saúde a Instituição apresenta-se como um importante *locus* de acervos e vivências que se materializam em seu Memorial no presente, mesmo que, como veremos, este apresente algumas especificidades em sua concepção, dificultando certas análises.

3.1 A SAÚDE NO SÉCULO XIX: BREVE ANÁLISE

De acordo com Desvallées e Mairesse (2013), a ideia de patrimônio está irremediavelmente ligada à noção de perda ou de desaparecimento potencial. Segundo os autores:

Pode ser considerado como patrimônio todo objeto ou conjunto, material ou imaterial, reconhecido e apropriado coletivamente por seu valor de testemunho e de memória histórica e que deve ser protegido, conservado e valorizado (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 74).

Nesse sentido, tomando tal definição e direcionando para nosso objeto de estudo, verificamos que o patrimônio da saúde/medicina nos últimos anos tem significado uma tentativa de salvaguardar resquícios importantes de uma trajetória que também se liga à ciência e, assim, à sociedade.

Cabe salientar a relevância de compreender a constituição desse patrimônio cultural da saúde. Segundo Foucault (1984), o hospital constitui-se em um “campo documental”, não sendo somente um lugar de cura, mas de registro, acúmulo e formação do saber. Neste sentido, o Hospital Psiquiátrico São Pedro e a Santa Casa de Misericórdia da Porto Alegre, com seus prédios e acervos tridimensionais, documentais e bibliográficos, ao construírem exposições, formam um conjunto importante para análises museológicas e sociais.

Na área da História, talvez estas questões já estejam mais claras. No âmbito dos museus, Carvalho (2017) pontua que essa instituição cultural “é um produto da civilização onde todos os demais produtos são documentados e, nesse processo, o humano se reconhece como parte do refinamento cultural a que se submete”. Segundo a autora, essa relação caracteriza-se por uma atividade específica de preservar e coletar objetos para fins culturais e educacionais.

Pensando nisso, e a partir da bibliografia sobre história da saúde e da medicina, podemos perceber que nos séculos anteriores ao XIX as questões ligadas à saúde não pertenciam à esfera terrestre. Percebemos também que o conceito de saúde reflete uma conjuntura social, econômica, política e cultural, ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas, dependerá da época, do lugar, da classe social, de valores individuais e de concepções científicas, religiosas e filosóficas (Scliar, 2007).

Devido à valorização dos preceitos gregos no XVIII a partir do Renascimento, a teoria dos “humores corporais” formulada por Hipócrates (século IV-V a.C.) ganhou força. Segundo essa teoria, o corpo era constituído por quatro humores: sangue, fleuma, bile amarela e negra. Por sua vez, cada humor possuía qualidades: o seco, o frio, o quente, o amargo, o doce, etc. A mistura equilibrada das qualidades dos humores era o que definia a saúde do organismo, enquanto a doença era explicada como predomínio de uma qualidade sobre a outra (Pereira, 2002, Abreu, 2011)³¹.

A influência de tal teoria estendeu-se na Medicina até o século XIX, onde os esforços estavam concentrados na harmonização de tais humores. Dentre todos os tratamentos possíveis, os mais citados pela literatura e que tiveram sua aplicação até mesmo no século XX estão os remédios purgativos e as sangrias.

Centrando nosso olhar no século XIX, período em que nossas instituições em análise são criadas, podemos dizer que ele manteve muito da filosofia dos séculos anteriores, pois, embora no XVIII as camadas mais letradas de Portugal tenham tentado colocar o Brasil em sintonia com as transformações operadas pela ciência moderna (Abreu, 2011), o processo foi considerado sem efeito, refletindo esse atraso em todos os seus domínios (Rosa, 2012).

³¹ Sobre Humores, ver: REZENDE, J. M. **À sombra do plátano**: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Dos quatro humores às quatro bases, p. 49-53. Disponível em: <http://books.scielo.org>.

Carlos Augusto de Proença Rosa (2012, p. 29) coloca-nos que o espírito metafísico, dominante no século XVIII³², no qual a ciência seria usada para “confirmar a autoria divina dos fenômenos físicos e sociais”, foi superado em parte, pois durante boa parte do século XIX as considerações em relação aos doentes apontavam para o fato do mesmo estar sendo punido por algum erro pessoal, fosse em relação às prescrições religiosas ou por uma falta de ordem moral e social.

Neste período a instituição “hospital” era pensada não como um lugar de cura, mas de abrigo e de conforto para os doentes. Com Foucault sabemos que o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres e também de exclusão, uma vez que, recolhendo os “despossuídos”, protegiam-se os outros dos perigos por eles encarnados. Nessa época o hospital era um “morredouro”, onde o doente iria receber os últimos cuidados e sacramentos: “O hospital... tinha a função de transmissão entre a vida e a morte, de salvação espiritual, mais que material, aliada à função de separação dos indivíduos perigosos para a saúde geral da população” (Foucault, 2000, p. 101-102).

Outra concepção recebida pelo século XIX foi a crença de que os Trópicos eram mais propensos a causar malefícios à saúde. Somando a esse medo, estava o conceito de “miasmas”, ou seja, as doenças tinham sua origem a partir de matéria orgânica em putrefação e nas águas estagnadas. Assim, locais sujos e putrefatos das cidades (como cemitérios) exalavam emanações miasmáticas que, corrompendo o ar, transmitiriam doenças à população (Silveira, 2009, p. 21).

Dentro da mesma concepção de miasmas, outra questão presente diz respeito à crença de que a “concentração de gentes” poderia acarretar no desenvolvimento de algum mal: “... a transpiração de muitas pessoas juntas em um mesmo lugar” faria o espaço insalubre³³.

Contudo, em decorrência das transformações econômicas e políticas do período 1800-1900, algumas iniciativas surgiram no campo da saúde, como a

³² Para mais informações sobre saúde e doença no Brasil Colônia ver: GURGEL, Cristina. **Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos**. São Paulo: Contexto, 2011.

³³ Ao perceber qualquer anormalidade sanitária, medidas que proibem aglomerações são utilizadas pelas autoridades. “Para evitar a influenza todo indivíduo deve fugir das aglomerações, principalmente à noite; não frequentar teatros, cinemas, etc.” (BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. “Conselhos ao povo”: educação contra a influenza de 1918. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 23, n. 59, abr. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622003000100008> Acesso em 02/04/2021.

vigilância do exercício profissional e a realização de algumas campanhas (Bravo, 2001).

Segundo Costa (1971), a transferência da Corte para o Rio de Janeiro em 1808 marcou também o surgimento das preocupações com a saúde, por questões óbvias, tendo em vista que agora havia um rei, uma rainha e uma série de pessoas que necessitavam de atenção especial. Até aquele momento só existia na colônia a Junta Proto-Medicato. D. João VI então restabelece os cargos de Físico-Mor e de Cirurgião-Mor dos Exércitos (extintos com o Proto-Medicato). Ao Físico-mor cabia o combate às epidemias e a resolução de problemas de saneamento.

A vinda da Família Real ao Brasil, em 1808, criou a necessidade da organização de uma estrutura sanitária mínima capaz de dar suporte ao poder que se instalava na agora sede do Reino. Na medida em que se deslocavam de Salvador para o Rio de Janeiro, núcleos de ensino formal foram sendo criados. A Escola Médico-Cirúrgica da Bahia foi o primeiro estabelecimento de ensino superior do Brasil, seguida pela Escola Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, ambas transformadas em Faculdades de Medicina em 1832³⁴ com a reforma do ensino (Schwarcz, 1993).

Em relação às legislações criadas para atender às questões de saúde, Witter (2007) coloca-nos que, em função da ocorrência de epidemias no Rio de Janeiro e da verificação do recrudescimento da cólera na Europa, o Império resolveu adotar medidas que culminaram na criação, em 12 de fevereiro de 1850, da Comissão Central de Saúde Pública que, em 14 de setembro do mesmo ano, foi substituída pela Junta de Higiene Pública, a qual, pelo regulamento de 29 de setembro de 1851, passou a ser chamada de Junta Central de Higiene Pública. Relacionadas a esta, em cada província haveria Comissões de Higiene Pública.

Mesmo com algumas ações percebemos a falta de um modelo sanitário para o país, o que deixava as cidades brasileiras à mercê das epidemias. Podemos perceber no século XX os problemas herdados do XIX: a cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, apresentava um quadro sanitário caótico, caracterizado pela presença de diversas doenças graves que acometiam a população, embora essas questões tivessem se tornado tema de pesquisa e vigilância, na tentativa de transformar as

³⁴ Antes da referida Reforma, as Escolas foram reorganizadas segundo o projeto de Manuel Luis Alvaro de Carvalho, sendo transformadas, a do Rio de Janeiro em 1913 e a da Bahia em 1815, em Academias Médico Cirúrgicas (Schwarcz, 1988).

idades coloniais em cidades modernas (BRASIL, 2007). De acordo com Luz (1984) no Brasil, a partir do século XX, assumem maior importância doenças consideradas de *massa*, entre elas a lepra, malária, esquistossomose, verminoses, chagas e tuberculose.

Contudo, ao longo do século XIX avanços na Cirurgia, por exemplo, que se deram devido à maior importância ganha pela anatomia e às suas descobertas, bem como a introdução da anestesia e da assepsia, contribuíram para a alteração deste quadro no século seguinte, como nos coloca Betânia Gonçalves Figueiredo (2008).

3.2 A PSIQUIATRIA E O HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO

Erving Goffman (1996) chamou, já na introdução de sua obra icônica “Manicômios, prisões e conventos” - publicado pela primeira vez em 1961, os hospitais para doentes mentais, de “instituições totais”. O autor explica que toda instituição tem tendências de “fechamento”; contudo, algumas são muito mais “fechadas” do que outras:

Seu "fechamento" ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais [...] (Goffman, 1996, p. 16).

Estes locais foram estabelecidos, segundo o autor, para “cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não intencional” (Goffman, 1996, p. 16-17). Tais locais acabaram por constituir mecanismos e dinâmicas que causaram uma série de “deformações” nas pessoas ali “fechadas”, pois suas identidades foram suplantadas pela instituição, que as rotulou e as padronizou.

Goffman (1996) fala de uma perspectiva já modernizada, que tem no século XX um viés que Salles (1971) chamou de “curativa”, ou seja, esta instituição total, já dentro de uma perspectiva médica moderna, deveria buscar a cura dos internados, prática iniciada com Philippe Pinel (Salles, 1971).

Antes disso, contudo, aos alienados era facultado o direito de viverem em espaços públicos aqueles que não apresentavam perigo à sociedade e nas cadeias

ou em “hospitais improvisados” – geralmente acorrentados aqueles tidos como violentos.

No Brasil os acometidos pelas moléstias mentais eram relegados à própria sorte até a criação do Hospício Pedro II³⁵, no Rio de Janeiro:

No interior do país, lugar de doido era mesmo a cadeia, quando agitados. Os mansos vagueavam pelas ruas, sendo alvo de troças de pessoas menos educadas. Quando José Clemente Pereira, ao assumir a provedoria da Misericórdia, encetou reformas de vulto, uma de suas primeiras metas foi obter um hospital próprio para os alienados. Nasceu assim, o Hospício Pedro II, criado pelo Decreto 82, de 18/07/1841, começando as obras de sua construção em 7 de setembro de 1842 e inaugurado em 8 de dezembro de 1852, funcionando até 1944 (Salles, 1971, p. 124, grifos nossos).

Facchinetti (2018, p. 361) diz que os autores do século XIX chamavam a atenção para a necessidade do Brasil construir um serviço que orientasse a assistência aos alienados em todo o território, pois, segundo eles, “a realidade dos alienados no Brasil ainda era semelhante à situação francesa antes de Pinel”, ou seja, a indigência total. Este médico, considerado por Facchinetti (2008, p. 512) “peça-chave da primeira revolução psiquiátrica”, foi o responsável pela configuração da loucura em doença mental³⁶, marco decisivo, mas sempre questionável e criticável. De acordo com Pereira (2004, p. 114):

A inovação pineliana, contudo, não residia na preocupação humanitária e filantrópica no tratamento dos pacientes. Tal tendência já era nitidamente observável, mesmo antes de Pinel, no contexto europeu, sobretudo com as experiências inglesas, como as de William Tuke, em York, e Haslan, no Hospital de Bethleen, em Londres. O que surge de efetivamente novo sob a influência do grande alienista francês é a associação dessa postura tolerante e humanista, bem ao gosto do espírito do tempo da Revolução Francesa, com o esforço de estudar racional e metodicamente o fenômeno da alienação (Pereira, 2004, p. 114).

Se pensarmos nas proposições acima, podemos imaginar uma alteração nas percepções em relação aos alienados, agora então doentes. Uma leitura nos daria essa “sensação”. Contudo, sabemos como pesquisadores e cidadãos que tais propostas mesmo no século XXI carecem de maiores luzes. São inúmeros os casos

³⁵ De acordo com Cristiana Facchinetti e Ana Teresa A. Venâncio (2018), a instituição foi chamada de Hospício de Pedro II durante o Império e com a proclamação da República, passou a denominar-se Hospício Nacional de Alienados, e, em 1911, ganhou o nome de Hospital Nacional de Alienados. Em 1927 foi renomeado como Hospital Nacional de Psicopatas.

³⁶ Sobre Phillipe Pinel, ver: Tratado médico filosófico sobre a alienação mental ou a mania. Tradução de Joice A. Galli. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

de tratamento degradante recebido por internos, mesmo após as Políticas Públicas Antimanicomiais³⁷.

No Rio Grande do Sul as preocupações com o abrigo de alienados ocorreram, segundo Korndorfer (2008, p. 27), ao longo do século XIX, quando a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre passou a receber valores do governo provincial para isso. Segundo Wadi (2002), desde 1834 discutia-se a necessidade da construção de um espaço específico para o tratamento destes doentes; contudo, não havia unanimidade quanto ao tema.

As preocupações de ordem médica não existiam, a não ser em relação a moléstias comuns que acometiam os internos: “[...] Não há nenhuma referência a qualquer tratamento dado aos internos alienados visando curá-los [...] Bastava separá-los do convívio social e escondê-los” (Wadi, 2002, p. 50).

As dificuldades na gestão levaram à necessidade de construção de um espaço maior, sendo frequentes as queixas dos provedores da Santa Casa, até que em 1873, quando assume a provedoria da Santa Casa o irmão José Antonio Coelho Junior e a luta por um espaço próprio para os alienados ganha corpo.

A partir deste ano, e durante quase uma década, as queixas - comuns nos relatórios do provedor anterior, Lima e Silva - são acrescidas de argumentos que buscam justificar a necessidade de transformações efetivas no cenário da Misericórdia. Inseridas nos relatórios anuais que Coelho Junior apresenta à mesa diretora da Santa Casa, as críticas à realidade da instituição, especialmente ao Asilo de Alienados, e os pedidos insistentes por transformações fazem do provedor a figura de proa na luta pela construção do hospício de alienados (Wadi, 2002, p. 52).

Os recursos para a construção do Hospício foram obtidos com doações e com a concessão de loterias e o lançamento da pedra fundamental ocorreu em 19 de março de 1876. Contudo, uma série de impasses financeiros e logísticos fez com que somente em 1884, no dia 29 de junho – Dia de São Pedro, a instituição fosse inaugurada. Construído numa região relativamente longe do centro da cidade, na Estrada do Mato Grosso, a planta foi elaborada por Alvaro Nunez Pereira. De 1884 a 1925 chamou-se Hospício São Pedro, depois, de 1925 a 1962, Hospital São Pedro e, desde 1962, chama-se Hospital Psiquiátrico São Pedro (Korndorfer, 2008) (Figuras 1 e 2).

³⁷ Daniela Arbex, na obra *Holocausto Brasileiro* relata o descaso das autoridades brasileiras nos hospitais psiquiátricos. Ver: ARBEX, Daniela. *Holocausto Brasileiro*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

Figura 1 – Hospital Psiquiátrico São Pedro – Primeiras décadas do Século XX.



Fonte: Reprodução: Alves; Serres, 2009, p. 37.

Figura 2 – Hospital Psiquiátrico São Pedro – 2019.



Fonte: Reprodução: Hospital Psiquiátrico São Pedro: Livro de Visitantes, 2019, p. 88-89.

A instituição foi percebida pela comunidade gaúcha como alternativa para “recolher pessoas não desejáveis para o convívio coletivo”, sendo a doença mental muitas vezes usada como pretexto para retirar das ruas das cidades pessoas detentoras de comportamentos que destoavam da ordem que se queria. Contudo,

“além das doenças mentais, essas instituições recebiam deficientes físicos, como paraplégicos, cegos e surdos e aqueles portadores de doenças crônicas como a tuberculose e a sífilis” (Cruz, 2022, p. 126), o que contribuiu para a superlotação rápida do espaço asilar.

De acordo com o primeiro Regulamento do Hospício São Pedro, elaborado no ano de sua fundação, a Instituição era destinada para asilo, tratamento e curativo de alienados de ambos os sexos.

O Hospício poderia receber alienados indigentes e pensionistas. Os indigentes seriam alimentados, vestidos e tratados gratuitamente. Já para ser pensionista - e receber um tratamento diferenciado - era necessário realizar o pagamento de uma pensão mensal. Os pensionistas estavam divididos em três classes:

1° classe: teriam direito a quarto especial com tratamento especial, devendo pagar a quantia diária de 2\$000 (dois mil réis);

2° classe: teriam direito a quarto para dois alienados com tratamento especial. O pagamento era de 1\$500;

3° classe: seriam alojados em enfermarias gerais, pagando 1\$000 (Alves; Serres, 2009, p. 26).

Segundo Alves e Serres (2009, p. 26), o hospital estava dividido espacialmente em “dormitórios e quartos para alienados tranquilos, em quartos fortes para os agitados, e enfermarias especiais para os doentes” e, em relação à organização e ao funcionamento, os membros da administração, particularmente o Provedor, deveriam fazer frequentes visitas aos dormitórios e aposentos dos alienados, procurando conhecer por si mesmos o estado mental dos internos para tomarem providências sobre alguma irregularidade, abuso ou detenção indevida. O regulamento ainda previa que apenas um médico atenderia a Instituição, sendo auxiliado por um farmacêutico (Alves; Serres, 2009).

Inaugurado apenas com parte de seu projeto original finalizado, o Hospital carecia de espaço desde seu início. O excesso de internos dificultava o tratamento. Esta questão acentuou-se a partir de 1940, com o crescimento populacional, e só apresentou melhora a partir de 1960 com o surgimento de tratamentos farmacológicos (Brofman, 2019).

Ao longo dos anos, então, tais questões administrativas, médicas e socioculturais geraram reportagens nos veículos de comunicação, sempre denunciando o estado precário das acomodações e do próprio tratamento. Nas Figuras 3 e 4 podemos ver reproduções da década de 1950 e 1960, onde o Jornal Diário de Notícias traz informações sobre o estado da instituição.

Na reportagem de 1958 (Figura 3), o jornal traz a seguinte manchete: “No reino da loucura’ há mais homens que mulheres”, e segue: “Os números frios das estatísticas revelam curiosidades do velho Hospital São Pedro”. A superlotação é a pauta, assim como o apelo às autoridades e comunidade para ajudarem a instituição.

Figura 3 – Pacientes no banho de sol Diário de Notícias. Ano XII -19 de dezembro 1965, p.02



Fonte: Biblioteca Nacional Digital; Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 03/09/2023. Foram usadas as seguintes palavras-chave para a pesquisa: Hospício São Pedro

Em 1968, o mesmo jornal retoma a mesma questão (Figura 4) na matéria intitulada “Aqui, a mansão da loucura” (não estamos dizendo que nesse hiato de 10 anos não ocorreram outras “denúncias”, mas sim, que os problemas, passados 10 anos, seguiam). A matéria era taxativa e assustadora ao tratar o problema como

algo gigantesco para a sociedade. O apelo estava na construção de mais hospitais ou na melhoria do atual, ampliando seu quadro de pessoal e instalações:

Nos Hospitais Psiquiátricos de Póрто Alegre, encontra-se internados cinco mil e quinhentos doentes mentais, dos quais quais mil e quinhentos, no Hospital Psiquiátrico São Pedro. **E para cada doente mental internado em hospitais, existe um aqui fora.** A média mensal de internamentos é de mil doentes, dando uma média de 12 mil por ano. Dêsses, nove mil e quinhentos vão para o Hospital São Pedro. **Calcula-se que, no Rio Grande do Sul, 50 mil crianças, que se encontram em idade escolar precisarão, qualquer época de suas vidas, de hospital psiquiátrico** para tratamento. **Uma pessoa em cada grupo de vinte, no Rio Grande do Sul será doente mental, alguma época de sua vida e um em cada dez precisará de tratamento psiquiátrico.** O Departamento Estadual de Estatísticas, em 1966 declarou que a população de nosso Estado andava por volta dos 6 milhões e 650 mil habitantes. Entre eles se encontram 400 mil pessoas que apresentam alguma forma de distúrbio mental, ou seja, **6% da população** (Diário de Notícias, 30 de junho de 1968, pág. 08. Biblioteca Nacional Digital; Fundação Biblioteca Nacional, grifos nossos).

Figura 4 – Diário de Notícias, 30 de junho de 1968, pág. 08.



Fonte: Biblioteca Nacional Digital; Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/> Acesso em 03/09/2023. Foram usadas as seguintes palavras-chave para a pesquisa: Hospício São Pedro.

Esses problemas institucionais eram frequentes em vários outros hospitais do Brasil. Correia (2020), traçando o perfil de uma instituição no Nordeste brasileiro da década de 1930, expõe trajetórias de mulheres internadas no Hospital de Alienados da Tamarineira, onde as ideias de “embaquecimento e melhoramento da raça”, correntes naquele período, são as justificativas para o controle e subjugação dos corpos.

Com as práticas de intenso sofrimento físico e psíquico, as mulheres sem grande domínio sobre seu corpo, já violentadas pelo próprio “massacre” de uma rotina hospitalar “degradante”, tinham esse corpo colocado à prova pelos psiquiatras — especialmente quando os métodos psicoterapêuticos foram sendo substituídos por abordagens físicas, majoritariamente para os indivíduos que não tinham uma melhor condição financeira —, já que a falta de qualquer tipo de restrição e regulamentação das práticas medicamentosas levaram a diversos experimentos com efeitos colaterais até irreversíveis, ou seja, a morte nos leitos psiquiátricos (Correia, 2020, p. 96-97).

Abordando a vida asilar, na década de 1970, no Complexo Psiquiátrico do Juquery, em Franco da Rocha, na Região Metropolitana de São Paulo, Farias e Sonim (2014) são contundentes, e assim como a já citada por nós, Arbex (2013), mostram a realidade crua do que se tinha nos hospitais psiquiátricos brasileiros: excesso de pacientes, poucos profissionais e uma vontade quase nula das autoridades em melhorar as políticas públicas de saúde mental.

Contudo, estas queixas tratam de algo comum em relação a todas as instituições como o Hospital Psiquiátrico São Pedro ao redor do mundo, inclusive nos dias atuais³⁸. Sintomático deste problema que acometeu tais instituições é a matéria publicada no Daily Mail em 10/06/2013, intitulada “*The chilling pictures of suitcases left in a New York insane asylum by patients who were locked away for the rest of their lives*”³⁹ (As imagens assustadoras de malas deixadas em um manicômio de Nova York por pacientes que foram trancafiados para o resto de suas vidas – tradução livre).

As imagens da reportagem mostram malas deixadas no manicômio Willard Asylum for the Chronic Insane, de Nova York, EUA, entre os anos de 1910 a 1960. Embora tivesse surgido, em 1869, com o objetivo ser um diferencial no tratamento psiquiátrico, a Instituição foi frequentemente associada aos maus-tratos. O local encerrou suas atividades em 1995. Reproduzidas em muitos sites especializados no

³⁸ Por exemplo: QUARESMA, Flaviano. Torturas, maus-tratos, mortes em hospitais psiquiátricos e abrigos. Até quando? 25/07/2017. Associação Brasileira de Saúde Coletiva – Abrasco. Disponível em <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/torturas-maus-tratos-mortes-em-hospitais-psiquiatricos-e-abrigos-ate-quando/29744/> Acesso em 03/09/2023; ALCÂNTARA, Thalys. Vítimas nuas, dopadas e torturadas: o horror na clínica de pastores: Internos resgatados de clínica clandestina em Goiás falam de pessoas amarradas, roupas arrancadas, água gelada e tapas como castigo. Jornal Metrôpoles. 03/09/2023. Disponível <https://www.metropoles.com/brasil/vitimas-nuas-dopadas-e-torturadas-o-horror-na-clinica-de-pastores> Acesso 03/09/2023.

³⁹ ZENNIE, Michael. *The chilling pictures of suitcases left in a New York insane asylum by patients who were locked away for the rest of their lives*. Daily Mail. 10/06/2013. Disponível em <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2338714/The-chilling-pictures-suitcases-left-New-York-insane-asylum-patients-locked-away-rest-lives.html> Acesso em 03/09/2023.

debate manicomial, inclusive no Brasil⁴⁰, as análises das malas deixam evidente o pouco cuidado com as pessoas, demonstrando que nessas instituições a tônica humana era deixada de lado por um novo tratamento que tornava as pessoas meros testes.

Conforme Dias (2007), é importante definir o que se entende por reforma psiquiátrica. Segundo a autora, um dos entendimentos possíveis compreende a reforma como mera reorganização dos serviços e modernização da instituição psiquiátrica, seguindo as orientações dos organismos internacionais e sob a ótica da humanização da atenção. Nessa percepção, para Magnus (2009, p. 50), “se as instituições psiquiátricas perderem seu caráter asilar e adotarem relações mais respeitadas com os seus assistidos, a reforma psiquiátrica está feita”.

Dias (2007) também nos diz que outra perspectiva refere-se a um conjunto de transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais. No Brasil, tal perspectiva tem início com a I Conferência Nacional de Saúde Mental, realizada em Bauru em 1987. Deste evento nasceu a “Carta de Bauru”, que exigia da sociedade ações que repensassem as políticas manicomiais no país.

É preciso sustentar que uma sociedade sem manicômios reconhece a legitimidade incondicional do outro como o fundamento da liberdade para todos e cada um; que a vida é o valor fundamental; que a sociedade sem manicômios é uma sociedade democrática, socialista e anticapitalista. NENHUM PASSO ATRÁS: MANICÔMIO NUNCA MAIS! POR UMA SOCIEDADE SEM MANICÔMIOS! (Trecho da Carta de Bauru - 30 anos, 2017 – Correia; Sousa Junior, 2020, p. 1624).

Assim, de acordo com Correia e Sousa Junior (2020), o Movimento Nacional da Luta Antimanicomial (MNLA) nasceu em dezembro de 1987, após a I Conferência Nacional de Saúde Mental (junho/1987), no II Congresso Nacional dos Trabalhadores em Saúde Mental, realizado em Bauru - SP, com o lema “Por uma sociedade sem manicômios”.

⁴⁰ No Brasil, o material foi publicado e discutido pela Rede Humaniza SUS. Rede social dos trabalhadores, gestores e usuários do SUS: SOUSA, Emilia Alves. **400 malas descobertas em um asilo psiquiátrico**. 01/02/2015. Disponível em <https://redehumanizasus.net/88660-400-malas-descobertas-em-um-asilo-psiquiatrico/> Acesso em 05/09/2023 e, pelo portal (En)Cena mantido pelos cursos de Psicologia, Ciência da Computação, Sistemas de Informação e Engenharia de Software da Ulbra Palmas/TO: OLIVEIRA, Aislane Cristina de. **Sobre malas e manicômios: memórias dos esquecidos**. 18 de agosto de 2013. Disponível em <https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/sobre-malas-e-manicomios-memorias-dos-esquecidos/> Acesso em 08/09/2023.

[...] que exigia que os hospitais psiquiátricos fossem substituídos por outras formas de tratamento, capazes de garantir a dignidade e a liberdade das pessoas em sofrimento mental, com base nos seus direitos. Naquele momento, com o Manifesto de Bauru, documento da fundação do MNLA, este é identificado enquanto movimento social, como veio a se confirmar no I Encontro Nacional da Luta Antimanicomial realizado em Salvador-BA, no ano de 1993, com o lema “O Movimento Antimanicomial como movimento social” (Correia; Sousa Junior, 2020, p. 1628).

Desta forma, a reforma psiquiátrica é entendida como um processo de “reversão do modo manicomial e hospitalocêntrico de enfrentar o fenômeno do transtorno mental e do sofrimento psíquico, com a centralidade da cidadania dos sujeitos, inseridos numa histórica e determinada sociedade” (Magnus, 2009, p. 51).

Ainda de acordo com Magnus (2009), na esfera legislativa, o projeto de Lei nº 3657/89, conhecido como Lei da reforma psiquiátrica, começou a tramitar no Congresso em 1989, sendo somente aprovado, após várias alterações, em 2001 e, durante este período, oito estados brasileiros aprovaram Leis de Reforma Psiquiátrica, entre eles o Rio Grande do Sul.

A Lei Estadual nº 9.716/92, que dispõe sobre a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul, determina:

[...] a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por uma rede de atenção integral em saúde mental e inclui regras de proteção aos que padecem de sofrimento psíquico, especialmente quanto às internações psiquiátricas compulsórias. Determina ainda, a extinção dos manicômios por uma rede substitutiva de serviços a atenção integral à saúde mental⁴¹.

A despeito dos problemas em sua efetivação, segundo Gastal (2007), a reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul é lembrada como um modelo, sendo o Estado pioneiro e resolutivo nas ações e serviços identificados com a reforma. No cenário mais recente, o HPSP é uma referência no tratamento psiquiátrico, sendo seus pacientes atendidos no modelo “residenciais terapêuticos⁴²”, tendo o atendimento pela rede SUS a partir dos CAPS (Centros de Atenção Psicossocial):

⁴¹ Lei nº 9.716 de 07 de agosto de 1992. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Sistema LEGIS - Texto da Norma. Disponível em http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_IDNorma=15281 Acesso em 04/09/2023.

⁴² Sobre Residenciais Terapêuticos, ver: SILVEIRA, MFA., SANTOS JUNIOR, HPOS., orgs. Residências terapêuticas: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 320 p. Disponível em <https://static.scielo.org/scielobooks/pgwpg/pdf/silveira-9788578791230.pdf> Acesso em 29/10/2023.

[...] primeiro CAPS, em 1987, na cidade de São Paulo, intitulado CAPS Professor Luiz da Rocha Cerqueira. Atualmente os CAPS são o “carro-chefe” da Reforma Psiquiátrica, diferenciando-se do manicômio pela qualidade de suas respostas e dependência de toda a rede. Tem como objetivo ofertar cuidado para as pessoas com transtornos mentais, de forma territorializada, visando à organização da rede de serviços de saúde mental, a construção de projetos terapêuticos singulares, o suporte à saúde mental na Atenção Básica e unidades hospitalares, entre outras atividades (Silva et al, 2018, p. 348-349).

Tanto os residenciais terapêuticos quanto os CAPS buscam um modelo que priorize a reabilitação e a reintegração psicossocial do portador de transtornos mentais, ofertando acesso ao trabalho, ao lazer, ao exercício dos direitos civis e fortalecimento dos laços familiares. Nesse sentido, cabe reforçar que o HPSP segue ativo e atuante dentro dessas novas perspectivas, mantendo-se como uma referência de atendimento à saúde mental em nosso estado, ressignificando sua trajetória frente aos desafios contemporâneos que se apresentam. No próximo subcapítulo abordaremos a formação do Memorial da Loucura, instituição cultural voltada à preservação dessas muitas histórias do HPSP e, na sequência, analisaremos as muitas narrativas presentes em sua exposição de longa duração.

3.3 O SERVIÇO DE MEMÓRIA CULTURAL E O MEMORIAL DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO

Para este trabalho convém abordar a perspectiva que envolve o termo “memorial”. Barcellos (1999) afirma que uma das características do “memorial” é a exaltação institucional, um espaço para homenagens, como também nos diz Marroni (2011), que inclusive chama atenção para o fato deste não ser um processo recente:

En los años veinte y treinta del siglo xx se creó un número considerable de monumentos memoriales de la primera guerra mundial, pero éstos no llegaron a conformarse plenamente como espacios museísticos, o en otras palabras, no trascendieron su función conmemorativa y ornamental. Además, estos monumentos en conmemoración de la guerra mantenían, tanto en su estructura como en su mensaje, los esquemas decimonónicos: se enaltecían valores intangibles, como el honor, el sacrificio y la valentía, a la vez que se reforzaba un ideal nacionalista (Marroni, 2011, p. 27).

É perceptível a presença dessas especificidades no objeto de estudo desta Dissertação, o Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro, o qual se

insere em uma perspectiva laudatória, que exalta a instituição e os profissionais médicos em especial, conforme veremos na sequência do trabalho.

Dantas (2014, p. 02) também nos diz que o conceito de memorial refere-se a uma “tipologia de museu cuja proposta vislumbra a monumentalização de um agente ou grupo específico”. Para Ramos e Miranda (2021, p. 45), esta concepção acaba por diferenciar-se “da definição dada aos museus em Santiago do Chile, em 1973, pois não se trata de uma instituição a serviço da sociedade, mas de uma instituição a serviço de fins específicos do Estado ou de outra instituição”.

Os memoriais, diferentemente dos museus, atendem a interesses específicos de divulgação, conservação e valorização de uma memória específica de uma determinada instituição (pública, privada, jurídica ou física). Suas semelhanças com museus se dão apenas pela forma. Conforme os estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM), “assimilam-se aos museus as bibliotecas públicas, e os centros de arquivos que mantêm em permanência salas de exposição”, portanto, qualquer lugar de memória que obtiver exposição não obrigatoriamente será um museu (Ramos; Miranda, 2021, p. 45).

A partir destas colocações, podemos também dizer que os memoriais acabam por ter um público mais específico, de fato mais interessado no assunto sobre o qual o referido memorial destina-se.

Segundo Axt (2012, p.66), embora o memorial tenha características expositivas, “ele não é ancorado num acervo, ele pode, ao longo da sua existência, formar seu acervo”. Entendemos assim que um memorial possa surgir apenas de uma vontade institucional, como o nosso objeto de estudo, que ao longo dos anos formou seu acervo a partir de uma vontade institucional de sua direção, como mostram os documentos que apresentaremos adiante.

No caso do HPSP, a direção do Serviço de Memória Cultural do hospital possui um acervo interessante sobre sua trajetória. Estes arquivos, separados em maços, estão organizados de forma cronológica, presos por cliques, grampos ou sacos plásticos. São atas, projetos, portarias, anotações manuscritas e fotografias (Figuras 5 e 6), havendo também algumas fotografias. Estes documentos estão armazenados na sala da direção, não estando entre a documentação geral que está no Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOPE).

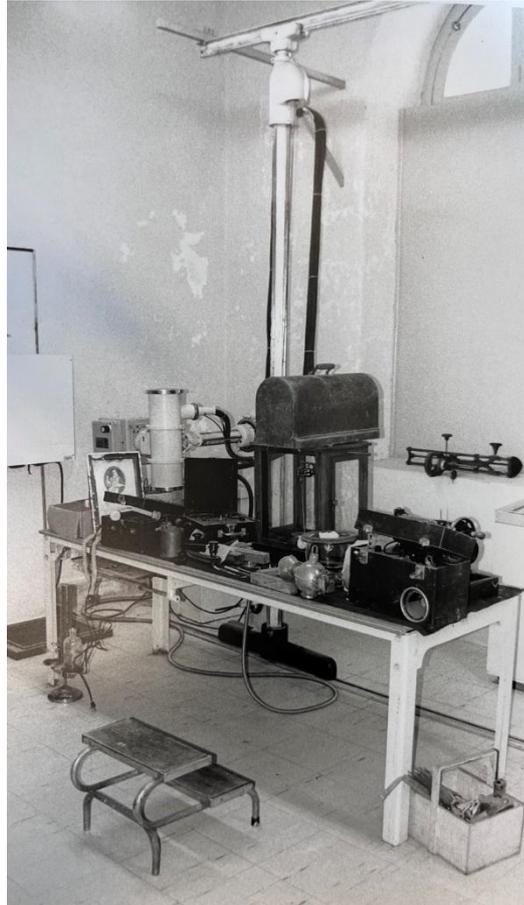
Figura 5 – Primeiros itens recolhidos para a constituição do Museu, 1999/2000.



Fonte: Reprodução de fotos do Acervo do Setor Institucional – Reprodução do autor, 2022.

No verso da foto acima constam as seguintes informações escritas a lápis: “Sala do antigo Raio-X; Bloco "D" – Térreo. Foi o primeiro local onde se instalou a comissão de Criação do Museu do HPS P em 1999/2000. Os objetos da foto foram recolhidos pela área do Hospital (prédios desativados, depósitos, setores, etc.) por Neuza, Timóteo Machado, Julia Coelho, Uiliano Faccini”.

Figura 6 – Primeiros itens recolhidos para a constituição do Museu, 1999/2000.



Fonte: Reprodução de fotos do Acervo do Setor Institucional (2022).

Cabe salientar que foram realizadas quinze visitas técnicas ao Memorial que tiveram como objetivo mapear os objetos expostos observando as narrativas das exposições e consultar os arquivos institucionais. No aspecto metodológico foram utilizados como instrumentos de coleta de informações um diário de campo, acompanhado de registros fotográficos com vistas a mapear a exposição de longa duração, seus núcleos expositivos e compreender sua narrativa.

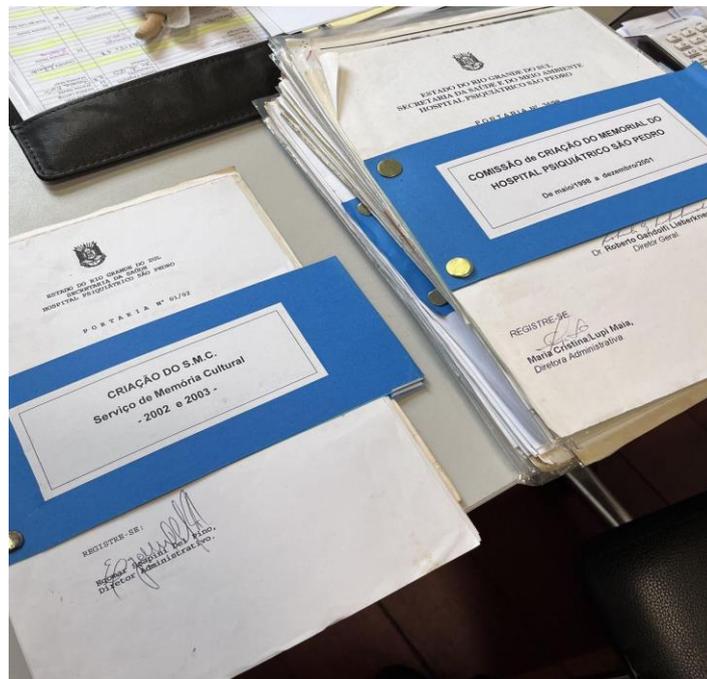
Cachado (2021, p. 558) diz que:

[...] o diário é útil ao pesquisador que está trabalhando entre pessoas; e, no mesmo sentido, é importante para partilhar num lugar seguro os dilemas éticos com que nos vamos deparando, os cansaços e entusiasmos no campo. Enquanto espaço de reflexão, contém ainda a possibilidade de registrar avanços e recuos, o acesso a cada vez mais camadas de percepção sobre a realidade social em estudo.

Desta forma, este material desempenha um papel fundamental na pesquisa, pois é uma ferramenta que permite aos pesquisadores registrarem observações,

reflexões e *insights* ao longo do processo de coleta de dados. Estas visitas técnicas também serviram para a realização de entrevistas com Lia Magalhães, coordenadora do Setor e do Memorial, para a pesquisa no arquivo institucional, onde consultamos: atas, portarias, decretos, projetos, ofícios, fotografias, vídeos, documentação museológica e alguns livros. Estes materiais foram fotografados e fichados (Figura 7).

Figura 7 – Arquivo do Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

No que se refere ao mapeamento da exposição, fizemos mais de mil registros fotográficos, que incluem planos amplos das salas expositivas e planos mais específicos, focando em alguns objetos, textos e demais recursos expográficos, tais como mobiliário, iluminação e materiais audiovisuais. Assim, percebemos que criamos documentos.

De acordo com Ana Mauad (1996), esta composição de uma série de imagens deve dar conta das semelhanças e diferenças, podendo ser dividida, por exemplo, por tema: morte, criança, etc.; por agência de produção: família, Estado, etc. Leite (1993) também sugere a constituição de séries fotográficas como um dos passos para a análise documental. Desta forma, para este trabalho realizamos e selecionamos algumas imagens as quais dividimos nas seguintes séries:

- 1- Imagens que mostram o ambiente institucional e expositivo;
- 2- Imagens que mostram os objetos expostos;
- 3- Imagens que mostram legendas e demais suportes de apoio à narrativa da exposição.

Conforme Miriam Leite (1993), devemos ter conhecimento pré-existente da realidade tratada nas imagens, pois, sem isso, “mal se vê a fotografia”. Nesse sentido, a documentação, o suporte bibliográfico que estamos expondo, a realização de entrevistas e visitas técnicas dar-nos-ão embasamento para o entrecruzamento das fontes de forma crítica, possibilitando problematizações necessárias para um olhar crítico sobre os documentos.

Com relação à documentação histórica, descobrimos que em 28 de maio de 1998 a direção do Hospital constituiu uma comissão para tratar da “criação do Museu do Hospital Psiquiátrico São Pedro”. Em um dos maços consultados, há fotos que trazem em seu verso informações sobre os primeiros passos desses projetos e que documentam a trajetória do próprio Memorial.

Para esta pesquisa, junto com a consulta ao arquivo e a realização do mapeamento fotográfico, realizamos entrevistas com ex e atuais gestores, pois nos cabe refletir sobre quem escolheu determinados objetos e porque o fez, bem como as lacunas e ausências que, ao serem percebidas, precisam ser problematizadas. Sendo assim, ouvimos os profissionais envolvidos nas concepções curatoriais e definições expológicas e expográficas⁴³, buscando compreender critérios, decisões, movimentos individuais e coletivos e contextos.

Tendo em vista os movimentos de formação do acervo em questão, vemos a curadoria como um amplo aspecto ligado à identificação, documentação e, obviamente, coleta de acervo e seu acompanhamento (Guarnieri, [1986], 2010), tal como Cury (2020):

[...] a curadoria, aqui entendida como o ciclo completo de ações interligadas em torno do objeto museológico, é o todo, mas também cada uma das partes. A curadoria é parte essencial da musealização, são os cuidados com o objeto nos aspectos materiais, documentais e da musealidade. Todos aqueles que participam da curadoria, porque contribuem com a musealidade, são curadores. Os curadores são os agentes do processo [...] (Cury, 2020, p. 139).

⁴³ Voltaremos ao debate em torno desses conceitos no Capítulo 4.

A fim de compreender como esse processo curatorial em relação às origens do acervo e organização da exposição de longa duração, foi necessário buscar informações com os profissionais que vivenciaram esse processo. Desta forma, a História Oral foi escolhida como metodologia para o planejamento e realização das entrevistas justamente por possibilitar-nos repensar e reconstituir o passado sob um olhar atualizado, expressando a dinâmica de construção do próprio sujeito individual ou coletivo pela interação gerada a partir do diálogo entre pesquisador e entrevistado no processo de construção dessas fontes (Fernandes, 1998). Trata-se de um conteúdo fundamental para a compreensão de dinâmicas individuais e coletivas.

Segundo Verena Alberti (2018, p. 165), a História Oral também pode possibilitar o estudo dos modos pelos quais “pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”. Assim, utilizamos, então, como técnica de pesquisa, entrevistas estruturadas (Apêndice B) que se constituem como:

[...] o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Em geral as entrevistas podem ser estruturadas e não-estruturadas; [...] bem como as estruturadas que pressupõe perguntas previamente formuladas (Neto, 2007, p. 57-58).

Buscamos valorizar a história institucional e as intenções da mesma em suas concepções curatoriais e expográficas a partir do diálogo com os profissionais que atuaram e que atuam no espaço cultural em análise. As citações, no trabalho, dão-se a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C). Também cabe ressaltar que a presente pesquisa foi aprovada em 13 de julho de 2022 pelo Comitê de Ética do HPSP através de cadastro do projeto na Plataforma Brasil sob o número CAAE 56303522.6.0000.5332.

Nessa perspectiva, definimos dois critérios para a escolha desses profissionais que participaram das entrevistas:

1. Profissionais que atuaram na elaboração, organização e montagem das exposições selecionadas;
2. Profissionais que atualmente fazem a gestão e/ou trabalham com as referidas exposições.

Desta forma, no Memorial da Loucura selecionamos os seguintes profissionais: Neuza Barcelos, Edson Cheuiche e Lia Magalhães. Realizamos entrevistas com Neuza Barcelos e Lia Magalhães. Edson Cheuiche, após algumas tentativas, não aceitou participar da pesquisa, alegando que Neuza Barcelos seria a pessoa mais indicada, visto que atuaram em conjunto na constituição do Memorial. De fato, são os responsáveis diretos pela exposição de longa duração que até o momento ocupa o espaço expositivo da instituição. Mesmo a direção atual tendo feito alguns ajustes, a maior parte da exposição é oriunda daquele período, 2002 a 2018, quando Neuza solicitou aposentadoria. Também, para o entendimento de alguns aspectos, entrevistamos a Dra. Bárbara Neubarth, psicóloga idealizadora da Oficina de Criatividade do HPSP, importante projeto de reabilitação psicossocial por meio das artes que se encontra em desenvolvimento no hospital desde 1990⁴⁴.

Segundo nossa primeira entrevistada, Neuza Barcelos, que atuou na instituição desde 1998 (iniciou no setor financeiro até ser direcionada para o Memorial), os trabalhadores da instituição, em conversas informais, demonstravam preocupação com o patrimônio histórico do hospital. O grupo de Assistentes Sociais era o mais engajado naquele momento. Segundo Neuza, foi um ato, por parte do diretor médico da época, Roberto Gandolfi Lieberknecht, que deu origem ao espaço: ele mandou restaurar um relógio antigo (Figura 8) que há muitos anos estava sem funcionar.

⁴⁴ Sobre a Oficina de Criatividade, ver: NEUBARTH, Barbara Elisabeth. No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor: a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis. Porto Alegre, 2009. 281 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22513> Acesso em 25/10/2023.

Figuras 8 – Relógio mencionado por Neuza e que se encontra em exposição (objeto número 1 do Memorial)



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Ao tentar ser ressarcido descobriu que seria impossível, tendo em vista a falta de previsão orçamentária. Na conversa em que Neuza explica a ele os motivos, surge a preocupação dele com esse patrimônio e, por sua vez, expõe que esta preocupação também surgia entre os colaboradores. O diretor, então, percebendo que havia disponibilidade no processo de organização de um memorial, determina que o grupo interessado passe a reunir-se para dar sequência e planejar ações (Barcelos, 2021, p. 02). Hoje em exposição o relógio traz a seguinte legenda:

RELÓGIO

Este relógio estava localizado na sala da Direção Geral do Hospital São Pedro de meados do século XX até o ano de 2004.

Marca ANSONIA (New York - U.S.A), fabricado em março de 1881.

Foi restaurado em 1998 por Rogério Antônio Roennau.

Formado o grupo inicial, o trabalho começou pelo setor de “patrimônio”, espaço onde tudo o que não estava sendo mais utilizado na instituição era armazenado. A coleta iniciou. Livros de registro, documentos e objetos foram transportados para o antigo setor de Raio-X “porque lá não chovia”. Percebemos pela fala de Neuza que os problemas estruturais estavam já presentes. O grupo

acabou esvaziando-se com o tempo, tendo em vista o grande número de atendimentos que os profissionais da Assistência Social faziam – “mais de 1700 pacientes estavam internados naquele momento” (Barcelos, 2021, p. 03).

Neuza seguiu junto com os estagiários da área de História e Jornalismo. Um dos estagiários também atuava no Museu de Porto Alegre e, quando da organização de uma exposição sobre saúde, mencionou o trabalho que estava ajudando a construir no São Pedro, que acabou por ser convidado a participar. A ação mostrou a relevância do acervo e serviu como justificativa para a sequência do trabalho.

Serge Chaumier (2010, p. 05, tradução livre) diz que o “museu sempre se dá conta do contexto no qual o objeto se origina e do qual ele deverá representar. Para isso, ele é ‘documentado’, quer dizer que se deve conhecer exatamente sua procedência”, ou seja, como foi produzido, como era utilizado e porque estava “entrando” no museu. Objetos sem essas informações comprometem ações de pesquisa e de comunicação museológica como, por exemplo, as exposições. Assim, o objeto nunca é apreendido só, mas toma sentido num conjunto; ele é “testemunho” (Chaumier, 2010, p. 05).

Logo, as interações dos doadores com o memorial que estava sendo formado são importantes, como nos mostra James Clifford (2016) ao relatar uma atividade desenvolvida pelo Museu de Arte de Portland (detentora de coleções de comunidades indígenas), em Oregon, nos Estados Unidos:

No porão do museu, os objetos da coleção foram retirados, um por um, e apresentados aos velhos tlingit para algum comentário: uma máscara de corvo, uma máscara cravejada de abalone, um chocalho entalhado... O que se seguiu foi uma série de complicadas e comoventes performances, ora sérias, ora divertidas [...]. A experiência de "consulta" deixou a equipe do Museu de Arte de Portland com dilemas difíceis. Ficou claro que do ponto de vista dos velhos tlingit os objetos colecionados não eram essencialmente "arte". Eles se referiam aos objetos como "registros", "história" e "lei", inseparáveis dos mitos e histórias, expressando lições de moral atuais com força política atual (Clifford, 2016, p. 02 - 04).

Assim, verificamos que foram levados em conta aspectos amplos na formação das coleções, ou seja, “tudo era importante”. Nesse processo de recolhimento dos objetos nem todos foram devidamente identificados e não houve uma documentação.

Mudando a direção da Instituição, o médico que assumiu direcionou Neuza para cuidar do processo de consolidação do projeto e colocar o “memorial na rua”

(Barcellos, 2021, p. 04). A profissional, oriunda da área do Direito, buscou algumas formações na área do patrimônio, principalmente em conservação de objetos de madeira e metal e participou das formações promovidas pelo Sistema Estadual de Museu (SEM) e pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

A primeira ação de Neuza, já em 2001, foi comunicar aos setores do hospital que o projeto estava em andamento e que logo haveria um memorial. Todos os setores foram convidados, solicitando que os colaboradores se engajassem e indicassem objetos que poderiam fazer parte do acervo. Também foram solicitados fotos e depoimentos. A ideia era uma construção coletiva. Contudo, “para nossa surpresa, se tinha 20 pessoas na atividade, era muito” (Barcelos, 2021, p. 03).

Segundo Neuza, as buscas seguiram. Havia apoios e opiniões “debochadas”, não acreditando na possibilidade, não havendo um interesse maior. O que só mudou a partir da organização do espaço e a divulgação na mídia. A essa época, o espaço do Raio-X já havia sido trocado pelo espaço atual, maior.

No ano de 2004, somou-se ao grupo o historiador Edson Cheuiche, transferido da extinta Caixa Econômica Estadual, passando a ser o responsável pela pesquisa histórica. Neuza, então, dedicou-se à gestão. O espaço desenvolveu-se, ocupou todo o pavilhão e passou a receber visitantes. Passaram a receber estudantes e a realizar palestras, bem como a participar de exposições em parceria com outras instituições. Neuza atuou por 16 anos no Memorial até se aposentar no ano de 2018 – Edson também se aposentou em 2018 (Barcellos, 2021, p. 04).

Voltando à documentação, consultamos planejamentos, reuniões e convites para eventos que visavam preparar a equipe e o espaço. Assim, a Portaria N° 01/02, de 04 de fevereiro de 2002, assinada pelo Diretor Administrativo do Hospital Psiquiátrico São Pedro, médico Egomar Scapini Del Pino, cria, de forma retroativa, o Serviço de Memória Cultural do HPSP, que já funcionava, segundo o documento, desde 12 de novembro de 2001 (CEDOPE HPSP. Portaria N° 01/02. Maço 1. Página 10 – 2002 e 2003).

O documento, além de criar o setor oficialmente, dentro do organograma institucional, define que ele ocupará o “Bloco B – 1° andar”, onde está instalado até o momento. Com o tempo o setor expandiu suas ações e hoje ocupa também o térreo do mesmo bloco, com sala de reuniões, reserva técnica e arquivo.

Segundo a documentação, o Serviço de Memória Cultural do HPSP foi “resultado da conscientização de um grupo de funcionários do Hospital Psiquiátrico

São Pedro, preocupados com o resgate da história da Instituição”, e tinha como objetivos específicos formalizar a criação do Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro e adequar o Centro de Documentação e Pesquisa – CEDOPE, “atuando como laboratório de aprendizagem, apoiando o desenvolvimento de pesquisas históricas que tratem dos diversos segmentos profissionais da Instituição” (CEDOPE HPSP. Projeto Organização Museu. Maço 1. Página 32 – 2002 e 2003).

Podemos notar então que o Serviço de Memória Cultural do Hospital é uma entidade “guarda-chuva” e que dentro dela teríamos o Memorial da Loucura e o CEDOPE. Tal configuração não é novidade, de fato, entre as instituições culturais, mas acreditamos ser importante deixar balizada essa questão.

Voltando à organização do espaço, a documentação diz que o futuro memorial teria como objetivo “[...] resgatar a história, identificar, classificar, restaurar e conservar o patrimônio histórico do Hospital Psiquiátrico São Pedro” e seu acervo seria formado por:

[...] diferentes conjuntos documentais e fontes de pesquisa referentes à história do Hospital, a partir do final do século XIX. Equipamentos médicos, vidraria de laboratório e farmácia, mobiliário, livros de registro de entrada de pacientes, esculturas, afrescos, quadros de personalidades, plantas arquitetônicas, fotografias, documentos administrativos a partir de 1824, livros raros sobre medicina, neurologia e psiquiatria constituem parte importante do acervo do Memorial (CEDOPE HPSP. Projeto Organização Museu. Maço 1. Página 32 – 2002 e 2003).

Ainda segundo o Projeto, haveria Salas de Exposição, onde “a presença física do objeto histórico e a vivência no Memorial tornam mais interessante o universo do São Pedro” e o Centro de Documentação e Pesquisa teria como “objetivo selecionar, preservar e disponibilizar seu acervo histórico aos pesquisadores”. Ações pedagógicas também estavam nos planos, pois, segundo o documento, “o aprendizado constrói-se a partir do acervo utilizado como testemunho material dos conteúdos históricos”.

O Projeto também abordava o público-alvo do espaço: “o grupo funcional da instituição, profissionais da área da saúde, estudantes e pesquisadores do Rio Grande do Sul, Brasil e exterior” (CEDOPE HPSP. Projeto Organização Museu. Maço 1. Página 32 – 2002 e 2003). Algumas dessas ações foram sendo consolidadas ao longo dos anos e uma delas é a exposição de longa duração que segue aberta ao público e disponível para visitas mediadas, como veremos a seguir.

4 A EXPOSIÇÃO “A HISTÓRIA DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO E DA PSIQUIATRIA NO RIO GRANDE DO SUL”

Neste capítulo, o objeto pontual de nossa investigação será a exposição de longa duração do Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro, intitulada “A História do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da Psiquiatria no Rio Grande do Sul”, inaugurada em 2010. Assim, apresentamos a exposição propriamente dita buscando elencar as principais informações sobre seus processos de concepção, planejamento e execução para construirmos os elementos necessários para a análise.

A análise está focada nos critérios associativos elencados para organizar a narrativa, ou narrativas, que integram a exposição de longa duração que segue aberta à visitação e que reúne um número significativo de objetos que abordam a história do Hospital Psiquiátrico São Pedro desde sua fundação no século XIX.

4.1 CONHECENDO O MEMORIAL DA LOUCURA E SUA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO

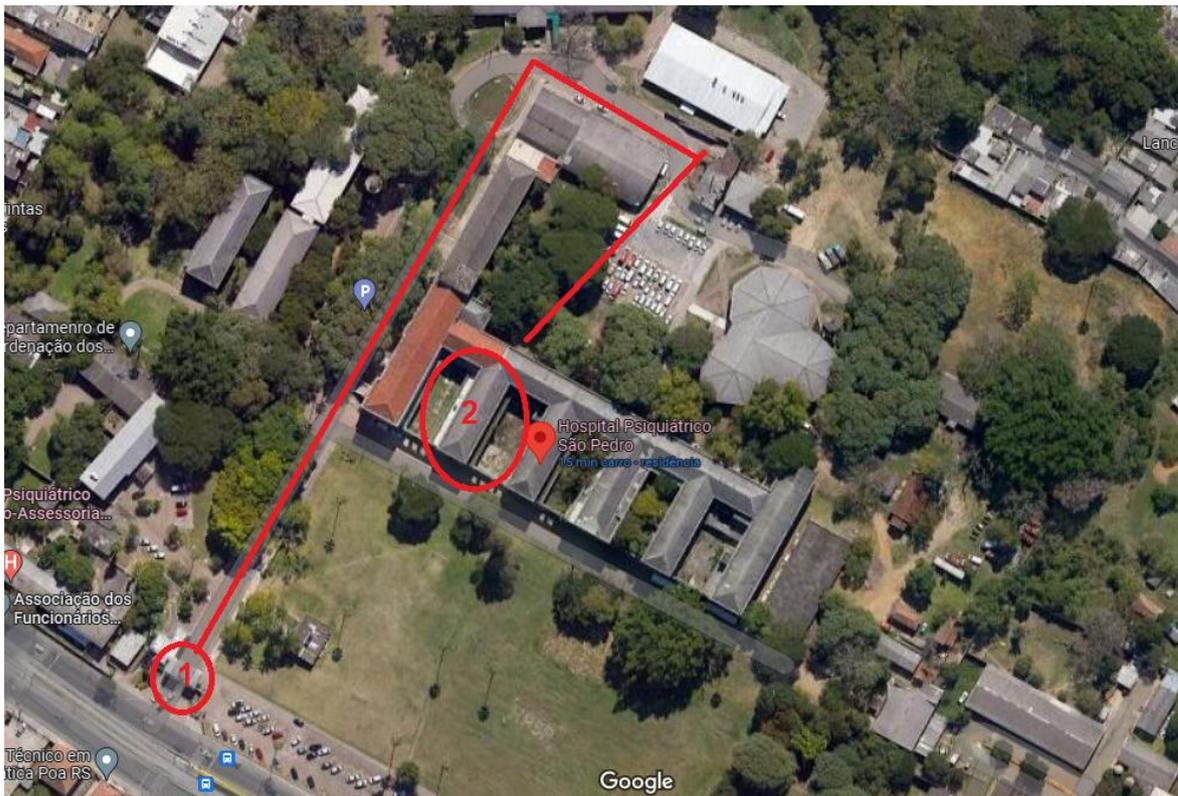
De acordo com Aquino (2020), a exposição é percebida como o evento onde a comunicação com o público ocorre de maneira mais tangível, onde a missão do museu é evidenciada para a sociedade. Assim, para conhecer a exposição “A história do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da psiquiatria no Rio Grande do Sul” e compreender sua narrativa, o visitante interessado terá que fazer o agendamento pelo telefone ou e-mail. Desta forma, mesmo gratuita, não há visitação espontânea, como ocorre em tantas exposições que estão abertas ao público e são de fácil acesso.

Esta situação também se dá pelo fato do Memorial estar localizado dentro do completo hospitalar do HPSP, que exige essa atenção com relação ao acesso. Ao chegar, o visitante precisa identificar-se na portaria do hospital, que por sua vez realiza contato com o Memorial. Sendo permitida a entrada, o visitante que não conhece o espaço é então informado de como chegar ao local. O caminho que leva o visitante até o Memorial não faz parte da visita oficialmente, o que é uma pena, pois se trata de uma extensa área verde que envolve, por assim dizer, a arquitetura do hospital, um exemplar importante para o Estado do Rio Grande do Sul e para o

Brasil, tombado pela Portaria 13/90 de 21/08/1990 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE)⁴⁵.

Voltando a visita, é importante prestar atenção para chegar ao local. Não que o caminho seja longo, mas há algumas “voltas” e um caminho ora por calçada, ora pela rua, muitas entradas e portas que podem confundir (Figura 9).

Figura 9 – Como chegar ao Memorial da Loucura: 1 – Entrada do Hospital e para o Memorial; 2 – Prédio onde funciona o Memorial. Manipulação produzida via aplicativo de geolocalização.



Fonte: Google Maps (2022).

Neste trajeto até o Memorial o visitante não mais encontrará os pacientes internados, como era comum há pouco tempo. Desde maio de 2022 todos os internos institucionalizados foram transferidos para residências terapêuticas, dentro das perspectivas da Política Antimanicomial⁴⁶. Tal episódio foi noticiado:

⁴⁵ Mais informações sobre este tombamento estão disponíveis em <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15908> Acesso em 10/11/2022.

⁴⁶ Sobre este tema, ver: Brasil. Ministério da Saúde. Carta de Brasília. Princípios Orientadores para o Desenvolvimento da Atenção em Saúde Mental nas Américas. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/sas/mental> Acesso em 15/12/2022.

A psicóloga e professora da UFRGS Simone Mainieiri Paulon, uma das principais militantes da reforma Psiquiátrica no Rio Grande do Sul, destaca que o processo de desinstitucionalização começou ainda na década de 1980, no governo de Pedro Simon (MDB), sob coordenação de Sandra Fagundes, que depois viria a ser secretária estadual de Saúde no governo Tarso Genro (PT). Um processo, explica, que foi embasado ao longo dos anos pela lei estadual 9.716, de 7 de agosto de 1992, que determina a substituição progressiva dos leitos nos hospitais psiquiátricos por rede de atenção integral em saúde mental⁴⁷.

No caminho ao Memorial o visitante vai passar ao lado do prédio icônico (Figura 10), pela lavanderia e por um estacionamento. Vencida essa etapa, o visitante estará diante de um dos prédios históricos, originalmente os fundos da edificação, ao lado da Imagem de Nossa Senhora de Lourdes, que observa a entrada do Memorial (Figuras 11 e 12).

Figura 10 – Lateral da Fachada do Prédio Principal do Hospital. Originalmente, a entrada para a administração e leitos se dava por este prédio.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

⁴⁷ Luiz Gomes. Do outro lado do muro do São Pedro, residenciais recebem os últimos internos do hospital. *Jornal Sul 21*. Versão on-line. 18 de maio de 2022. <https://sul21.com.br/noticias/geral/2022/05/do-outro-lado-do-muro-do-sao-pedro-residenciais-recebem-os-ultimos-internos-do-hospital/> Disponível em Acesso em 13/11/2022.

Figura 11 – Aspectos da chegada ao Memorial da Loucura.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Figuras 12 – Aspectos da chegada ao Memorial da Loucura.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Antes de entrar, o visitante encontra informações sobre o funcionamento do local e, ao tocar a campainha, será recepcionado provavelmente pela coordenadora do Memorial, tendo em vista a equipe diminuta que atua no local (quando da realização da pesquisa, havia, além da coordenadora, apenas uma estagiária e um voluntário). Ao ser aberta a porta, há armário para guardar bolsas e mochilas (Figura 13).

Na sequência o visitante é convidado a assinar um termo de responsabilidade em relação à divulgação do material que irá conhecer, comprometendo-se a fazer uso “adequado” das imagens produzidas. Logo o visitante será direcionado à escadaria (Figura 14) que dá acesso ao segundo andar, onde a exposição está montada. No térreo há o CEDOPE, que não é aberto à visitação, apenas para pesquisadores agendados e que tiveram seus projetos aprovados pelo Comitê de Ética do Estado, que funciona também no Hospital.

Figura 13 – Aspectos da chegada entrada do Memorial da Loucura no Prédio Histórico do HPSP (térreo).



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Figura 14 – Aspectos da entrada do Memorial da Loucura no Prédio Histórico do HPSP (vista do primeiro lance de escadas pelo térreo).



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

O visitante então irá subir por uma escada com quadros pintados por Marco Lucaora, servidor da Instituição que faleceu em 2022, que, além de suas atividades no Hospital, era artista plástico⁴⁸. Ao chegar ao topo da escada, uma linha do tempo e uma porta para o interior do prédio, que se descortina num grande corredor cheio de portas abertas, são as primeiras imagens que têm o visitante.

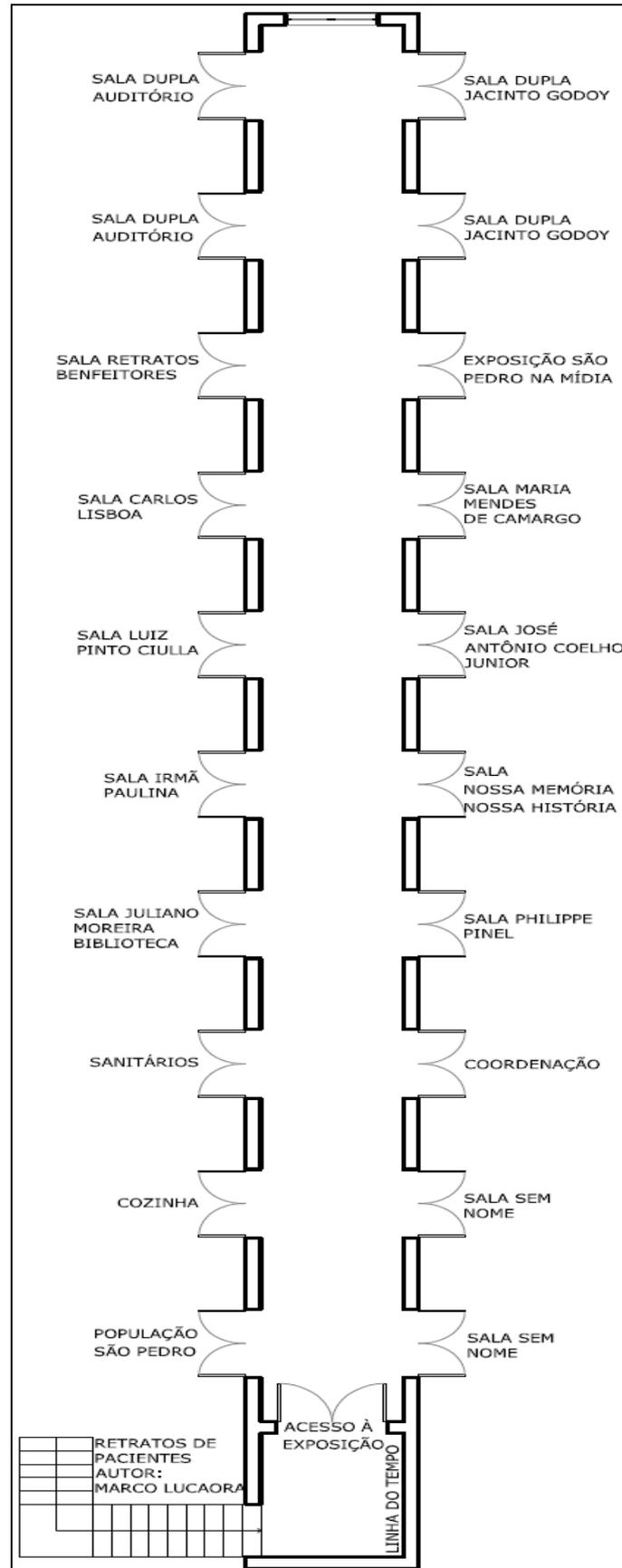
Ao total são 20 portas, 18 unidades (pois 2 salas são duplas, tendo 2 portas cada). Destas 18 unidades, 13 são salas expositivas (além do corredor), 1 sala para “auditório” (em torno de 25 cadeiras), 1 sala para Biblioteca, 1 sala para a Coordenação, 1 sala para cozinha e 1 banheiro. Quase todas as salas ganham nomes de personalidades médicas locais ou internacionais da área da psiquiatria,

⁴⁸ Voltaremos nessa questão mais adiante.

assim como ex-diretores e personalidades religiosas que atuaram no hospital também são homenageados.

Na planta abaixo (Figura 15) podemos observar esta dinâmica de chegada ao espaço expositivo, a subida das escadas até a chegada ao Memorial, tendo a “Linha do tempo” a frente e na sequência a porta de entrada, bem como dentro do Memorial a visão das salas que ficam “frente a frente”

Figura 15 – Planta baixa atual do espaço expositivo do Memorial da Loucura.



Fonte: Arquiteto Luiz Jerônimo Lopes da Silva (CAU-RS 151631-0), 2023.

Ao chegar à entrada do Memorial e vislumbrar uma quantidade expressiva de objetos de diferentes tipologias e origens, o visitante pode se perguntar: Mas que objetos são esses que irão compor esta exposição sobre saúde e/ou medicina? Como chegaram ao Memorial e como podem ser direcionados para esta ou aquela narrativa dentro da instituição museológica? Infelizmente, para o visitante não especializado, não há essa referência muito clara, sendo somente acessada a partir da mediação direta, que nem sempre ocorre.

Nessa perspectiva, cabe mencionar as reflexões do antropólogo Igor Kopytoff (2008, p. 92) ao abordar a “biografia das coisas”, ou seja, propor que realizemos perguntas a fim de desvendar as muitas histórias por trás dos objetos, tais como: a quem ele pertenceu e qual a sua trajetória, pois “[...] uma biografia rica de uma coisa é a história de suas várias singularizações, das classificações e reclassificações num mundo incerto de categorias cuja importância se desloca com qualquer mudança de contexto” (Kopytoff, 2008, p. 121). Nesse sentido, Bonott, respaldado por Dagonet, afirma que é preciso evitar “reduzir o objeto ao seu ofício” (Dagonet, 1989, p. 93 *apud* Bonott, 2015, p. 145), bem como não o reduzir ao seu estado de produto de mercado, pois:

As relações entre sujeitos e objetos se transformam no tempo, no espaço e, segundo o manipulador usuário da coisa: a definição de objeto enquanto produto industrial comercial, a fase de comercialização [...] somente é uma etapa transitória que não implica de maneira determinante o que será a trajetória de um dado objeto (Bonott, 2015, p. 145).

Na Instituição, mesmo em se tratando de um Memorial e apesar das especificidades em sua constituição, há registros sobre uma parte de seu acervo, sendo possível recuperar informações e, até mesmo, buscar novos dados biográficos dos objetos ali expostos. A partir destas informações, a análise da construção expográfica ganharia dinamismo. Contudo, esses elementos parecem não ser explorados em todo o seu potencial dialógico.

Mesmo considerando que “Unanimemente tem sido afirmado que a cultura material tem mais peso no colectivo que no individual: De facto, esta ciência atenta muito mais nos factos repetidos que nos acidentais” (De Seta, 1984, p. 6), em nossa área de pesquisa precisamos estar atentos a uma problemática substancial e que, invariavelmente, refletirá sobre os objetos expostos.

Trata-se da questão do grupo, do coletivo, em especial a que estes objetos e coleções referem-se, ou seja, aos médicos que fazem parte da história do HPSP. Mesmo que o espaço de nossa análise tenha públicos diversificados na atualidade e nem de longe lembre as instituições citadas por Meneses (1993) como inacessíveis, reservadas à elite e assim mais preocupadas com a conservação e não com a difusão, comunicação e diálogo, ainda assim ele reflete a prática de um grupo que ainda goza de certo prestígio social.

A atenção à narrativa é importante, pois:

No museu, o risco é que uma exposição, por exemplo, se transforme em apresentação de coisas, das quais se podem inferir paradigmas de valores para os comportamentos humanos e não na discussão de como os comportamentos humanos produzem e utilizam coisas com as quais eles próprios se explicam. Com a agravante de que o típico acaba, facilmente, transformado em estereótipo gerado, sempre no seio de uma relação de forças (Meneses, 1993, p. 212).

Mesmo se propondo a ser uma instituição ampla, recebendo diversos públicos através de eventos, cursos, palestras, atividades educativo-culturais no âmbito da saúde, sabemos, sobretudo, a partir do livro de registro e das entrevistas com os profissionais da instituição, que o público que circula pelo Memorial da Loucura é de fato mais restrito, ainda mais considerando sua localização, distante do centro e situado em uma avenida de ligação entre vários pontos e cidades.

Circulam de forma mais presente e, às vezes de forma gerencial, por seus corredores, médicos e estudantes de medicina, bem como, em alguns casos, familiares de médicos que, em algum momento, podem ter contribuído, por exemplo, com doações de acervos. Objetos esses que evocam a memória de seu esposo/esposa, pai, mãe, professor, entre tantas relações possíveis.

Não há, em nossa sociedade, realidade regional/local que seja homogênea e estática. Daí o **perigo de tais museus exercerem papéis compensatórios de refúgio para simbolicamente "recuperarem" uma unidade perdida ou (o que é pior) de espelhos em que narcisisticamente se procure a devolução da imagem que já tinha sido atribuída a si próprio - e que agora retoma sedutora, pronta a se transformar num termômetro com o qual se mede (etnocêntricamente) toda a realidade.** G.H. Riviere, o grande mentor do museu socialmente responsável e inspirador dos ecomuseus, sempre chamou a atenção para estes **desvios, seja do museu-refúgio, seja do museu-espelho** (Meneses, 1993, p. 214, grifo nosso).

Mas, no campo museológico, como esses elementos ganham significado e podem ser repensados e ressignificados como fontes? Assumindo toda a relevância dos objetos para nosso trabalho, parecem-nos apropriadas as discussões que envolvem o processo de *musealização*. Desta forma, “[...] é somente por meio de métodos específicos da Museologia que é possível descobrir aquilo que faz de um objeto comum um objeto de museu” (Stransky *apud* Brulon, 2017, p.413). Ainda segundo Bruno Brulon (2019, p. 205), a Museologia irá progressivamente deixar de ser interpretada como uma categoria de valor para ser pensada como “a própria orientação específica do valor”.

Se a Museologia estuda o valor existente nas coisas, ou sua qualidade museal, ela estaria mais próxima de um ramo de conhecimento prescritivo do que de uma ciência social. No entanto, segundo o próprio Stránský, o papel do museólogo não devia ser o de apontar o valor nas coisas, mas o de compreender como e por que um objeto adquire valor por meio do processo de musealização (Brulon, 2017, p. 412).

A prática destes processos implica perceber “a informação cultural não como ligada à classe de informação científica” (Brulon, 2015, p. 32), mas, entendendo a informação como demasiadamente variável, ela aparece e desaparece de acordo com o sistema de valores ao qual está vinculada, ou seja:

[...] o objeto de museu ou musealia, assim, é uma ‘permuta de significados’, e, nesta perspectiva, o trabalho sobre as coleções em um museu só tem sentido se colocado em relação com o campo de pesquisa, onde o objeto constitui o pré-texto. Ele é, de fato, a base do que irá se escrever como discurso, e a sua contextualização depende, em primeiro lugar, da contextualização dos múltiplos conceitos produzidos sobre ele (Jamin *apud* Brulon, 2015, p. 32).

Os objetos médicos em exposição, dentro das instituições museológicas, devem estar vinculados ao processo de musealização, cadeia operatória da Museologia que perpassa diferentes etapas desde a seleção, documentação museológica, pesquisa, conservação preventiva, exposições a ações educativo-culturais (Cury, 1999); ações que garantem sua efetiva salvaguarda e preservação. Segundo Cury (1999, p. 50), “musealizar significa a ação consciente de preservação [...] é a inserção de um objeto em um contexto museológico”.

Nesses processos, o objeto ganhou significados e dinâmicas de acordo com as perspectivas culturais em que foram produzidos e utilizados, bem como a partir

da leitura de quem os selecionou. Por isso a importância do diálogo com a sociedade que seleciona esses objetos e dos profissionais a partir dos seus estudos e aprimoramentos sobre cada um dos itens que passa a integrar um determinado acervo, ou seja:

Esse substituto complexo, ou modelo da realidade construído no seio do museu, constitui a musealidade, como um valor específico que emana das coisas musealizadas. A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade, mas que não constitui, com efeito, a realidade ela mesma (Vaz, 2017, p. 58).

Estas qualidades e valores atribuídos ao objeto integram o que se compreende como musealidade: “[...] melhor dizendo, um objeto comum se tornaria museália através da constituição de sua musealidade. Esta constituição se daria através do processo de musealização” (Vaz, 2017, p. 35). Logo, cabe salientar que:

O objeto adquire um sentido social e público na medida que sofrerá uma ação preservacionista e comunicacional. A seleção é intencional e sua condição museal representa uma significativa mudança na forma de inserção desse objeto na realidade, a realidade museal. O ato deliberado de preservar um objeto e adentrá-lo no mundo dos museus impõe uma série de ações com relação a sua inserção no processo curatorial (Cury, 1999b, p.01).

Para Cury (1999a), este “olhar museológico” sobre os objetos que são selecionados e passam a fazer parte de um museu “é capaz de perceber o valor dos objetos ao selecioná-los e ao preservá-los [...] é o critério poético de Museu para recolher a poesia de Orfeu espalhada nas coisas”. Para ela, “Museu não coleta coisas, Museu coleta a poesia que está nas coisas” (Cury, 1999a, p. 52), ou seja, o museu, mais que coletar um determinado objeto, apreende o sentido atribuído a ele e, por sua vez, é isso que ele também compartilha com o público (além da sua imagem) nos processos comunicacionais.

No âmbito da comunicação museológica, as exposições adquirem um sentido muito singular quando refletimos sobre o potencial dos objetos na construção de narrativas específicas através desse meio de comunicação (Cury, 2005; Blanco, 2009) ou dispositivo de comunicação social (Davallon, 2010). É significativo destacar que para a maior parte dos visitantes a exposição é o próprio museu, reafirmando sua missão constantemente, consolidando-se como uma das formas de aproximação da sociedade com seu patrimônio cultural (Cury, 2005).

A fim de problematizar e compreender como a exposição de longa duração⁴⁹ do Memorial da Loucura do HPSP organiza sua narrativa histórica e memorialística, torna-se necessário identificar e analisar os critérios ou chaves associativas vinculados aos objetos expostos (Blanco, 2009) que definiram os arranjos utilizados na construção de uma única mensagem, ou de diversas mensagens, sobre a história deste que é um dos mais antigos hospitais psiquiátricos do Brasil em atividade.

4.2 CRITÉRIOS ASSOCIATIVOS PRESENTES NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO: IDENTIFICAÇÃO DE NÚCLEOS EXPOSITIVOS E ANÁLISE

Para este trabalho a perspectiva de “coleção” e de “acervo” mostram-se importantes. Assim, consideramos a posição de Such sobre coleções:

Desde que el hombre existe, ha sentido la apremiante necesidad de tener junto a él diversos objetos. En la infancia, los niños pequeños coleccionan estampas, reúnen sus juguetes preferidos, recogen chapas. En la adolescencia, los jóvenes recopilan música, fotografías de sus ídolos favoritos, guardan con celo las cartas de sus amigos. En la edad adulta, nos encontramos colecciones de revistas, álbumes de familia, etc., cosas que por una u otra razón invaden nuestra existencia y poseen para nosotros un valor especial. El coleccionismo es, por lo tanto, innato al ser humano desde sus propios orígenes, desde aquel momento en que el hombre tuvo sus propias ideas sobre él mismo y el mundo (Such, 1997, p. 17).

Não há coleções específicas no Memorial da Loucura. Todo o material em exposição é considerado como Acervo, sem categorias. Embora tenhamos uma ou outra identificação em relação à doação de objetos, não há a informação de que eles façam parte de uma coleção específica. A organização dada refere-se ao fato de todos os itens serem parte da mesma grande coleção, ou seja, Acervo do Memorial da Loucura.

Este Acervo está em constante formação, tendo em vista a política de aquisição⁵⁰ que garante o recebimento de itens. Desta forma, encontramos no Acervo elementos da cultura material e imaterial reunidos a partir de uma necessidade por vezes institucional, ou seja, para evidenciar esta ou aquela trajetória hospitalar, para salientar alguma ação ou campanha de saúde, ou mesmo, em tempos pandêmicos, para reconstruir os caminhos de doenças. Tais objetos, nas

⁴⁹ Utilizamos a definição de exposição de longa duração a partir de Michael Belcher (1997).

⁵⁰ O documento que constitui o Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro estipula uma Comissão de Acervos e a Política de Aquisição e Descarte (2002).

palavras de Gonçalves (2007, p. 46), atuam como “mediação entre o visível e invisível”, pois estes objetos integram um sistema de trocas sociais e simbólicas entre distintas categorias sociais.

Gonçalves (2007, p. 50) pergunta sobre os objetos formadores de um acervo: “Como um objeto, por si insignificante, passa a merecer a atenção especial reservada a objetos que, supostamente, ao serem olhados, possibilitam o conhecimento de determinadas realidades invisíveis?” Certamente depende de muitas variáveis, desde a forma de aquisição, passando pela classificação e até mesmo exposição dentro de um espaço cultural.

Loureiro (2019, p. 19) dá-nos uma direção, informando que as abordagens aos objetos em museus, os considerando “documento”, remontariam a trabalhos desenvolvidos desde a década de 1960. Citando Maroević, a autora diz que o objeto de museu é definido como “[...] um objeto da realidade, uma parte do patrimônio cultural móvel. Transferido para o museu, o objeto se torna um documento daquela realidade da qual foi selecionado”.

Ao pensarmos mais uma vez nos objetos, citamos Meneses (1985, p. 107), que afirma que dividir cultura material e não material é ignorar o fato de existirem concomitantemente em todos os lugares, ou seja, não perceber que as coisas materiais “penetram todos os poros da ação humana e todas as suas circunstâncias”. Ele completa:

[...] não se pode desconhecer que os artefatos — parcela relevante da cultura material — se fornecem informação quanto à sua própria materialidade (matéria prima e seu processamento, tecnologia, morfologia e funções, etc.), fornecem também, em grau sempre considerável, informação de natureza relacional. Isto é, além dos demais níveis, sua carga de significação refere-se sempre, em última instância, às formas de organização da sociedade que os produziu e consumiu (Meneses, 1985, p. 107-108).

Tomando como base essa valorização do objeto como vetor de trajetórias, histórias e memórias, pois ele reflete a sociedade que o criou e o usou, podemos dimensionar as escolhas expositivas de objetos vinculados à saúde e/ou à medicina em museus e instituições culturais. Tais objetos, frutos de uma necessidade humana que busca a cura ou o tratamento para suas mazelas, são carregados de significados sociais, técnicos e científicos e, ao chegarem a uma exposição, passam a ser inclusive a representação científica do momento em que foram criados.

Defende-se, portanto, uma "História dos objetos" que pressupõe o estudo da "História nos objetos": **o objeto é tratado como indício de traços culturais que serão interpretados no contexto da exposição do museu** ou na sala de aula. Assim, qualquer objeto deve ser tratado como fonte de reflexão, desde o tronco de prender escravos em exposição no Museu do Ceará até o copo descartável que faz parte do nosso cotidiano. O tronco, com toda sua carga dramática, abre inúmeras possibilidades de estudos não somente sobre nosso passado, mas também para questionarmos a história dos instrumentos de tortura no presente. Da mesma forma, o copo descartável pode servir de material para uma infinidade de estudos sobre a sociedade de consumo na qual estamos inseridos e sobre a qual temos pouca consciência crítica (Ramos, 2004, p. 22, grifos nossos).

Para refletir sobre essa perspectiva de analisarmos o papel dos objetos na narrativa de exposições, também nos valem das definições de André Desvallées e François Mairesse (2013, p. 42) sobre o conceito de exposição, o qual possui o mesmo sentido na literatura francesa "*exposition*" e inglesa "*exhibition*", contemplando "tanto ao conjunto de coisas de naturezas variadas e formas distintas, expostas ao público, quanto às próprias coisas expostas e ao lugar onde acontece essa manifestação".

Neste mesmo direcionamento, outro conceito que se mostra importante para compreendermos a construção da narrativa de uma exposição é o de "expografia" que, de acordo com Cury (2005), é parte da Museografia, compreendida como a Museologia Prática e Aplicada. Segundo Cury (2005) e Desvallées (2006), a expografia compreende a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos, incluindo seus aspectos de planejamento, metodologia e técnicas para o desenvolvimento da concepção e consequente materialização da forma.

O próprio Desvallées afirma que:

Expografia é a arte de expor. O termo foi proposto em 1993, como complemento do termo museografia para designar o cenário em exposição e o que diz respeito apenas ao cenário no espaço, bem como ao que gira, nas exposições. [...] Visa a busca de uma linguagem e de uma expressão. Fiel na tradução do programa científico de uma exposição [...] (Desvallées, 1998, p. 221, tradução nossa)⁵¹.

Para que seja possível compreender a expografia das exposições, seus diferentes formatos e elementos que integram esse dispositivo, é fundamental

⁵¹ L'expographie est l'art d'exposer. Le terme a été proposé en 1993, en complément du terme muséographie pour designer la mise en exposition et ce qui ne concerne que la mise en espace, ainsi que ce qui tourne autour, dans les expositions. [...] Elle vise à la recherche d'un langage et d'une expression. Fidèle pour traduire le programme scientifique d'une exposition [...] (DESVALLÉES, 1998, p. 221).

entender o conteúdo pensado para cada uma delas. Para tanto, o conceito de expologia torna-se relevante para as análises sobre a seleção de objetos e as chaves associativas que compõem a narrativa ou narrativas da exposição de longa duração do Memorial do HPSP. Os objetos não falam por si; portanto, todas as escolhas curatoriais de conteúdo são significativas para compreendermos os pontos de vistas e os princípios estratégicos museológicos, comunicacionais e educacionais que fazem parte da exposição (Cury, 2005; Desvallées, 2006; Chaumier, 2010).

Desse modo, é possível identificar e problematizar a seleção e os recortes nos diálogos propostos através dos objetos selecionados para a exposição analisada, que influências tiveram na concepção da narrativa, o que se desejava comunicar através deles, entre outras questões.

Sabendo que a exposição em análise configura-se também como estratégia institucional de divulgação de suas atividades, outro ponto que nos parece essencial é observado por Carvalho:

Desde o século XVIII, os museus, como espaços de difusão de ciência, já possuíam relevantes preocupações com a forma de se apresentarem ao público [...] seria ingênuo pensar museus como coleções neutras de conhecimento humano e ignorar sua característica de instrumento de colonialismo. Até a forma de expor e organizar as exposições demonstrava a forma como o pensamento científico se desdobrava naquele momento (Carvalho, 2017, p. 36).

Nossa reflexão para este debate ancora-se na Museologia Crítica, que engloba o debate sobre uma postura que sempre propôs reproduzir discursos, instigando questionamentos a serem feitos e que devem ser enraizados nos processos museológicos. O museu não é mais um espaço ritualístico e de contemplação e sim um espaço de questionamento e indagações (Padró, 2003).

En la museología crítica las exposiciones son fruto de discursos y dispositivos que seleccionan y ordenan unos contenidos (artefactos ideológicos), y por lo tanto no son neutras o se conciben como meros canales de información (PEDAGOGÍAS Y REDES INSTITUYENTES - Plataforma de investigación en prácticas culturales, s.a.).

Estas perspectivas ligam-se à compreensão de exposição como significativo meio de comunicação dos museus, perspectiva respaldada por diferentes autores do campo da Museologia e áreas afins, como, por exemplo, Marília Xavier Cury (2005), Jean Davallon (2010) e Angela Blanco (2009; 2012). Desta forma, não se pode

pensar a exposição sem reiterar o caráter comunicador dos museus e com quem ele se comunica através das exposições (Greff, 2018), pois “o fato de que a exposição seja uma disposição de "coisas" tem como consequência uma tensão sempre presente entre disposição formal e estratégia de comunicação” (Davallon, 2010, p. 21).

De um lado, a disposição dos objetos e a relação do visitante com esses objetos podem encontrar a finalidade nelas mesmas (como por exemplo a colocação dos quadros). De outro, como esta disposição é feita para um público e visa, portanto, produzir um efeito sobre ele -, a racionalização desta visão da comunicação, a busca de uma produção com significação, a execução de uma estratégia de comunicação abrem a possibilidade de fazê-la "dizer" alguma coisa (Davallon, 2010, p. 21).

Seguindo essa linha de raciocínio, cabe acrescentar as reflexões de Angela Blanco:

En el caso de la exposición la mediación se da entre el visitante y el significado de los objetos o saber científico referente a ellos, **necesariamente manipulado desde el momento en que se tiene la intención de comunicar algo**. Esta manipulación se manifiesta tanto **en la necesaria** reducción del discurso científico original como en su menor precisión **para adecuarlo al receptor** no experto, destinatario de la divulgación científica (Blanco, 2009, p. 67, grifos nossos).

Nesta ótica, as narrativas das exposições sempre contemplam um determinado ponto de vista, um recorte específico para determinados públicos, buscando dar-se a entender, dando acesso às informações para as pessoas não familiarizadas com o tema, propondo ressignificações e novas perspectivas a partir dos objetos selecionados. Nesse processo podem então ocorrer tensionamentos distintos sobre as temáticas, evidenciando algumas leituras e silenciando outras.

Blanco (2009) chama a atenção para o fato de que toda exposição, compreendida como um espaço privilegiado de interações dialógicas e de divulgação científica, deve proporcionar aos públicos novos conhecimentos a partir de suas estratégias comunicacionais e educativas. Logo, a autora compreende o processo curatorial de concepção de exposições da seguinte forma:

La idea de la exposición se concreta en un tema. El tema es el asunto ele que va a tratar la exposición y debe ser bien identificado por el equipo productor de modo que sea reconocible por el receptor. [...] Forma parte de los conocimientos que se quieren transmitir. Pero **la exposición no puede tratar sólo de lo que ya conocen el emisor y el receptor** porque sería

aburrida, no diría nada nuevo. **Es necesario que se diga algo novedoso sobre el tema**, que se añada progresivamente información a lo sabido, que se desarrolle el mensaje (Blanco, 2009, p. 107, grifos nossos).

A partir destas colocações, entendemos que toda exposição deve buscar propor algo novo e deve preocupar-se em propor leituras mais acessíveis sobre os diferentes temas que está abordando - não se voltando apenas ao público especializado, mas sim estabelecendo a tradução do discurso científico em uma linguagem museológica acessível - aqui fica evidente o papel social dos museus e da Museologia ao pensar as exposições museológicas.

Ainda de acordo com Blanco (2009), os objetos são reunidos em conjuntos e estes, por sua vez, formam essa narrativa expositiva, já que se tornam condutores de informações, pois são carregados de significados e simbologias. A autora define essa atribuição de sentidos aos objetos de “critérios ou chaves associativas” que, segundo ela, é “[...] el concepto que comparten y que relaciona a los objetos entre sí” (Blanco, 2009, p. 114).

Nessa perspectiva, ao agrupar os objetos expostos por suas características intrínsecas e/ou extrínsecas, eles podem se inter-relacionarem por mais de um tipo de critério associativo, englobando a mensagem total da exposição ou parte dela, como, por exemplo, conjuntos reunidos em uma vitrine ou núcleos expositivos abordando determinados recortes do tema central da narrativa (Greff, 2018).

Conforme os estudos de Angela Blanco (2009), as chaves associativas dividem-se em três categorias: “Chaves físicas”- é a mais comum por tratar-se da união dos objetos de acordo com suas características físicas – forma; material de que é formado ou decorado; seus estilos; finalidades de uso e se pertencem a uma mesma cultura de fabricação/construção/ montagem; “Chaves espaciais e temporais” - usadas com maior incidência em exposições históricas, já que a linha que une esses objetos está no seu pertencimento a um tempo e espaço, ou seja, esse pertencimento temporal e geográfico é o que lhes dá sentido: “En relación con el tiempo los objetos pueden relacionarse por pertenecer al mismo tiempo o a tempos sucesivos” (Blanco, 2009, p. 120-121).

Esta fase ainda pode ser dividida em “diacrônica e sincrônica”:

La **consideración diacrónica** de los hechos históricos posibilita el análisis del cambio, la evolución, los procesos de transformación... porque cualquier modificación requiere tiempo para poderse realizar; en cambio, a **consideración sincrónica** permite analizar y explicar as interrelaciones

existentes entre os acontecimentos y las circunstancias históricas o estructuras sociales em que se han producido, Diacronia y sincronia son, pues, dos formas de relacionar los objetos en función del tiempo, pudiéndose utilizar las dos simultáneamente en la exposición [...] (Blanco, 2009, p. 121, grifos nossos)

Para finalizar, Blanco propõe uma terceira chave, as “Chaves culturais”, ou seja, a classificação englobaria as funções simbólicas e funcionais atribuídas a partir de determinados grupos e períodos culturais, dos aspectos próprios dos contextos culturais que direcionaram para os objetos seus significados.

Los periodos culturales se pueden convertir en periodos cronológicos mediante la explicitación de sus fechas de principio y de fin. El cómputo usual de estos períodos varía según su antigüedad [...] Por tanto, la utilización del tiempo como criterio asociativo puede agrupar los objetos según la cronología (fecha en que se produjeron), el periodo cultural al que pertenecieron [...] o cronológico-cultural en que tuvieron lugar: y, por último, la época, criterio temporal poco preciso que se refiere a los objetos que comparten el tiempo en que tuvieron lugar determinados hechos históricos o la vida del personaje que sirve de referencia (Blanco, 2009, p. 121).

Nessa perspectiva, a partir das visitas técnicas ao Memorial da Loucura foi possível identificar as chaves associativas utilizadas em determinados núcleos expositivos, organizando uma lista dos elementos expográficos dos módulos selecionados, destacando a presença dos objetos testemunhos (Guarnieri, 1986 [2010]) que compõem a exposição e que julgamos pertinentes para esta análise expológica e expográfica desta exposição de longa duração. Desta forma, para as análises pontuais em relação ao espaço expositivo e aos objetos, selecionamos alguns e os categorizamos da seguinte forma:

Tabela 6 – Lista das categorias e dos objetos para análise.

NÚCLEO EXPOSITIVO 1 “MÉDICO/HOSPITALAR E ESTATÍSTICO”	NÚCLEO EXPOSITIVO 2 “PACIENTES E HOSPITAL”	NÚCLEO EXPOSITIVO 3 “PODER”
Prateleiras/ armários com frascos de remédios / farmácia	<ul style="list-style-type: none"> - Linha do tempo com a trajetória institucional - Quarto hospitalar e sala cirúrgica - Sala exposição “São Pedro na Mídia” 	Gabinete de Jacintho Godoy
Equipamentos médico-cirúrgicos variados (destaque para Máscara de Ombredanne, Aparelho de Eletroconvulsoterapia – ECT e Camisa de Força)	<ul style="list-style-type: none"> - Quadros pintados, que retratam pacientes em atividades variadas na instituição - Óculos, anéis, brincos, pulseiras, chaves, chaveiros, navalhas para barbear, terços/rosários, rádios, facas, dinheiro, fotografias e documentos pessoais, bíblias, etc. - Instrumentos musicais e discos LPs de vários cantores e períodos 	Quadros com imagens de médicos psiquiatras de vários períodos
Registros estatísticos		Livro de visitas com a assinatura da Princesa Isabel

Entendemos que estes núcleos expositivos com os objetos listados são itens importantes, seja por questões ligadas à história da saúde, a das profissões da saúde e à própria história do HPSP, ou seja, visualizamos nesses objetos elencados as construções expológicas e expográficas mais significativas da exposição em análise. Desta forma, ao nosso ver, as narrativas propostas materializam-se objetivamente nesses objetos.

Também consideramos que não há exposição sem recursos expográficos e estamos considerando, como parte dos núcleos de análise, a reprodução de um quarto, de uma sala cirúrgica e de um gabinete administrativo. Estes elementos ajudam o visitante a compreender pontos significativos da narrativa. Como nos diz Ojeda (2016, p.32): “o objeto não fala por si só [...] é preciso existir organização da informação, que se caracteriza como procedimento vital para a produção e circulação dos conteúdos”.

Em relação aos objetos médicos, parece-nos interessante aqueles que se referem sobretudo à psiquiatria; afinal, são esses objetos que “dão sentido”, por assim dizer, ao espaço e guardam, portanto, suas singularidades. Os objetos ligados aos pacientes também entram na nossa categorização, pois são importantes no processo que queremos apontar sobre as suas “vozes” ao longo da exposição. Finalizamos com o recorte do objeto fetiche, pois ele acaba por sintetizar algumas perspectivas, fazendo entender porque algumas escolhas foram feitas.

Vale lembrar que aqui entendemos também como objetos as pinturas emolduradas presentes na exposição sejam as reproduções que apresentam médicos ou aqueles trabalhos sobre os pacientes, pois eles estão no contexto museológico do espaço. Também consideramos como objetos os livros estatísticos em exposição.

Em nossa análise, as “Chaves associativas físicas” evidenciam, como supõe o nome, objetos que estão agrupados devido a uma característica física comum, mas não só, pois as finalidades de uso e, se pertencem a uma mesma cultura de fabricação/construção/ montagem, também podem ser considerados. Trata-se de objetos médicos e da saúde – vidraria, instrumentais e materiais que se ligam a partir de sua condição, bem como registros em suporte de papel (dados estatísticos), como livros.

As “Chaves associativas espaciais e temporais” refletem a busca pela “harmonização” do espaço por mostrar um hospital que tratava as pessoas numa perspectiva diacrônica que possibilita a análise das mudanças e transformações dos processos. Nesse sentido, foi recriado um quarto hospitalar e uma sala cirúrgica em um dos núcleos da exposição. Esses espaços recebem elementos construídos temporalmente e que assim compõem as salas.

O visitante percebe que são todos objetos “antigos”. É uma tentativa de evidenciar circunstâncias e estruturas sociais e históricas. Já elementos que retratam os pacientes podem ser alocados no ponto de vista sincrônico, pois possibilitam a análise dos acontecimentos em que são produzidas aquelas escolhas expográficas que pretendem narrar esta ou aquela situação.

No que se refere às “Chaves associativas culturais”, nosso foco reside na percepção de que os elementos selecionados para a análise refletem posições culturais e simbólicas que vislumbram a Medicina como a detentora do saber e assim cria “heróis”, bem como enfatiza no passado uma época especial, onde um membro de uma família real impulsiona este discurso.

A partir dessas premissas será possível identificar os critérios de associação delimitados pelas propostas curatoriais da exposição de longa duração. Que chaves associativas foram empregadas nesta exposição? Que objetos foram considerados fundamentais para narrar a trajetória da saúde e da medicina no Memorial da Loucura? Quais os silêncios presentes na narrativa e em seus discursos expográficos?

4.2.1 Entre frascos, máscaras, eletrochoques e números: núcleo expositivo 1 “médico/hospitalar e estatístico”

Toda a tecnologia empregada na construção de objetos para uso na saúde de um modo geral e, em particular na Medicina, pode ser mapeada desde a Pré-História. Os registros arqueológicos acompanham o desenvolvimento destes instrumentos, que de artefatos em pedra, conchas, e madeira, passam a objetos em cobre, bronze, ferro e aço (Kirkup, 2017, p. 20 *apud* Medeiros, 1993). Segundo Medeiros (2017), é possível observar neste momento histórico “o engenho do ser humano, associando seus conhecimentos de anatomia, às suas habilidades como artesão, objetivando a criação de ferramentas cada vez mais práticas, ergonômicas e precisas”.

Na sequência de seu desenvolvimento, as ciências médicas e seus objetos sofreram alterações, direta ou indiretamente, de questões socioeconômicas, como, por exemplo, da expansão marítima europeia, que proporcionou a entrada de novos elementos, vindos da África, América e Ásia, tidos como exóticos: “O guaiaco, o ébano, entre outras madeiras nobres, passa a ser utilizados assim como o marfim, o casco de tartaruga, a madrepérola [...]” (Medeiros, 2017, p. 24) tornando até o século XIX os instrumentos médico-cirúrgicos frágeis e, principalmente, disseminadores de infecções por possuírem materiais orgânicos em sua composição.

Outra dinâmica que igualmente influenciou o desenvolvimento dos objetos médicos, foi a descoberta da anestesia em 1846, o que permitiu, uma vez erradicada a dor, que a cirurgia deixasse de estar reduzida a operações externas, como a amputação e extirpação, alargando o seu campo de intervenção, o que originou o aperfeiçoamento de instrumentos cirúrgicos, agora já fabricados em aço, como as pinças de pressão e outros novos objetos (Faria, 2009).

Percebemos, então, que tais objetos, assim como outros tantos, estão ligados às formas que a sociedade organiza-se e trata suas necessidades. E, ao serem colocados em um museu “são considerados menos como coisas (do ponto de vista de sua realidade física) do que como seres de linguagem (eles são definidos, reconhecidos como dignos de serem conservados e apresentados) e como suportes de práticas sociais”, tornando-se “testemunhos (con)sagrados da cultura” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 70).

A exemplo da discussão anterior sobre a concepção museológica, ao serem selecionados para comporem um acervo passível de musealização e, na sequência, integrar a narrativa de uma exposição de longa duração, estes objetos deixam o aspecto funcional e passam a compor o aspecto do significado:

De um lado estão as *coisas*, os *objectos úteis*, tais como podem ser consumidos ou servir para obter bens de subsistência, ou transformar matérias brutas de modo a torná-las consumíveis, ou ainda proteger contra as variações do ambiente. Todos estes objectos são manipulados e todos exercem ou sofrem modificações físicas, visíveis: consomem-se. De um outro lado estão os *semióforos*, *objectos que não têm utilidade*, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, *são dotados de um significado*; não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura. A actividade produtiva revela-se portanto orientada em dois sentidos diferentes: para o visível, por um lado; para o invisível, por outro; para a maximização da utilidade ou para a do significado. As duas orientações, embora possam coexistir em certos casos privilegiados, são, todavia, opostas na maior parte das vezes (Pomian, 1984, p. 71).

Este objeto, agora dotado de significados – o semióforo – ao ser selecionado para o processo expositivo, pode carregar consigo diferentes abordagens e perspectivas dependendo das escolhas curatoriais que irão alicerçar a narrativa que se quer construir. Por exemplo, se queremos mostrar o quão brilhante determinado médico foi durante sua trajetória profissional, enfrentando as distâncias dos centros urbanos e as dificuldades de diagnóstico por falta de equipamentos, podemos selecionar em seu acervo e expor apenas aqueles instrumentos manufaturados por ele, aqueles objetos que este profissional “improvisou” para seguir a sua prática. Desta forma, o discurso de superação e inteligência de todos os profissionais da área serão dados à leitura.

Obviamente a constituição de tais acervos via doações de pessoas físicas é um ponto importante a ser considerado quando da biografia e análise dos objetos expostos, gerando sempre perguntas: será que este item está aqui para uma resposta e/ou um agradecimento? Será que, ao estar exposto, às mesmas atribuições dadas a esse objeto pelo doador, estão sendo refletidas na exposição? Há alguma conotação política de classe na escolha deste objeto?

Estes museus estão sendo apenas “depositários dos símbolos litúrgicos da identidade sagrada deste grupo, e cuja exibição deve induzir todos à aceitação social dos valores implicados” ou ele “cria condições para conhecimento e entendimento do que seja identidade, de como, por que e para que ela se

compartimenta e suas compartimentações se articulam [...] por intermédio das coisas materiais”? (Meneses, 1993, p. 214).

Tendo em vista então os objetos, coleções e acervos escolhidos para compor esta ou aquela exposição com objetivo de marcar as dinâmicas de saúde, devemos ter em mente que são as articulações do espaço social que dizem quem são as pessoas em questão, e não o “nome próprio”, o nome do indivíduo. Isso se faz importante porque há um senso comum, nessas temáticas, em priorizar a figura de médicos como mote das construções expográficas e assim os seus objetos figuram com destaque.

A partir de nossa experiência com o objeto de estudo, percebemos que a maioria dos museus e memoriais que abordam a temática saúde/medicina operam nesse sentido, dando ênfase às construções médicas em detrimento dos demais agentes envolvidos nos processos de adoecimento e cura. No caso do Memorial da Loucura, percebemos essa questão em todos os núcleos que construímos para analisar. Entendemos, como vamos explorar mais adiante, que este conceito refere-se à própria dinâmica da construção histórica ao longo dos anos, onde os grupos da elite eram os merecedores dos créditos e os responsáveis pelo desenvolvimento de qualquer área.

A influência positivista persistente tem impedido a valorização das controvérsias científicas e a historiografia da ciência se ressentiu dessa ausência, em detrimento de uma compreensão de como funciona a ciência (Magalhães, 2018, p. 345).

Este modelo, de acordo com Magalhães (2018), foi ditado por Pierre Lafitte, discípulo direto de Auguste Comte que em 1892 na inauguração do curso geral de história das ciências, no Collège de France, reafirmou sua crença de que chegara o momento em que a ciência deveria assumir a direção dos assuntos humanos.

Essa perspectiva caminhava de par com sua insistência nos **“grandes nomes” das ciências**. Em decorrência, **será uma história “heroica”, próxima da história de nomes e datas**, traço ainda dominante na concepção de muita história que se escreve, **centrada em “grandes vultos e suas façanhas”** como Galileu, Newton, Darwin, Einstein e outros. Grifos nossos (Magalhães, 2018, p. 347).

É importante destacar que a história não é estática. Os historiadores contemporâneos estão cada vez mais conscientes desse fato e buscam ampliar a

narrativa histórica, incluindo vozes e perspectivas antes não representadas, como mulheres, povos indígenas, minorias étnicas e outros, refletindo também nas produções sobre Ciências, Saúde e Medicina. Além disso, a democratização da informação e o acesso à educação estão permitindo que mais pessoas contribuam para a compreensão da história e desafiem os relatos tradicionais, mesmo em tempos de revisionismos baseados no “achismo”. A história está sempre sendo repensada à medida que novas perspectivas são consideradas.

Seguindo a perspectiva de construção de uma lógica discursiva na narrativa da exposição, cabe observar que, mesmo considerando o que Belcher (1997, p. 53) nos diz sobre a necessidade do visitante “moverse y deambular con total libertad”, após o painel com uma Linha do Tempo sobre a história do Hospital São Pedro, sobre a qual falaremos mais adiante, o visitante começa sua jornada pela sala logo à direita, num movimento natural, já que a sala da esquerda está fechada e o corredor a sua frente não indica um percurso.

Nesta sala, que compõe o Núcleo Expositivo 1 (Figuras 16 e 17), há dois armários em madeiras, com vidraria de laboratório e alguns livros sobre o tema. A legenda colada no meio de um dos vidros de um dos armários informa: “Armário da farmácia do Hospital São Pedro. Início do Século XIX”. Sabemos que a farmácia da instituição foi criada em 1897 e que desde 1916 as Irmãs de São José, que atuaram no hospital, assumiram este setor até aproximadamente 1975. Assim, “ficaram como responsáveis pelo setor que produzia a quase totalidade dos medicamentos consumidos pelos pacientes – os demais vinham da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre” (Parker, 2012, p. 63). No entanto, estes dados de contexto não são apresentados.

Figuras 16 e 17 – Armários, vidraria de laboratório e livros.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Observamos também uma quantidade significativa de vidros, sem identificação, sendo possível apenas ler alguns rótulos para buscar alguma informação: “reativo”, “gram fucsina”, “pomada colargel” (Figuras 18 a 21). Podemos perceber que o critério associativo físico pode ter ocasionado esse arranjo intencional por parte dos profissionais que conceberam a exposição. Uma grande quantidade de objetos em vidro, de diferentes períodos, e que para além do critério físico material contemplam o critério físico de função, eram vidrarias que recebiam substâncias utilizadas para tratamentos farmacológicos dentro do HPSP.

É válido destacar a ausência de informações sobre os objetos ali expostos, as quais agregariam conhecimento ao público não especializado. Nestes tempos, os celulares conectados à internet podem ajudar a decifrar alguns destes “mistérios”. Nosso visitante numa busca rápida em um site de busca descobrirá, por exemplo, que “gram fucsina” trata-se de “Solução utilizada na técnica de coloração microbiológica de GRAM para diferenciar as células “Gram positivas” (roxa) das “Gram negativas” (que se coram de vermelho por absorverem o corante fucsina)”⁵²; logo, uma possível curiosidade seria sanada. Talvez a informação de modo isolado não seja significativa, mas num conjunto de outros dados poderia suscitar conhecimentos variados.

⁵² A ideia aqui é apenas ilustrar o meio de pesquisa comum. Informação retirada do site da empresa Renylab, disponível em <https://www.renylab.ind.br/produto/fucsina-diluida-de-gram/> Acesso em 16/12/2022.

Figuras 18 a 21 – Armários, vidraria de laboratório e livros



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Do lado direito da sala, de quem entra no espaço expositivo, há mais dois itens em um expositor (Figura 22), e apenas uma legenda: “Queimador de laboratório movido a benzina com chama ajustável. Início do Século XIX”. Não há

certeza sobre que objeto a legenda trata. Mais uma vez, o visitante que fizer uma busca rápida na internet vai descobrir que o objeto da legenda é o que está fora da cúpula. Percebemos que essa ausência de informações ou informações que podem confundir o visitante sobre qual objeto está fazendo referência, acompanha os demais núcleos da exposição.

Figura 22 – Imagem dos objetos com única legenda: “Queimador de laboratório movido a benzina com chama ajustável. Início do Século XIX”.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

O visitante perceberá no decorrer de sua estada no local que o trajeto sendo feito sala por sala, ou de forma aleatória, poderá não alterar sua percepção da exposição, pois, mesmo que se perceba certa organização cronológica, esta regra

não foi aplicada de forma geral, ou se foi, logo na abertura do Memorial, ela modificou-se, pois percebemos acréscimos de novos objetos de períodos diversos na exposição, sem a devida adequação da sua estrutura.

Na sala “População do Hospital São Pedro”, o visitante também tem a sua disposição uma quantidade considerável de dados estatísticos (justificando assim o nome da sala) de alguns períodos (1884, 1947, 1952, 1957, 1963), associados aos documentos legais como Regulamentos e Regimentos do HPSP (Figuras 23 a 25).

Figuras 23 a 25 – Dados estatísticos apresentados na População do Hospital São Pedro



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

É a partir deste ponto que o visitante poderá observar ao longo do restante da exposição, ou seja, em todas as demais salas, outro recurso expográfico recorrente: painéis com textos. Esses textos, sem sua maioria extensos, foram elaborados pela equipe de profissionais da Instituição. Os painéis informativos, compostos de madeira ou isopor revestidos com tecido preto, recebem folhas impressas de vários formatos, que são coladas nesta base e, após, para finalizar o processo, são recobertas por plástico transparente e assim fixados nas paredes. O material é produzido pela equipe do Memorial ou por algum funcionário da manutenção do HPSP. Obviamente o problema não está na elaboração simples do material e sim na grande inserção de informações que reproduzem documentos e muitos dados, os quais influenciam diretamente na experiência do visitante.

Logicamente que “En la mayoría de los casos no se puede comunicar de manera efectiva sin palabras [...]” (Fernández; Fernández, 2007, p. 97); contudo, a forma precisa ser repensada. Blanco (1999) também nos alerta para a necessidade da presença do texto em espaços expositivos, pois, segundo ela, nem sempre os visitantes possuem conhecimento prévio do objeto, sendo necessário o texto para que ocorra a relação com a narrativa expográfica, sendo um recurso autossuficiente, devendo estar articulado no conjunto de elementos/recursos que irão compor a narrativa.

Os dados trazidos pelos regulamentos e as informações estatísticas aparecem de forma muito ampla. Planilhas e gráficos acabam não funcionando como um bom recurso expográfico, pois são muitos dados que o visitante não consegue acompanhar, sendo então nulos. Logicamente que entendemos que se quis quantificar e, como já apresentamos, realmente a superlotação sempre foi um problema.

É possível perceber que a questão estatística é importante para a exposição, pois segue sendo apresentada em outros núcleos expositivos. Notamos esse material ligado aos critérios associativos físicos devido à forma como são apresentados: em livros que são “abertos” e evidenciados em reproduções nas paredes. Por exemplo, há no corredor, em frente a esse cenário descrito anteriormente, um armário (Figuras 26 a 28), convertido em expositor, com fichas retiradas destes livros, do “Gabinete de identificação no Hospital São Pedro 1948”. Na sequência, a legenda informa que o referido laboratório foi inaugurado

oficialmente em 1949 com a presença do Governador do Estado, sem, contudo, informar sobre o encerramento das atividades.

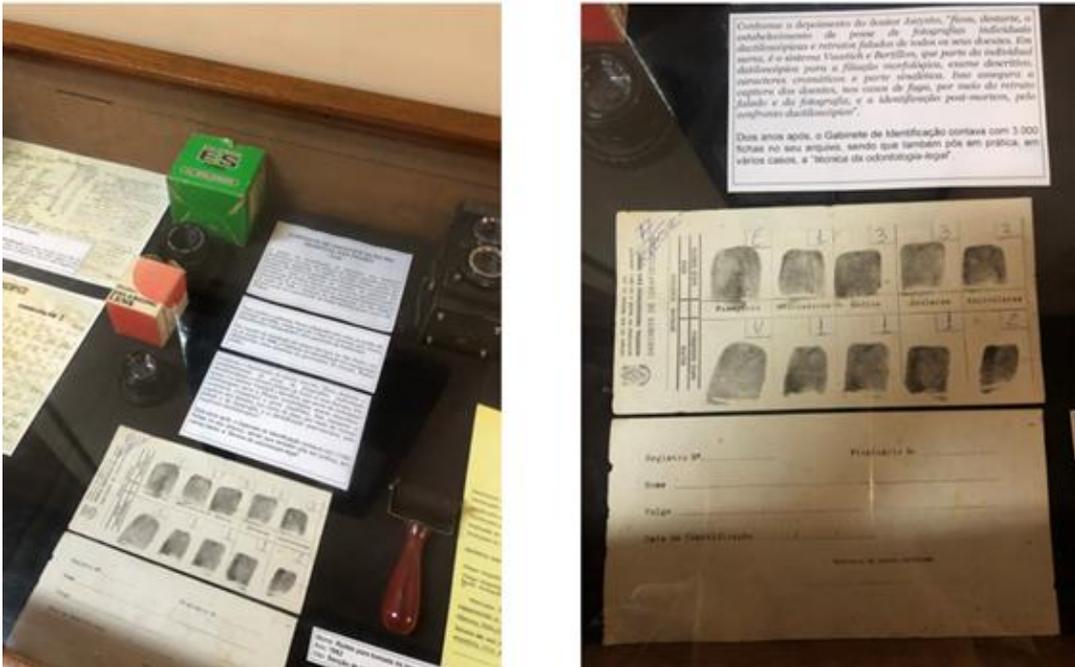
Este órgão tinha como função registrar os internos, fotografando e coletando suas digitais. Mais uma vez temos uma referência aos pacientes, mas apenas no modo como o Estado tratava-os. Conhecemos as implicações legais e éticas que envolvem a divulgação de fotos e nomes de pacientes; todavia, é possível definir outras estratégias comunicacionais para contemplar essas trajetórias, como, por exemplo, inserir as fichas com o uso de nomes fictícios sem expor as pessoas e suas identidades.

Figura 26 – Materiais do Gabinete de identificação no Hospital São Pedro 1948.



Fonte: Fotografia do autor, 2022.

Figuras 27 e 28 – Materiais do Gabinete de identificação no Hospital São Pedro 1948.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

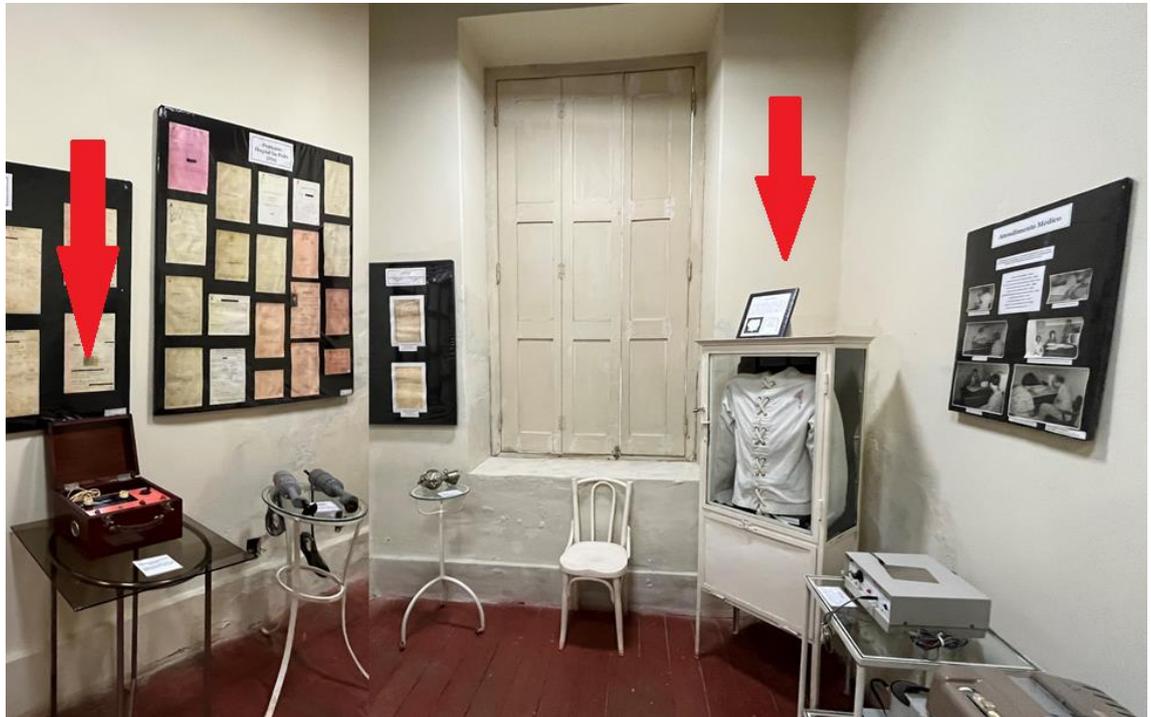
Nessas vitrines em destaque é notável que os pacientes acabam por figurando apenas como números, onde a linguagem estatística segue sendo apresentada na tentativa de mostrar à sociedade que aquele espaço foi importante, que prestava um serviço vital para a sociedade e que, se não fosse ele, onde essas pessoas estariam? Quem as acolheria? Quem poderia organizar a instituição dado o grande número de doentes?

Evidentemente que não está se questionando o papel do Estado e de suas responsabilidades para com a população, mas a construção que se tem na exposição é de que aquele serviço prestado tratava-se de uma benesse estatal e não de uma obrigação que deveria dar conta da superpopulação de pessoas com transtornos mentais e que precisavam de tratamento médico. Cabe ainda observar que a construção histórica da narrativa concentra-se em um HPSP que não existe mais, sem um movimento de reflexão contemporânea e/ou crítica institucional que perpassou as muitas transformações que o complexo hospitalar, seus profissionais e pacientes vivenciaram.

Na Sala Carlos Lisboa (Figura 29) que homenageia o médico, primeiro diretor da Instituição, de 1884 a 1889, o visitante encontrará objetos selecionados e agrupados a partir de sua funcionalidade, ou seja, o critério associativo físico de

função, nesse caso, objetos médicos utilizados no tratamento das doenças mentais dentro da instituição em vários períodos.

Figura 29 – Sala Carlos Lisboa.



Fonte: Fotografia do autor, 2023.

Na Figura 29 podemos observar, além de equipamentos médico-cirúrgicos variados, aqui colocados para evidenciar que o hospital possuía uma rede de atendimento própria (com profissionais das áreas da cirurgia, cardiologia, entre outras), itens significativos para o tratamento das doenças mentais, como o Aparelho de Eletroconvulsoterapia – ECT e uma Camisa de Força (sinalizados na imagem).

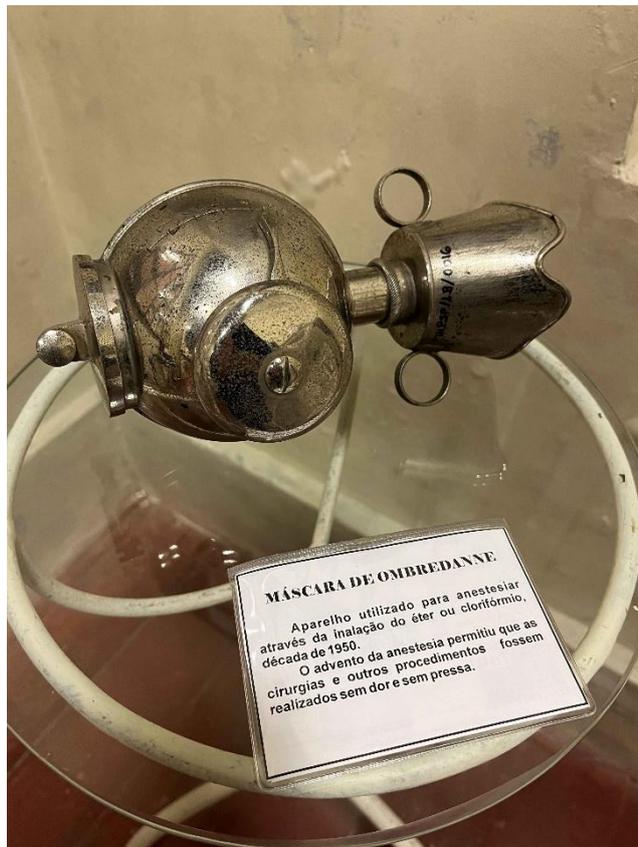
Ao visitante não especializado talvez não chame a atenção, mas nesta sala está um exemplar importante em todas as instituições que tratam da memória da saúde e da Medicina: a Máscara de Ombredanne (Figura 30). Assim, devido a sua relevância dentro de uma perspectiva “evolucionista” da Medicina, o objeto aparece em quase todas as instituições mencionadas no capítulo 2.

O equipamento é um importante instrumento para administração anestésica, sendo o primeiro a ser desenvolvido com essa função, o que “revolucionou” o processo cirúrgico já que agora a dor não seria um empecilho para os tratamentos⁵³.

⁵³ Para saber mais indicamos a leitura da monografia de QUINTANA, 2021.

Era constituído por um reservatório esférico metálico, com tampa removível, dentro do qual eram colocados pedaços de feltro embebidos com líquido anestésico. A máscara era de metal e uma bexiga de porco servia como bolsa para reinalação do vapor. Quando o número do dial (0 a 8) era aumentado a cada série de movimentos respiratórios, a concentração do anestésico também o era e, simultaneamente, a de ar diminuía. Uma toalha dobrada era colocada sobre a face do paciente para proteção dos olhos, e uma camada de vaselina era aplicada para evitar ação cáustica do anestésico. O ronco era sinal definitivo de anestesia cirúrgica. Correias eram aplicadas nos punhos e tornozelos dos pacientes (Reis Júnior, 2009, p. 498).

Figura 30 – Máscara de Ombredanne.



Fonte: Fotografia do autor, 2023.

Nas paredes da sala expositiva está fixado um painel com um prontuário de paciente, datado de 1934, evidenciando os tratamentos propostos pelo médico. A legenda do objeto diz:

MÁSCARA DE OMBREDANNE

Aparelho utilizado para anestésiar através da inalação do éter ou clorifórmio, década de 1950. O advento da anestesia permitiu que as cirurgias e outros procedimentos fossem realizados sem dor e sem pressa (Legenda que se encontra junto ao objeto).

Infelizmente o objeto conta apenas com uma legenda genérica, que não dá conta de sua complexidade. Não há, também, nenhuma outra informação; aliás, a sala não informa seu objetivo. Ou seja, perceber que se trata de um espaço que foca nos tratamentos é quase intuitivo, dada a presença de elementos que fazem parte do senso comum sobre a loucura, os já citados ECT e Camisa de Força, que aparecem em séries, filmes e demais meios de entretenimento, como nos diz Leite (2021) em seu trabalho que analisou 13 filmes e buscou mostrar como é feita a representação, no cinema hollywoodiano, da eletroconvulsoterapia. O autor nos diz:

Nesse processo, três formações discursivas atravessam as películas estudadas: 1) a representação da eletroconvulsoterapia de maneira ambígua, mas ainda assim como um recurso terapêutico legítimo, que deve ser utilizado apenas em casos extremos (*The Snake Pit*, *Fear Strikes Out* e *Shock Corridor*); 2) a representação da eletroconvulsoterapia como método de tortura e silenciamento, usada como castigo para regular e docilizar determinados padrões de comportamento de pacientes taxados como rebeldes ou problemáticos (*One Flew Over The Cuckoo's Nest*, *Frances*, *Chattahoochee* e *The Fifth Floor*); 3) a representação da eletroconvulsoterapia totalmente desconectada do ambiente da terapêutica psiquiátrica, em filmes bem diversos e que não tem, necessariamente, a psiquiatria como enredo (Leite, 2021, p. 12).

Na sua conclusão, Leite (2021) mostra que a eletroconvulsoterapia é representada basicamente de duas formas: como elemento de terror e como um recurso cômico e que tais formações discursivas permitem investigar os significativos efeitos culturais e políticos que decorrem da representação cinematográfica desse método específico da terapêutica psiquiátrica, compreendendo “o cinema como uma linguagem desestabilizadora dos dispositivos de poder, que nos faz repensar nossas próprias certezas e atitudes” (Leite, 2021, p. 114)⁵⁴.

Na exposição, próximo à Máscara de Ombredanne, está o Aparelho de Eletroconvulsoterapia, também conhecido como ECT (Figura 31). De uso controverso até hoje, o equipamento está no centro de um debate que não parece ter fim: “[...] a sua prática ainda conta com uma série de questões não bem compreendidas. Isso explica, em parte, as diferenças na sua aplicação em diferentes serviços e a falta de protocolos claros para a sua execução [...]” (Perizzolo, 2003, p. 327).

⁵⁴ Como exemplo, podemos citar os seguintes filmes: *Bicho de Sete Cabeças* de Laís Bodanzky (2001); *Ilha do Medo* de Martin Scorsese (2009); *Nise: O Coração da Loucura* de Roberto Berliner (2015) e, *O Manicômio* de Michael David Pate (2018).

Figura 31 – Aparelho de Eletroconvulsoterapia – ECT



Fonte: Fotografia do autor, 2023.

No caso específico da exposição, ele compõe a sala e atrai a curiosidade. Diferente do item que exploramos anteriormente, este equipamento conta com mais informações, como as legendas que seguem:

Ugo Cerletti

O médico italiano Ugo Cerletti, com a colaboração do seu colega e compatriota Lucio Bini, utilizou pela primeira vez eletroconvulsoterapia como tratamento em abril de 1938, em um paciente diagnosticado com esquizofrênico, com alucinações e confusão mental. Após uma série de procedimentos o paciente recobrou o estado mental. Determinada a utilidade e a segurança, o tratamento rapidamente se disseminou como prática clínica, sendo indicado para os casos de esquizofrenia aguda, psicose maníaco-depressiva, depressão maior, etc.

Ugo Cerletti (1877 - 1963)

Neurologista italiano que desenvolveu a eletroconvulsoterapia para o tratamento de vários tipos de doença mental.

No Hospital São Pedro os primeiros aparelhos de eletroconvulsoterapia foram fabricados pelo engenheiro Olmiro Ilgenfritz, sob a orientação do psiquiatra Alvaro Murillo da Silveira, e utilizados para quadros de depressão grave. A eletroconvulsoterapia deixou de ser utilizada no Hospital São Pedro na segunda gestão do doutor Régis Antônio Campos Cruz (1999-2002).

Percebemos pela legenda que no HPSP o tratamento foi interrompido 10 anos após a Reforma Psiquiátrica ocorrida pioneiramente no Rio Grande do Sul, o que nos leva a ponderações sobre como este tratamento de fato é controverso.

Em entrevista que realizamos para o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul em maio de 2012, com a Irmã Paulina, religiosa da Congregação Irmãs de São José de Chambéry e que atuou na instituição por mais de 60 anos⁵⁵, ela narrou que tais aplicações eram realizadas de forma corriqueira, até mesmo por ela, e que, em sua visão, eram excelentes tratamentos, superiores a medicamentos. Em sua fala percebemos que o componente principal e que atraía ao uso do ECT pela equipe médica e de enfermagem estava no fato de, após o “choque”, o paciente “voltar tranquilo”, ou seja, após a crise que tumultuava o ambiente, ele rapidamente era contido, esquecendo, ao acordar, o que causou o surto⁵⁶.

Outro objeto que figura nesse núcleo da exposição é uma Camisa de Força (Figura 32), item igualmente estigmatizado pelo senso comum⁵⁷ e assim de fácil associação ao tratamento dado ao que se denomina como loucura. A legenda do material, colocado acima do mesmo, diz:

Foi um dos instrumentos de contenção utilizado nos hospícios/hospitais psiquiátricos no século XIX e por muitos anos do século XX. Muitas vezes foi substituído por celas fortes onde o paciente permanecia solitário sob vigilância até o final do surto. O tecido da camisa era de lona, com mangas

⁵⁵ Ir. Paulina faleceu em 08/02/2022 aos 91 anos, vítima de complicações da Covid-19.

⁵⁶ A entrevista faz parte do Projeto de História Oral do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul e foi realizada em maio de 2012 no HPSP. O material está disponível no canal do MUHM-RS no *YouTube*: Parte 1 <https://www.youtube.com/watch?v=JmQqy3JIH9c> e Parte 2 <https://www.youtube.com/watch?v=DAvM6XfY3Xk> Acesso em setembro de 2023.

⁵⁷ No que se refere ao cinema, como elemento que influencia na dinâmica de reconhecimento do equipamento em questão, podemos citar o filme *Camisa de Força* de John Maybury (2005). Em relação a música há listas que elencam como o equipamento aparece nos videoclipes: Os 5 melhores clipes com camisa de força. Tá todo mundo louco neste top 5! Fim de ano chegando e você aí louco por férias. Não vale quebrar tudo antes de ver o nosso top #5 mais excêntrico do ano, de clipes com camisa de força! O Povo, 09/12/2015. Disponível em <http://www.midiorama.com.br/os-5-melhores-clipes-com-camisa-de-forca> Acesso em 06/09/2023.

muito longas e fechadas, sendo que os braços eram cruzados junto ao tórax e as pontas das mangas eram amarrados com cordões nas costas, ficando o paciente totalmente imobilizado. A prática da utilização da camisa de força foi sendo substituída com o surgimento dos psicofármacos.

Figura 32 – Camisa de Força



Fonte: Fotografia do autor, 2023.

De acordo com Neuza Barcelos, a camisa de força em exposição é um objeto original e foi entregue ao Memorial pela já citada Ir. Paulina. Segundo Neuza, foi a última que sobrou das várias que existiam no HPSP. A entrevistada não soube dizer se esse exemplar havia sido comprado ou se havia sido feito no próprio hospital, no setor de costura. Uma curiosidade lembrada por nossa entrevistada refere-se ao modo como a camisa foi preparada para a exposição: “o serviço de manutenção fez

um ‘T’ com canos de PVC e, a partir daí, eu confeccione aquele ‘tipo busto de manequim’, com uma camiseta usada preenchida com espuma e tecido” (Barcelos, 2021, p. 03).

Tal objeto é igualmente ressignificado ao longo dos anos. Lygia Clark, ícone da arte contemporânea brasileira, na proposição “Camisa de Força”⁵⁸, de 1968:

[...] aproximou da crítica aos mecanismos de controle do corpo e procurou fazer com que o participante vivenciasse uma experiência de sujeição do corpo, onde o olhar é interdito, panos enrolados recobrem todo o rosto e impedem o movimento, pedras penduradas nas redes que envolvem os braços estabelecem a contenção dos gestos (Valdivieso, 2012, p. 38).

O trabalho de Lygia, a propósito, é referência para o tratamento de pessoas com transtornos mentais⁵⁹ em que:

uma característica de seu processo emancipatório é liberar os participantes da forma externa, do poder hipnótico da imagem e de significados únicos, e revelar dentro deles um espaço de possibilidades e projeção. (Brett, 2001, p. 42).

A exemplo do que vimos em relação ao ECT, a Camisa de força também ganha uma dimensão jocosa quando falamos em fantasias, principalmente no período de Halloween⁶⁰, comemoração cada vez mais presente no Brasil. Felizmente este objeto também tem sido tensionado recentemente, a exemplo da reação de protesto da modelo Ayesha Tan-Jones contra a Gucci, em cima da passarela, durante a Semana de Moda de Milão. Seu objetivo era denunciar o uso

⁵⁸ A obra pode ser vista no site da Associação Cultural Lygia Clark: Acervo – Camisa de Força. Disponível em <https://portal.lygiac Clark.org.br/acervo/215/camisa-de-forca> Acesso em 06/09/2023.

⁵⁹ Como exemplo, indicamos 2 matérias jornalísticas que noticiaram o uso das obras de Lygia Clark na perspectiva terapêutica, uma de 1994 e outra de 2022: CARVALHO, Mario Cesar. Centro psiquiátrico usa obra de Lygia Clark. Folha de São Paulo, 19 de novembro de 1994. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/19/ilustrada/1.html> Acesso em 06/09/23023; MORAES, Carolina. Conheça centro psiquiátrico que usa terapia de Lygia Clark com concha e almofada - Espaço Aberto ao Tempo comandado por Lula Wanderley no Rio de Janeiro mantém legado da artista até os dias de hoje. Folha de São Paulo, 15 de maio de 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/conheca-centro-psiquiatrico-que-usa-terapia-de-lygia-clark-com-concha-e-almofada.shtml> Acesso em 06/09/2023.

⁶⁰ Redação. Thaila Ayala se veste de camisa de força para Halloween em Nova York - Atriz está na cidade para a festa de Halloween da top Natalia Vodianova. Revista Vogue. Disponível em <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2017/10/thaila-ayala-se-veste-de-louca-para-halloween-em-nova-york.ghtml> acesso em 06/09/2023.

"ofensivo" da camisa de força "aludindo a pacientes mentais" na coleção primavera-verão 2020 da marca internacional⁶¹.

Obviamente que percebemos nesses objetos mencionados que o critério associativo cultural também está presente, haja vista as relações com as artes, como buscamos evidenciar no cinema e nas artes plásticas. As chaves associativas espaciais e temporais também se entrecruzam na medida em que, mesmo ao público não especializado, estes elementos parecem algo distante do processo atual de terapia, mesmo a exposição não mencionando isso. Estes objetos, agrupados por todos esses critérios associativos, mas em especial aos físicos e físicos funcionais, evidenciam uma construção expográfica que conduz o visitante à perspectiva do tratamento no passado, não havendo relação com a contemporaneidade desses processos.

4.2.2 Um hospital “eloquente” e seus pacientes invisibilizados: núcleo expositivo 2 “pacientes e hospital”

Dentro dessa perspectiva de como os acervos são formados dentro das instituições cuja temática são a saúde e a Medicina, cabe-nos indagar onde estão as outras partes significativas deste processo, ou seja, onde está retratada a materialidade dos usuários dessas instituições, “instrumentos” da prática médica, atores importantes desde que a historiografia dos *Annales* descortinou-os e trouxe-os, junto com tantos outros, para o palco histórico (Febvre, 1989, p. 249).

Concordamos com Peter Van Mensch (1994, p. 08) que afirma que há uma conexão “inegável entre o conceito de museologia como estudo dos objetos de museus e o reconhecimento de que a interpretação dos objetos seja a característica central e mais distintiva do trabalho do museu”. Citando uma conferência proferida por Z. Bruna em 1965, o autor também nos diz:

Z. Bruna definiu o objeto da compreensão museológica como: o problema relativo ao material, aos objetos móveis, autênticas peças da realidade objetiva, os quais – tendo perdido suas funções originais e agora obsoletas – têm adquirido, estão adquirindo ou vão adquirir novas funções como evidência de sua trajetória (Mensch, 1994, p. 08-09).

⁶¹ Redação. O protesto de modelo contra 'camisas de força' em desfile da Gucci em Milão - Ayesha Tan-Jones, modelo da Gucci, fez um protesto silencioso no domingo durante o desfile da marca na Semana de Moda de Milão. BBC News Brasil, 24 setembro 2019. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49808128> Acesso em 06/09/2023.

Ao conceito de semióforo, para pensarmos os objetos da saúde e da medicina, soma-se a ideia de “singularização”, trazida por Kopytoff (2008, p. 109), a qual apresenta algumas construções patrimoniais que passam tanto pelo desejo individual quanto pelo desejo coletivo, sendo esta última, na maioria das vezes, “alcançada pela referência à passagem do tempo”. Em instituições museológicas cujo foco é a saúde e a medicina, a “valoração” dos objetos como patrimônio acaba, na maioria das vezes, acontecendo pela sua antiguidade, haja visto que um equipamento para cirurgia cardíaca dos anos 1950, por exemplo, perdeu sua função original há muito tempo.

Logo, o grupo profissional ligado à cardiologia vê nos objetos anteriores às suas formações vetores de memórias e de histórias dos desenvolvimentos das técnicas que merecem ser preservadas e valorizadas. Esta singularização, “como é feita por grupos, ela porta um certificado de aprovação coletiva, canaliza os impulsos individuais de singularização e assume o peso da sacralidade cultural” (Kopytoff, 2008, p. 110).

A esta relação cabe pensarmos na “narrativa” que, neste caso, ao contrário do que nos diz Benjamin (2012, p. 213), não está desaparecendo, ao menos não nos museus. As exposições estão repletas de narrativas e, de forma substancial, os museus valem-se delas para apresentar e problematizar leituras da sociedade e do mundo. Ainda segundo o autor, que usa as notícias de jornais como analogia, “a narrativa só tem valor no momento em que é nova” (Benjamin, 2012, p. 220). Para Pinto (2017, p. 43):

A narrativa somente adquire validade quando se insere em um processo de transmissão e retransmissão. Assim como os produtos do artesão precisam ser gradualmente refinados, a narrativa é aperfeiçoada à medida em que é recontada pelos inúmeros narradores que a perpetuam no tempo.

Assumimos a ideia de que as exposições são lugares de construção e reconstrução de narrativas. Desta forma, ao estarem abertas aos diversos públicos, atuam na difusão de narrativas, ou seja, a cada visitante elas possibilitam uma leitura diferente sobre a mensagem apresentada, ou no mínimo contribuem para produzir novos conhecimentos a partir da expografia proposta. As narrativas mais comuns em museus de Saúde e Medicina referem-se ao que já citamos: uma

narrativa de evolução técnica contínua, linear, onde a figura do profissional médico é engrandecida como o responsável exclusivo pela saúde das pessoas.

Mas como esses narradores – as exposições e quem as organizou – aproximam-se do público externo? Benjamin (2012, p. 221) responde: a narrativa é manuseada, pois a ela não interessa transmitir “o puro em si”, ficando evidente na narrativa a “marca do narrador”, que não deseja ser imparcial, ao contrário, quer narrar a partir da sua experiência, da sua participação nos eventos, conectando assim elementos de sua trajetória com elementos da trajetória de quem “escuta” essa narrativa⁶².

De fato, parece que a reação dos visitantes, ao circularem por exposições de qualquer temática, caminha nessa lógica de identificação com a narrativa, pois todos reconhecemos a fragilidade de nossos corpos e as necessidades de manutenção da saúde. Assim, ao vermos os objetivos e as representações médicas, sentimo-nos “seguros”, “esperançosos” por vivermos em um mundo moderno, onde aqueles objetos que denotam muitas vezes dor ficaram no passado e que “evoluímos”. Logo, é possível conectar tais narrativas com a nossa vida.

Exposições, importantes meios de comunicação, como já visto, contam também com os recursos expográficos que, de acordo com o Bordinhão (2017, p.43), são formados por “uma série de fatores que pode influenciar na comunicação de uma exposição”. Eles são elementos utilizados para transmitir informações de forma visual e atrativa. Incluem painéis, placas, gráficos, fotografias, vídeos, maquetes, instalações e cenários, bem como qualquer outro elemento visual que auxilie na comunicação da mensagem ou tema da exposição.

Nesse sentido, destacamos, dentro do critério espacial-temporal, um painel que reproduz uma linha do tempo, recurso expográfico bastante utilizado em museus de cunho histórico, com diversas informações sobre a história do HPSP desde sua fundação até 2016.

⁶² Ver: EWALD, Felipe Grüne. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Dossiê: oralidade, memória e escrita PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre, v. 04, n. 02, jul/dez 2008.

Como um recurso expográfico, a linha do tempo tem como objetivo enriquecer a experiência do visitante e facilitar a compreensão e assimilação das informações apresentadas, principalmente no que se refere a uma percepção diacrônica, evidenciando uma possível “evolução”. Contudo, nesse caso em especial, o visitante vai perceber que a linha do tempo apresentada é densa, praticamente impossível de ser lida durante a visita, mesmo que os dados apresentados sejam os que dão conta da história da instituição e da criação do Memorial (Figuras 33 e 34).

Provavelmente ele, o visitante, passará por ela, como faz em outras instituições que repetem este modelo, pois as linhas do tempo mantêm a “recorrente linearidade e a frequente homogeneidade da apresentação das informações que comumente caracterizam este tipo de peça” (Machado, 2015, p. 216). Contudo, não se trata de um elemento desnecessário, sendo importante, desde que seja elaborada de forma criativa e interativa, com uma comunicação predominantemente visual, como defende Machado (2015).

Outro problema que acomete esses elementos é a sua falta de atualização, na maioria das vezes, por falta de recursos, já que esse processo implicaria uma nova produção. A linha do tempo do Memorial da Loucura termina sua narrativa em 2016.

Dando sequência à “nossa visita”, na mesma sala citada anteriormente, denominada “População do Hospital São Pedro”, além dos registros estatísticos, expostos em livros, legendas e painéis, há um quarto hospitalar montado (Figuras 35 a 38), uma proposta de cenografia, “aqui entendida como o conjunto de técnicas de organização do espaço expositivo” (Desvallées; Mairesse, 2013, p. 60).

Não podemos precisar o período em que aquele quarto fora usado, primeiro porque não há essa informação nem os objetos ali nos permitem essa reflexão. Eles foram agrupados pela sua temporalidade, condizente com o uso dos mesmos em um quarto hospitalar “antigo”: neste quarto, há uma cama de solteiro adulto e uma de criança. Há também uma mesa para refeição e, sobre ela, uma vianda de metal, onde as refeições eram armazenadas e levadas aos quartos. O fato é que o visitante é levado a crer que aqueles objetos faziam parte de todos os quartos, durante todo o período em que a Instituição funcionou.

Figuras 35 a 38 – Simulação de um quarto da instituição.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Nesta mesma sala há ainda um crucifixo em uma das paredes, numa alusão constante ao catolicismo, o que é comum nas instituições do gênero até boa parte do século XX. Há ainda uma cadeira com um cobertor e um armário médico, na tentativa de simular, de repente, um guarda-roupas.

Há um armário em particular (Figuras 38 a 43), estando em exposição brincos, pulseiras, anéis, relógios, óculos, fotografias, guias, terços, Bíblia, documentos, rádios, chaves, chaveiros, dinheiro, entre outros objetos. Esta é a tentativa do Memorial em trazer ao visitante as questões pessoais dos pacientes que, quando chegavam ao Hospital, precisavam adentrar a Instituição sem nenhum pertence (Neubarth, 2009).

A própria organização dos objetos já transparece o fato desorganizado da vida dessas pessoas na Instituição e perguntamo-nos se de fato a expografia pensou nesse detalhe. Parece-nos apenas que buscou evidenciar “quantidade”.

Figuras 38 a 41 – Armário com pertences de internos.





Fonte: Fotografias do autor, 2023.

Figuras 41 a 43 – Armário com pertences de internos.





Fonte: Fotografias do autor, 2023.

Um dos nossos objetivos foi identificar se os pacientes, personagens primordiais e a razão para a construção e manutenção desses hospitais, e assim personagens importantes para o contexto médico e hospitalar, aparecem na exposição e como são tratados e apresentados. Infelizmente, estes atores primordiais figuram pouco no dinamismo expositivo, sendo apresentados como um amontoado de objetos.

Entendemos que de repente a proposta original fosse apresentar esse amontoado para criar a ideia de uma população muito grande (corroborando com a sala que apresenta dados estatísticos). Funcionaria caso esses objetos estivessem contextualizados e os pacientes fossem alçados na sequência a figuras centrais da narrativa, ou seja: apresentar a grande quantidade de objetos que pertenceram a estes pacientes e que no momento da internação eram confiscados e, na sequência, apresentar os pacientes, não os deixando reduzidos a simples “restos”.

As informações não estão claras nem acessíveis. O visitante é informado pela legenda: “Pertences recolhidos na internação de pacientes que ao longo do tempo ficaram institucionalizados no Hospital Psiquiátrico São Pedro”; contudo, não se

especifica como isso ocorria, quem guardava e porque os materiais não têm mais informações: será que foram retirados e guardados em pastas identificadas? Por que não foram entregues às famílias? O que aconteceu com essas pessoas?

A sensação, ao que nos parece, é de que a instituição “cuidou” de muitos pacientes, que suas vidas e trajetórias foram transpassadas pela autoridade médica e estatal. Contudo, mesmo que alguns objetos estejam em exposição, o sentimento que a sala gera é o de simples comoção e pena. Nem mesmo um sentimento reflexivo sobre o contexto contemporâneo é estimulado pela exposição, pois, da forma como está, a exposição remete ao passado apenas, e o visitante é levado à ideia de que tais práticas não existem mais e que, por fim, “evoluímos” como sociedade – o que já demonstramos não ser verdade, visto o descaso do Estado e as múltiplas denúncias já referendadas.

Como pesquisador, sabemos da existência de milhares de prontuários médicos, alguns sob guarda do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, outros sob guarda do próprio Memorial. Mas, ao visitante, essa informação não é evidenciada, o que, sob certos aspectos, ajudaria a pensar mais sobre esses pacientes⁶³.

Outros objetos que compõem a exposição, aparecendo na entrada do Memorial e depois em algumas salas, são quadros pintados a óleo (Figura 44 a 46). As pinturas foram produzidas pelo artista plástico e servidor da Instituição, Marco Lucaora, ao longo dos anos de 2008, 2009 e 2010, originadas de um projeto próprio que englobava a elaboração de quadros produzidos a partir de registros fotográficos de pacientes moradores escolhidos aleatoriamente.

Estas informações estão na legenda das obras logo na entrada do Memorial, quando o visitante sobre a escada que dá acesso ao local. Além dessa informação, a única outra é de que originalmente aquele material constituiu a exposição “Retratos de uma vida” que, segundo o depoimento de Barcelos (2021, p.02), não foi inaugurada propriamente, mas que desde 2018 está fixada no Memorial.

Para compreendermos melhor estas obras e os objetivos de seu criador, entrevistamos a Dra. Bárbara Neubarth, que trabalhou com o artista por alguns anos no Hospital. Marco Lucaora faleceu em 24/01/2022, vítima de um câncer, com aproximadamente 64 anos. Segundo nossa entrevistada, ele era um homem

⁶³ Os trabalhos de Yonissa Marmitt Wadi e Lisiane Ribas Cruz, já citados, são exemplos de como os prontuários podem construir informações importantes sobre os internos do HPSP.

“inquieto, proativo e resolutivo”. Um artista autodidata que, com a venda do Banco Caixa Econômica Estadual do RS onde era funcionário, foi realocado no HPSP. Sua identificação com os pacientes, contudo, ocorreu antes, quando desenvolvia trabalho voluntário na instituição.

Nas palavras de Bárbara, era “demasiadamente humano”, envolvendo-se diretamente com as ações do Hospital e, muitas vezes, diretamente com os pacientes, chegando a pagar contas pessoais dos mesmos. Foi assim que atuou na criação da creche para os funcionários do Hospital e envolvia-se na organização de eventos e festas para arrecadação de fundos para a Oficina de Criatividade. Também atuou na constituição do Memorial do Hospital Colônia Itapuã (Neubarth, 2023, p. 01-02).

Pelo que Barcelos e Neubarth colocam, nunca foi intenção do artista “explorar” a sua arte em uma exposição. Ele pintava porque gostava e queria de alguma forma materializar a presença dos pacientes. Assim, seus quadros refletem de fato as pessoas que viveram naquela instituição em um determinado período. Podemos afirmar que são essas pinturas que inserem os pacientes de forma mais sensível na exposição de longa duração do Memorial, mesmo que não haja uma ligação oficial, ou seja, os quadros em exposição não foram pensados pela curadoria dentro desta perspectiva. Sem eles, apenas as relações da medicina estariam pautadas, estas sim, opções da curadoria.

Relacionamos estes quadros dos pacientes à chave associativa espacial e temporal sincrônica, pois visualizamos que eles permitem explicar estruturas sócias dando, finalmente, “uma cara” aos pacientes, tratados em muitos momentos da exposição como números, embora nos pareça que não foi essa a ideia original quando eles formam colocados ali como parte da exposição.

Figuras 44 a 46 – Quadros na escada de acesso ao Memorial.



Fonte: Fotografias do autor, 2022 e 2023.

Figura 47 – Quadros representando os pacientes, na escada de acesso ao Memorial (nesta e na próxima página). Obras de Marco Lucaora.





Fonte: Montagem a partir de fotografias do autor, 2022.

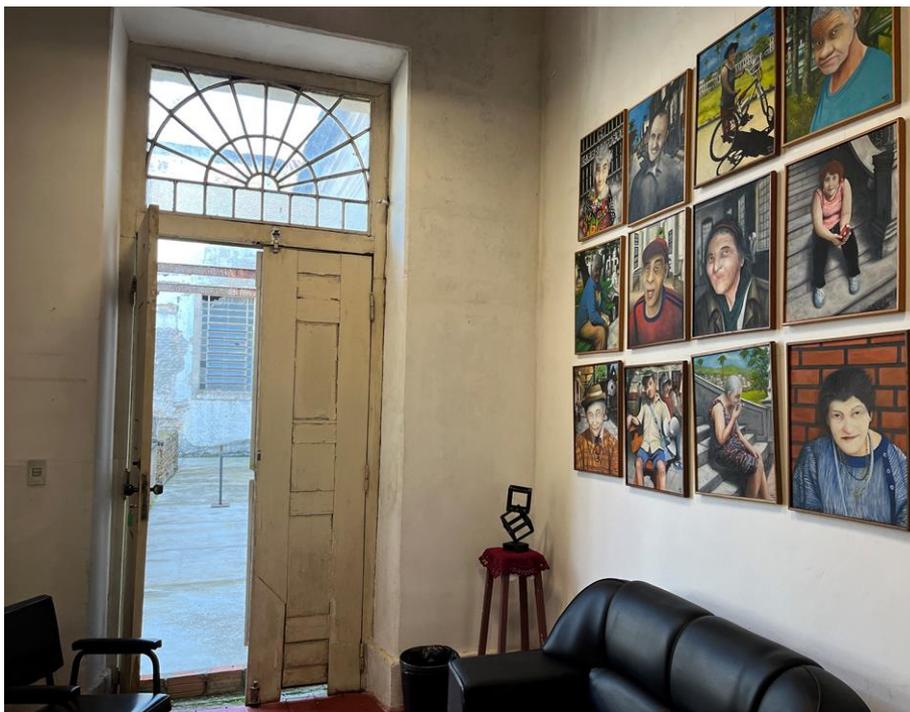
Nossa outra depoente, Lia Magalhães (2023), informa que são ao total 31 retratos. Quando ela assumiu a coordenação do Memorial, em 2019, eles estavam expostos no corredor central do primeiro piso. Em 2021 houve o remanejamento, pois no corredor central:

[...] foi dada prioridade à história e colocados os quadros tanto na escadaria quanto na primeira sala (onde recebemos visitas mais formais), com exatamente esta proposta em apresentar, por meio dos retratos, o objetivo para a existência dessa instituição (pacientes) para após, apresentar a história ao adentrar o espaço do Memorial (Magalhães, 2023, p. 01).

Esta primeira sala, citada por Lia, é a mesma sala onde apresentamos as vidrarias da farmácia: há de um lado os referidos objetos e do outro uma parte da série de quadros de Marco. Não há nessa parede onde as obras estão expostas nada que sinalize o material; os quadros estão “soltos na parede”. Percebemos que na ânsia de levar informação os elementos não são dinamizados e acabam sendo

expostos ao lado de outros que não dialogam entre si. Talvez no caso destes quadros, o componente emocional seja o balizador da manutenção desta montagem em especial já que, como mencionado, trata-se de um ex-funcionário já falecido e que tinha uma relação próxima com os funcionários e com os pacientes.

Figuras 48 e 49 – Quadros na primeira sala ao entrar no Memorial, já citada por nós quando analisamos a vidraria/farmácia.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

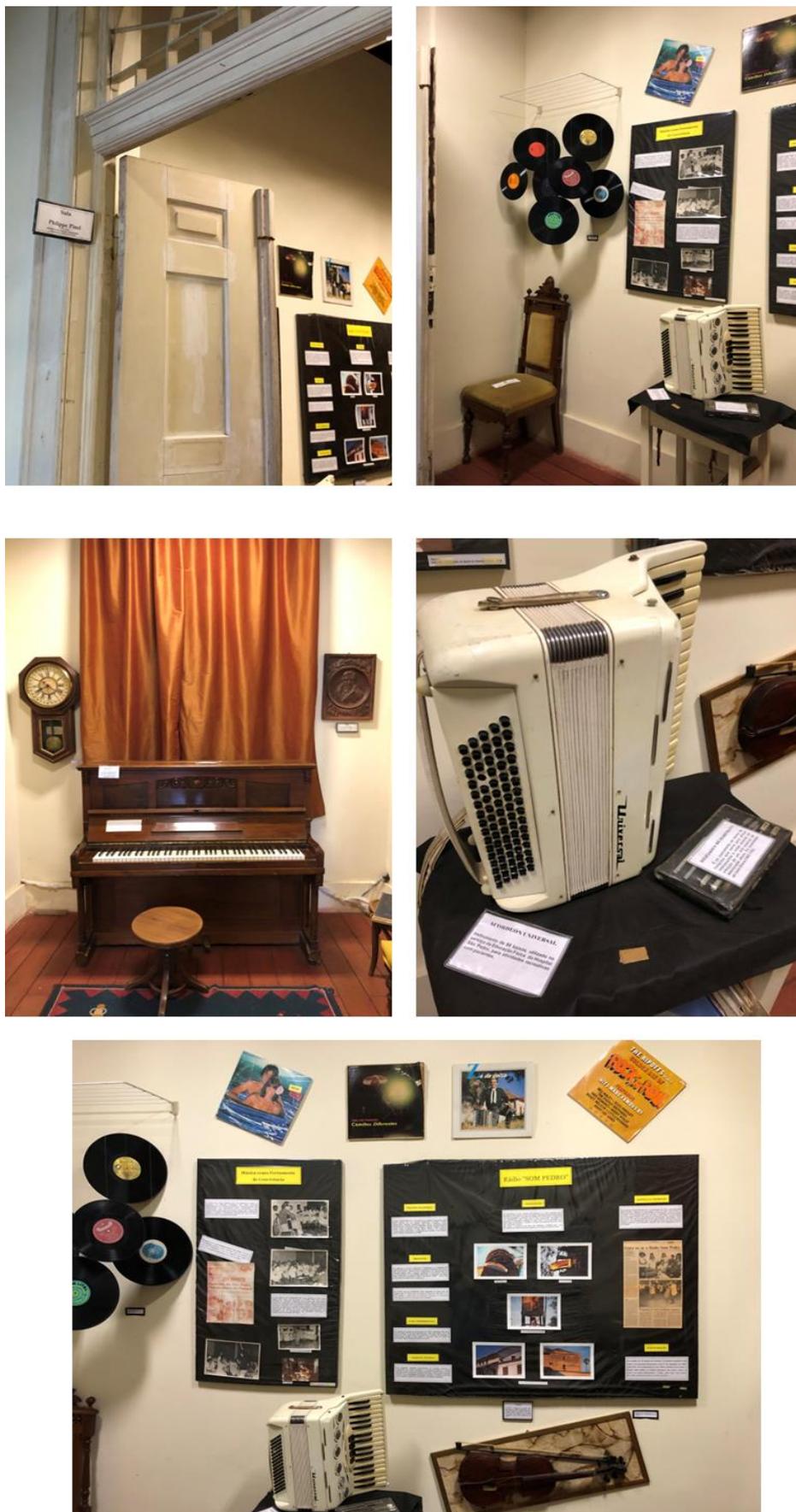
Mesmo com as problemáticas relativas às maneiras como estes objetos estão expostos, é onde os pacientes de fato aparecem, onde aqueles números estatísticos ganham forma. O visitante, se fosse convidado a analisar estes objetos com mais atenção, poderia estabelecer alguma relação com aquelas pessoas, compreender diferentes épocas e momentos da trajetória do HPSP e de seus moradores, possibilitando uma visita significativa e inclusiva.

Ainda no que se refere à figura dos pacientes, na sala Philippe Pinel, cujo nome é adequado, dentro de uma concepção deste médico para o tratamento dos alienados, como já expomos, que visava processos modernos de terapia, o visitante descobre que o HPSP desenvolveu, e desenvolve, práticas que estão vinculadas à arte e saúde mental. Além dessa contextualização, o visitante encontrará um arranjo de objetos antigos e novos, textos e instalações (Figura 50). Ao fundo da sala há um piano com a legenda: “Piano Uebel & Lechleiter⁶⁴. Em 1963, um grupo de esposas de médicos do Hospital Psiquiátrico São Pedro que doou este instrumento para ensaios de cantos dos pacientes na capela, com orientação das Irmãs da Congregação São José”. Nas teclas, a legenda “Favor não tocar”.

Ao lado do piano, um móvel artesanal feito com um varal para secar roupas, onde se vê alguns LPs de músicas pendurados. Também, coladas na parede, algumas capas de “compacto simples”, pequenos LPs onde geralmente havia apenas duas músicas. Entre estes materiais um painel com a informação de que o hospital possuiu uma rádio, a Som Pedro, constituída em 1990. Há também alguns outros instrumentos musicais expostos como podem ser observados nas imagens a seguir:

⁶⁴ Uebel & Lechleiter Klaviere foi um fabricante alemão de pianos fundado por Carl Uebel e Paul Lechleiter. A empresa iniciou a fabricação em 23 de abril de 1872 em Heilbronn e cessou a produção em 30 de agosto de 1987. Durante muitos anos, a Uebel & Lechleiter foi a empresa doméstica da Igreja Católica em Roma e fabricava instrumentos especiais para o papa Pio X. É, portanto, uma empresa com uma história muito longa e famosa, que reuniu tradição europeia e métodos de produção precisos da Ásia, resultando em distribuição em toda a Europa e Oriente. (Tradução do autor) Fonte: Pierce, Bob: Pierce Piano Atlas 12th Edition, Larry E. Ashley Publishing, 2008. Disponível em <https://forum.pianoworld.com/ubbthreads.php/topics/1969682/Re:%20Info%20about%20Uebel%20and%20Lechl.html> Acesso em 12/12/2022. Hoje, este instrumento usado, custa em torno de R\$ 25.000,00 em casas de leilões (setembro de 2023).

Figura 50 – Sala Philippe Pinel.

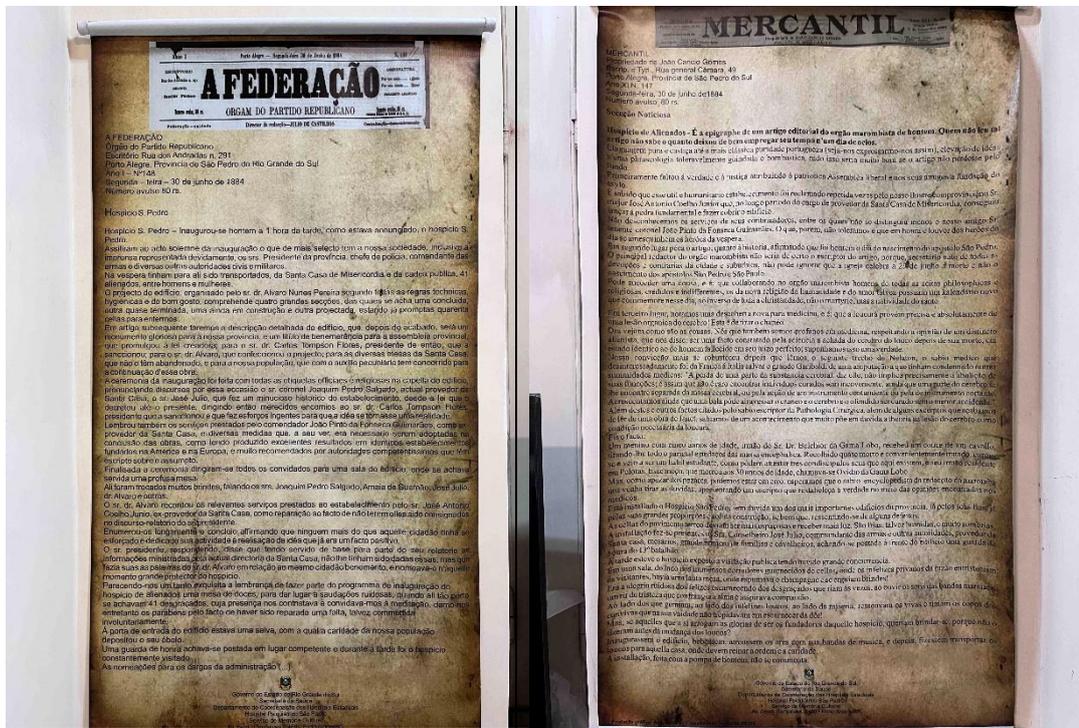


Fonte: Montagem a partir de fotografias do autor, 2022.

Outro núcleo expositivo, inaugurado em 2022, está instalado na sala denominada “São Pedro na Mídia”. Neste espaço foram agrupados jornais, revistas e demais materiais jornalísticos produzidos sobre o Hospital. Além desse compilado documental, nesta sala encontra-se um computador para acessar as reportagens, de vários períodos, que foram veiculadas na mídia, sobre o Hospital, e que se encontram de forma digital. Há uma nítida sensação de que a imprensa “fala a verdade”, pois nenhum dos materiais apresentados gera discussão ou são problematizados com outros objetos que integram o acervo da Instituição, ou seja, são apresentadas apenas as inferências da imprensa local.

Nesta sala há desde as referências do Jornal A Federação e O Mercantil, (Figuras 68 e 69) importantes meios de comunicação do Rio Grande do Sul durante parte dos séculos XIX e XX até matérias jornalísticas recentes apresentadas por meio de painéis em formato de banner. Segundo a coordenadora da instituição, a “A apresentação do Hospital nas mídias de massa através dos tempos permite entender a cultura da sociedade frente a Saúde Mental no Rio Grande do Sul”⁶⁵.

Figuras 51 e 52 – Jornais que circularam no RS no dia 30/06/1884, mencionando a inauguração do Hospital, ocorrida no dia anterior.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

⁶⁵ Depoimento de Lia Magalhães, diretora do Memorial. Fonte: Boletim São Pedro Cult. Memorial Hospital Psiquiátrico São Pedro. N° 5. Julho, 2021, p. 01.

Um computador e uma televisão, estes são os únicos equipamentos audiovisuais usados como recurso expográfico em toda a exposição de longa duração que, de fato, apresenta um levantamento interessante, importante do ponto de vista de formação de acervos, o que, contudo, não fica evidente. O acesso a este material não é estimulado, sendo preciso solicitar que o computador seja ligado. Em pastas plásticas, para que se possa manusear, são disponibilizados recortes de jornais⁶⁶. Na televisão, o visitante irá ter mais dados estatísticos, sendo apresentados pelo ex-colaborador Edson Chauiche (Figuras 70 e 71).

Nossa análise é que este material está inserido no contexto ligado à diretora atual do Memorial, que é jornalista e Relações Públicas⁶⁷ de formação, com longa trajetória nas assessorias de comunicação dos órgãos ligados à Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul. Assim, a nosso ver, há uma proposta curatorial voltada a esse universo dos meios de comunicação locais e, sob certos aspectos, de sua trajetória como gestora do Memorial que contribuiu de alguma forma com a exposição de longa duração desta instituição.

⁶⁶ Ver: Noções Básicas de Conservação Preventiva de Documentos. Centro de Informação Científica e Tecnológica Biblioteca de Manguinhos. Laboratório de Conservação Preventiva de Documentos. Fundação Oswaldo Cruz. Ministério da Saúde, 2003. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf Acesso em 17/05/2023.

⁶⁷ Relações Públicas -CONRERP 1627; Jornalista -Mtb 18958/RS.

Figuras 53 e 54 – Interior da sala “São Pedro na Mídia”.



Fonte: Fotografias do autor, 2023.

Existem mais dois recursos que buscam recriar ambientes do hospital: uma sala de cirurgia e uma sala reproduzindo o escritório administrativo do diretor do

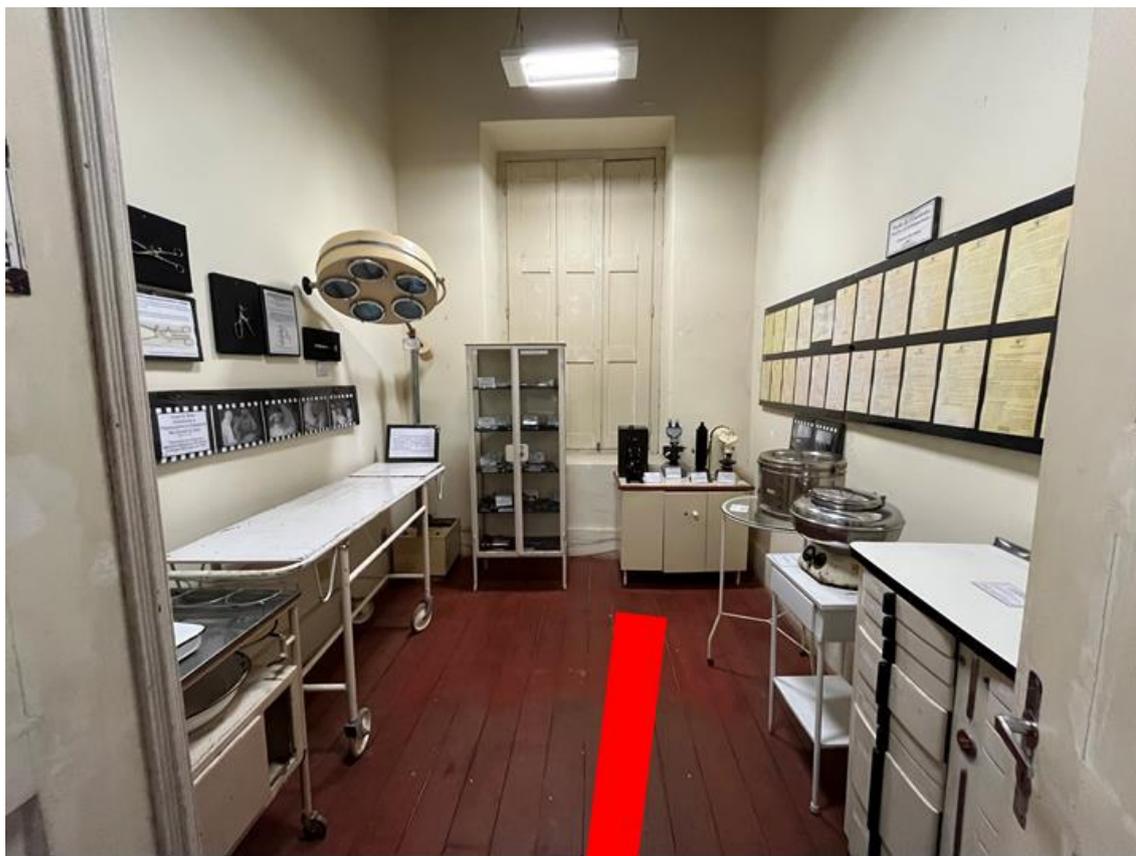
Hospital (sobre a qual falaremos mais adiante). Esta é uma especificidade dos museus, segundo Versiani (2018, p. 39): “representar o mundo por meio dos bens culturais que preservam e dar sentidos a ele”. A nosso ver, este sentido está ancorado em estereótipos e escolhas que enunciam posição social e hierarquia dentro do Hospital.

A sala cirúrgica, reorganizada em setembro de 2022⁶⁸, ganhou destaque no Boletim São Pedro Cult (Figura 76), material criado pela gestão atual para divulgar as ações do Memorial. A ênfase é dada a uma suposta modernidade técnica e assistencial desenvolvida pelo Hospital na década de 1930. Na sala, observamos cama cirúrgica, luminária, armário médico, equipamentos médicos de várias especialidades e microscópios inseridos de forma um tanto deliberada, já que não fazem parte de uma sala cirúrgica (Figuras 55 e 56).

Mais uma vez a ideia de desenvolvimento e de modernidade é difundida. A organização da sala propõe um olhar apenas técnico, sem a discussão social necessária sobre o que essa modernidade significava e, principalmente, como refletia na vida das pessoas. É o desenvolvimento pelo desenvolvimento dando mais uma vez foco na figura médica.

⁶⁸ Boletim São Pedro Cult Memorial Hospital Psiquiátrico São Pedro. N° 6. Setembros, 2021, p.02

Figuras 55 e 56 – Sala Cirúrgica.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

O que também aparece nessa sala são dados estatísticos (Figuras 57 e 58) evidenciando, mais uma vez, a grande população que ocupava o Hospital. Outro elemento que também ocorre neste espaço é a dissociação de elementos, ou seja, objetos avulsos à narrativa que se quer aparecem. Na sala em questão temos microscópios e mobiliários de quarto.

Figuras 57 e 58 – Sala Cirúrgica.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Figura 59 – Divulgação de nova sala expositiva

**NOVA SALA DE EXPOSIÇÃO APRESENTA O
SÃO PEDRO COMO MODELO DE
ASSISTÊNCIA E MODERNIDADE
NA DÉCADA DE 30**



foto: Lia Magalhães

Durante a década de 30, o Hospital Psiquiátrico São Pedro passou a ter estrutura modelar com organização que seguiu os preceitos mais modernos da medicina oferecendo assistência integral ao paciente, inclusive com Serviço Médico Cirúrgico.

Para apresentar as atividades desenvolvidas no Hospital, foi elaborada uma exposição de instrumentos cirúrgicos e equipamentos diversos que passou a integrar a exposição permanente do Memorial a partir do mês de agosto. Na sala, além do acervo, imagens do filme *Assistência a Psicopatas no Estado do Rio Grande do Sul*, da Vianna Filmes, de 1929, mostram cenas de uma cirurgia realizada em 20 minutos no hospital.

Fonte: Reprodução do Boletim São Pedro Cult Memorial Hospital Psiquiátrico São Pedro. N° 6. Setembros, 2021, p.02

Este HPSP “eloquente”, que pode ser até a atualidade visualizado nas mídias, como acima (Figura 59), choca-se com a quase invisibilidade de seus usuários. Os pacientes não possuem representações específicas, ou histórias de vida, a não ser alguns objetos amontoados em um armário e aos retratos nos corredores, sem maiores dados. Mas há outros personagens - sobre alguns já falamos, sobre outros na sequência, que ganham destaque na narrativa expográfica: médicos e a Princesa Isabel, figura emblemática do Período Imperial.

4.2.3 Médicos e seus gabinetes, uma princesa e seu império: núcleo expositivo 3 “poder”

Na mesma sala em que evidenciamos o trabalho de praxiterapia (assim mais uma vez percebemos que mais de uma temática ocupa o espaço expositivo), há uma parede onde nosso visitante verá uma associação cultural frequente: muitas imagens de médicos psiquiatras considerados referência na área sendo homenageados.

Esta proposta também aparece de forma contínua em museus e memoriais cujo tema seja a saúde e a Medicina, ou seja, o culto às grandes personalidades médicas (Figuras 60 e 61). Ficam fora dessas comunicações as divergências, os problemas e os debates em torno de cada figura, bem como os demais participantes de suas teorias ou técnicas (onde estão as enfermeiras, os laboratoristas etc.) como se suas trajetórias fossem lineares e definidoras desta ou daquela área. Aparecem, quase sempre como figuras míticas. Infelizmente esta ausência de discussões favorece a perspectiva de uma medicina “sem falhas”. Foi esta concepção de fundo cultural que nos levou a sistematizarmos neste item do trabalho os objetos que compõem parte desta sala.

É preciso lembrar que as relações em sociedade não são desligadas do contexto, “não sendo possível compreender uma trajetória sem ter construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou, assim como, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente [...]” (Bourdieu, 1998, p. 190). De acordo com Pierre Bourdieu:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si só suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (Bourdieu, 1998, p. 189-190).

Assim, para nós, o conceito de “campo” elaborado por Bourdieu faz-se referência para pensarmos as ações de posicionamento da classe médica ao longo de sua trajetória no Brasil.

O conceito de campo é um dos conceitos centrais na obra de Pierre Bourdieu e é definido como um espaço estruturado de posições onde dominantes e dominados lutam pela manutenção e pela obtenção de determinados postos. Dotados de mecanismos próprios, os campos possuem propriedades que lhes são particulares, existindo os mais variados tipos, como o campo da moda, o da religião, o da política, o da literatura, o das artes e o da ciência (Araújo, 2009, p. 35).

Desta forma, a estrutura do campo é como um constante jogo, onde todos estão cientes das regras e participam de disputas e posições. No que se refere ao campo médico e às produções a partir dele, Serres (2012), Pimenta (2004) e Edler (2009) dizem que a Medicina constitui-se em um campo profissional no Brasil somente no século XIX com a criação das Escolas Médico Cirúrgicas na cidade de Salvador e Rio de Janeiro (1808), posteriormente convertidas nas primeiras Faculdades de Medicina (1832).

Porém, Weber (1999) acrescenta que algumas províncias, especialmente a do Rio Grande do Sul, perceberão a formação de um campo médico de forma mais clara apenas no século XX quando o Positivismo, com sua liberdade profissional, é superado, sendo os profissionais sem formação alvo de campanhas negativas sobre suas capacidades – ampliando espaço para a formação médica no âmbito universitário.

Salientamos que entre estas personalidades médicas não figura nenhuma mulher, evidenciando também que a construção do campo médico é masculina, o que também nos mostra uma articulação cultural, onde essas personagens só recentemente ganham a dimensão devida. Na psiquiatria, pontualmente, podemos citar Nise da Silveira, Clara Thompson, Helene Deutsch e Augusta Déjerine-Klumpke⁶⁹.

⁶⁹ Nise da Silveira (1905-1999) - médica psiquiatra brasileira conhecida por suas contribuições inovadoras na terapia ocupacional em hospitais psiquiátricos. Ela também defendeu o uso da arte como forma de expressão terapêutica para pessoas com doenças mentais; Clara Thompson (1893-1958) - psiquiatra e psicanalista que fez importantes contribuições para a compreensão das relações entre psiquiatria e psicanálise; Helene Deutsch (1884-1982) - psicanalista austríaca que se tornou uma das primeiras mulheres a se tornar membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Suas pesquisas e escritos tiveram influência na compreensão das questões psicológicas das mulheres; Augusta Déjerine-Klumpke (1859-1927) - Embora seja mais conhecida por seu trabalho em neurologia, também teve interesse na psiquiatria. Ela desempenhou um papel fundamental na divulgação do conceito de "lesão funcional" no campo da psiquiatria. Ver: FRAYZE-PEREIRA, João A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. In: Estudos Avançados 17 (49), 2003, pp. 197-208; THOMPSON, Clara; MULLAHY, Patrick. Evolução da Psicanálise. Zahar: Rio de Janeiro, 1976; DEUTSCH, Helene. Problemas Psicológicos da Adolescência. Zahar: Rio de Janeiro, 1977; NOGUEIRA, Eduardo de Almeida Guimarães. Augusta Marie Déjerine-Klumpke: muito mais do que apenas a esposa de Déjerine. In: Arquivos Neuropsiquiátricos, 2018;76(2):117-119.

Figura 60 – Sala Philippe Pinel – Psiquiatras homenageados, vista geral.



Fonte: Fotografias do autor, 2022.

Figura 61 – Imagens dos psiquiatras homenageados na Sala Philippe Pinel.



Philippe Pinel (1745-1826), Jean-Martin Charcot (1825-1893), Jean Dominique Etienne Esquirol (1772-1840), Emil Kraepelin (1856-1926), Bénédict-Augustin Morel (1808-1873), Hipócrates (400 a.C.), Sigmund Schlomo Freud (1856-1939), Antônio Caetano de Abreu Freire Egas Moniz (1874-1955), Julius Wagner von Jauregg (1857-1940), Ugo Cerletti (1877-1963), Tuliano Moreira (1873-1933).

Fonte: Montagem a partir de fotografia do autor, 2022.

Dentro da lógica cultural que estimula os grandes nomes também na Medicina, como nos mostrou Magalhães (2018), ao final da área expositiva, o visitante encontra a sala Jacintho Godoy, que dos espaços expositivos é a maior. Esta sala (Figuras 62 a 64) foi organizada para reproduzir o gabinete/escritório da direção do hospital. Mesmo a Instituição tendo vários diretores desde a sua fundação, o nome que dá identidade à sala e refere-se a uma figura tida como muito importante na psiquiatria do Estado.

Figuras 62 a 64 – Aspectos do espaço cenográfico Gabinete de Jacintho Godoy.



Fonte: Fotografia do autor, 2022 e 2023.

Mas quem foi Jacintho Godoy e por que a sala o homenageia e os objetos que lá estão identificam-se como sendo dele, mesmo não havendo essa afirmação? Há alguma conotação política de classe na escolha deste objeto? Este memorial está sendo apenas “depositários dos símbolos litúrgicos da identidade sagrada deste grupo, e cuja exibição deve induzir todos à aceitação social dos valores implicados” ou ele “cria condições para conhecimento e entendimento do que seja identidade, de como, por que e para que ela se compartimenta e suas compartimentações se articulam [...] por intermédio das coisas materiais”? (Meneses, 1993, p. 214).

Para tentar responder a isso, vejamos quem foi Jacintho Godoy Gomes: filho de Pedro José Gomes e de Corina Godoy Gomes, nasceu em Cachoeira do Sul no dia dois de janeiro de 1886. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Porto Alegre em 1911 (Figura 65).

Figura 65 - Jacintho de Godoy Gomes.



Fonte: PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria - Jacintho de Godoy Gomes (1886-1959). In: **Part of The International Journal of Psychiatry. Psychiatry on line Brasil**. Abril de 2004 - Vol.9 - Nº 4. Disponível em <https://www.polbr.med.br/ano04/wal0404.php> Acesso em 16/09/2023

De 1910 a 1913 foi secretário particular do presidente do Estado, Antônio Augusto Borges de Medeiros. Em 1913 foi nomeado médico legista, cargo em que permaneceu até 1919. Na Santa Casa de Misericórdia desenvolveu um Serviço de Neurologia. Fez estudos de aprimoramento na Universidade de Paris, dedicando-se à Neuropsiquiatria e à Psiquiatria Forense. Retornando ao Rio Grande do Sul, em 1924, foi o primeiro diretor do Manicômio Judiciário, permanecendo no cargo até 1929 (Wadi et al, 2006).

Sua trajetória frente a do Hospital Psiquiátrico São Pedro é dividida em dois períodos: o primeiro de 1926 a 1932 e o segundo de 1937 a 1951. Em 1932, por problemas políticos, foi demitido do cargo e proibido de entrar no Hospital, retornando à direção em 1937⁷⁰. A Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina destaca as ações laureáveis do Dr. Jacintho:

Ele fazia com que os hospitais em que atuava se comportassem como hospitais universitários, de formação acadêmica. Na sua primeira gestão no São Pedro, **propiciou os primeiros tratamentos pela malarioterapia** a pacientes portadores de paralisia geral sífilítica [...] **houve o desenvolvimento da convulsoterapia, obtida através de medicação ou de choque elétrico** e que se aplicava em casos especiais de esquizofrenia e de maníacos [...] Ante a inexistência de psicotrópicos, antidepressivos e ansiolíticos, **buscava, com rigor científico, aplicar técnicas que alcançavam bons resultados no exterior**. Assim o Hospital São Pedro, do professor Jacintho Godoy, também **foi pioneiro no emprego das lobotomias** [...] Posteriormente, os resultados foram rediscutidos e não corresponderam ao entusiasmo inicial, mas tornaram mais tranquilos pacientes intratáveis pelos recursos terapêuticos da época (Grifos nossos. Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Jacintho Godoy Gomes, patrono da Cadeira 34⁷¹).

Bom, é possível perceber uma trajetória longa e, principalmente, permeada por proximidades políticas, o que o levou a ser desligado em 1932 e readmitido em 1937, como vimos. O fato é que circulou entre várias instituições públicas, apadrinhado pelos governantes. Em sua atuação construiu relações sociais com os pares, atuando em instituições corporativas e filantrópicas. Desta forma, moldou a seu gosto uma memória que permanece viva, principalmente entre gestores do

⁷⁰ Sobre Jacintho Godoy, ver: BUSNELLO, Ellis D'Arrigo. Homenagem a alguns pioneiros da psiquiatria gaúcha. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul. set/dez 2006;28(3). Pp. 235-238 e WADI, Yonissa Marmitt et al. O Doutor Jacintho Godoy e a história da psiquiatria no Rio Grande do Sul /Brasil. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 31 janvier 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/index1556.html> Acesso em 17/05/2023.

⁷¹ Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Jacintho Godoy Gomes, patrono da Cadeira 34. Página de biografia dos patronos. Disponível em <https://academiademedicinars.com.br/cadeiras/jacinthogodoy-gomes/> Acesso em 17/05/2023.

Hospital Psiquiátrico São Pedro. Assim, é natural que sua “aura” permaneça e ganhe destaque na exposição. De acordo com Lia Magalhães, “sua atuação foi a mais expressiva nas mudanças do Hospital” (Magalhães, 2022, p.01).

Mas o que o visitante tem ao alcance de seus olhos e que vão construir sua percepção da sala? Como lembra Maria Helena Versiani (2018, p. 39), os museus são espaços de “representação do mundo, representação que se faz a partir de elementos presentes nesse mundo, dentro de um jogo que articula presença e ausência” e, assim, temos na sala de Jacintho um espaço expositivo criado para homenageá-lo, por óbvio, mas também para comunicar à classe médica que seu principal representante na especialidade a que trata o Hospital está presente. Em exposição, além de seu notável currículo como vimos acima, estão livros que informam ser de sua responsabilidade a “Primeira escola de enfermagem psiquiátrica do Brasil”, em 1939 e que funcionou no HPSP.

Embora o material cite nosso personagem como fonte, a informação não confere, pois Machado (1978) diz que a primeira escola de Enfermagem criada no Hospital Nacional de Alienados para atender a crise de mão-de-obra daquele momento e, portanto, com objetivos direcionados principalmente à psiquiatria, foi a “Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras da Assistência a Alienados”, atualmente Escola de Enfermagem Alfredo Pinto (1890)⁷².

Ao público em geral a sala mostra um profissional dedicado e organizado. A máquina de escrever disposta remete certamente o visitante a um computador moderno, enfatizando a questão do trabalho. A partir das legendas o visitante também conhece um pouco de sua trajetória significativa, como vimos acima.

Sobre sua mesa, ao lado da máquina de escrever está um cinzeiro, alusão ao comportamento típico dos homens importantes do século XIX e inícios do XX, como nos diz Hissa (2020, p. 113) “no século XIX, o rapé dividiu o espaço elitizado também com os charutos, que se tornaram mundialmente símbolo da burguesia moderna. Via-se na elite oitocentista tanto o nobre rapé quanto o charuto burguês”. Na imagem de Jacintho que reproduzimos acima (Figura 65) podemos perceber que, mesmo sendo uma foto posada, o charuto está lá. Esta mesma foto está reproduzida na parede que fica em frente a máquina de escrever.

⁷² Ver também: REINALDO AMS, PILLON SC. História da Enfermagem psiquiátrica e dependência química no Brasil História da Enfermagem psiquiátrica e dependência química no Brasil. Esc Anna Nery Rev Enferm 2007 dez; 11 (4): 688 - 93. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/S55bNnxy43RHJ6jjsKJfLk/?format=pdf&lang=pt>, Acesso em 17/09/2023.

O visitante também pode observar seus livros, que ocupam um armário envidraçado (Figura 66) e que foram trazidos por ele de Paris, de acordo com a legenda, e doados ao hospital a fim de dividir com os demais seus conhecimentos e mostram um profissional abnegado e humilde. Em frente a este armário estão os nossos conhecidos livros de estatística da população interna, mas, desta vez, acrescidos da informação de que fora Jacintho, em 1926, que organizou este mecanismo, importante, como percebemos nas narrativas expográficas até aqui.

O que o público não especializado talvez não perceba é que alguns destes documentos estão expostos de forma precária, tendo em vista os conceitos de preservação e conservação: papel “envelopado” com plástico e documentos e fotografias expostos à luz direta das janelas⁷³. O que nos leva a refletir novamente sobre uma das premissas da Museologia no âmbito das exposições: é preciso expor tudo? A seleção faz parte do processo curatorial museológico e esse olhar aos objetos mais sensíveis aos fatores de degradação devem ser considerados.

Na sala, a outra referência aos pacientes, além dos livros estatísticos, e a única relação apresentada do médico com os doentes, está em uma foto e um objeto em cima da mesa do gabinete, protegidos por uma redoma de acrílico (Figura 66) com a legenda “Martelo Neurológico”. Não há informações, na exposição, sobre esse objeto, mas a bibliografia diz:

A percussão é uma parte importante do exame neurológico e os martelos de reflexo são necessários para obtê-la adequadamente. A origem dos martelos de reflexos vem muito antes de sua criação, a partir de um método de exame clínico básico: a percussão. Desde a descrição dos reflexos tendinosos profundos e da criação de martelos de percussão, muito se aperfeiçoou sobre essa técnica. Dentre todos os martelos pesquisados, o de Babinski-Rabiner foi o escolhido por uma parcela significativa dos neurologistas brasileiros (Disserol, 2023, p. 341).

Não sabemos se o martelo pertenceu a Jacintho, mas a foto dele examinando um paciente dá esse entendimento.

⁷³ Ver: CASSARES, Norma Cianflone. Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000; e FABBRI, Angelica et al. Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes. CIP Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari (Brodowski, SP). Governo do Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

Figura 66 – Aspectos do espaço cenográfico Gabinete de Jacintho Godoy.

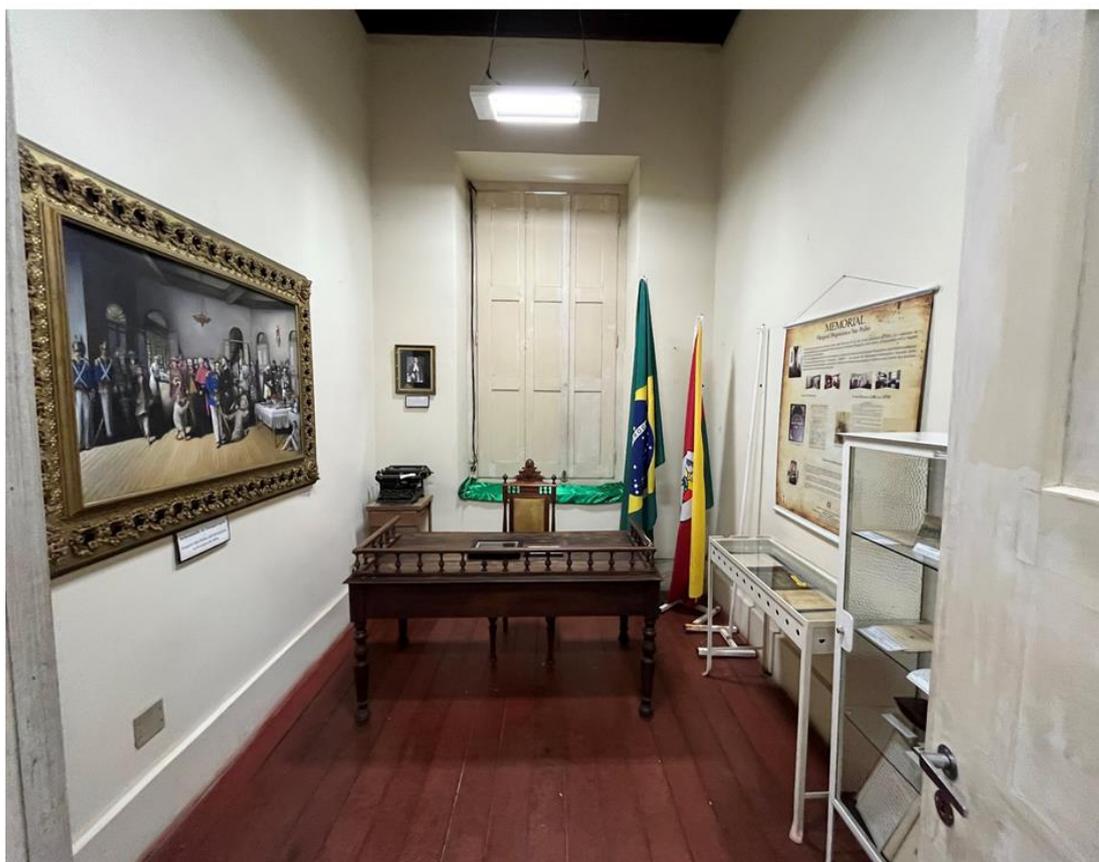


Fonte: Montagem a partir de fotografia do autor, 2023.

Seguindo a visita, chama a atenção do visitante a sala identificada como “Sala Maria Mendes de Carvalho – Chefe da Seção de Estatística, admissão em 1945”, isso porque são raras as aparições femininas durante a exposição. Não localizamos informações, nem mesmo no Memorial, sobre quem foi Maria, mas, mais uma vez, a questão estatística está presente na dinâmica expositiva.

Nesta sala há um documento cheio de significados para a Instituição. Trata-se de um livro de visitantes, onde a primeira assinatura é a de “Isabel Condessa d’Eu Princesa Imperial” (Figuras 67 e 68). Talvez seja o objeto que mais ganhou destaque desde que a Exposição de longa duração foi inaugurada em 2010.

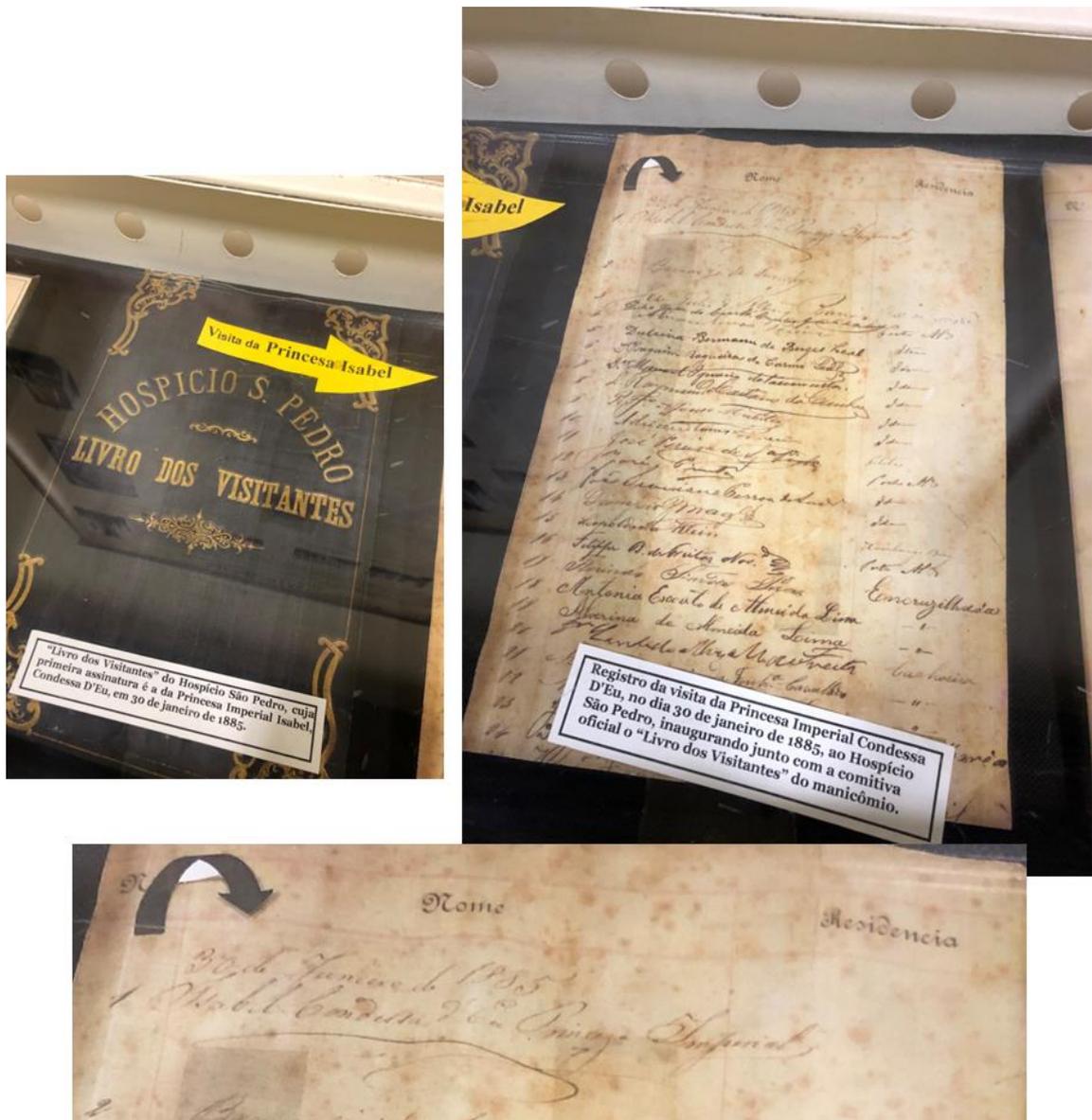
Figuras 67 e 68– Sala Maria Mendes de Carvalho, onde está exposto o Livro de Visitas.



Fonte: Fotografias do autor, 2023.

Contudo, nosso visitante não verá o exemplar original, o que era possível até pouco tempo, visto que estava exposto em lugar de destaque em uma das salas logo na entrada da exposição (Figura 69). Hoje o documento encontra-se guardado “embalado com os devidos cuidados para sua manutenção” no acervo institucional abrigado, segundo a entrevista, com Lia Magalhães, da luz excessiva, da poeira e dos demais agentes que podem danificá-lo (Magalhães, 2022, p.01).

Figura 69– Reprodução da capa e folha 1 do Livro de Visitantes, com destaque para a assinatura da Princesa Isabel.



Fonte: Montagem a partir de fotografias do autor, 2022.

A reprodução motivou reações empolgadas dos visitantes ao depararem-se com algo oriundo dos tempos monárquicos, tal o fascínio fetichista que essa experiência de governo causa a muitos na atualidade⁷⁴.

A tendência mais comum no museu histórico, previsível pela caracterização corrente que dele se fez, é a fetichização do objeto na exposição. Inserida numa dimensão de fenômenos históricos ou sociais, a fetichização tem que ser entendida como deslocamento de atributos do nível das relações entre os homens, apresentando-os como derivados dos objetos, autonomamente, portanto “naturalmente” (Meneses, 1994, p. 26).

Talvez devido ao nosso sistema de ensino, ou pelo fato da mídia repercutir com frequência casos envolvendo famílias reais europeias, principalmente a Britânica, contribua para esse fascínio, pois pensar em uma época distante (para a história, nem tão distante assim) onde figuras como imperadores, reis, príncipes e princesas em suas vidas luxuosas tratavam também dos destinos do país supra alguma lacuna social.

No Rio Grande do Sul, as visitas que D. Pedro II realizou nos anos de 1846 e 1865⁷⁵ ainda hoje rendem placas nas casas e locais por onde ele passou, tornando-se parte do anedotário local⁷⁶ e contribuindo então para esta áurea de admiração.

Outros exemplos que compõem essa “áurea” imperial no Rio Grande do Sul referem-se ao fato de D. Pedro II e sua família serem homenageados em muitas instituições. Além do próprio Hospital Psiquiátrico São Pedro, outras instituições

⁷⁴ Separamos como exemplo, 3 informações dos últimos anos, que mostram como as ideias monárquicas estão em voga entre alguns grupos. Mesmo que sejam expressas por uma minoria a vontade “de se ter um Imperador”, são correntes o culto e a busca por informações sobre o período. 2017: Por que tanta gente quer a volta da monarquia no Brasil? Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/por-que-tanta-gente-quer-a-volta-da-monarquia-no-brasil-5nte9wsbyvuo9ywa6ricylfi8/> Acesso em 10/12/2022.

2019: O que pensam os brasileiros que pedem a volta da monarquia? Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/11/15/o-que-pensam-os-brasileiros-que-pedem-a-volta-da-monarquia.htm?cmpid> Acesso em 10/12/2022.

2022: Ideia Legislativa - Plebiscito para a volta da Monarquia em 2022. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=151096> Acesso em 10/12/2022.

⁷⁵ Ver: GOMES, Mota, Júlia. Um monarca cruza os pagos: a viagem de Dom Pedro II ao Rio Grande do Sul em 1865 e seus impactos políticos. Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

⁷⁶ São inúmeros os vídeos de historiadores, profissionais ou diletantes, que narram a estada de D. Pedro II no Rio Grande do Sul, bem como, são muitas as matérias jornalísticas que apontam os locais onde ele teria se hospedado ou sido recebido. Elencamos apenas alguns: Vídeo: Visita de Dom Pedro II à Rio Pardo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4UbXgamYYyU> Acesso em 06/09/2023. KANNENBERG, Vanessa. Com mais de 200 anos, cidade histórica luta para não sucumbir ao tempo – Município tem a primeira rua pavimentada e abriga escola onde estudou o ex-presidente Getúlio Vargas. Zero Hora, 26/11/2012. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/11/com-mais-de-200-anos-cidade-historica-luta-para-nao-sucumbir-ao-tempo-3962817.html> Acesso em 06/09/2023.

homenagearam o monarca, como a Beneficência Portuguesa de Porto Alegre (1854) que tem São Pedro como protetor⁷⁷; o Theatro São Pedro (1858)⁷⁸ e a Igreja Matriz de Caxias do Sul, Santa Teresa (1875), numa homenagem à Dona Teresa Cristina, esposa de D. Pedro II⁷⁹.

Como dito, o visitante agora tem acesso a uma “réplica”, uma cópia colorida em um móvel de consultório médico que fora adaptado para servir de expositor. Devidamente identificadas a capa e a assinatura da Princesa, as legendas reforçam a mensagem de que o local foi digno de tal visita. Junto ao documento, há ainda na sala bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul, bem como reproduções referentes à inauguração do Hospital, seu primeiro diretor e um banner enfatizando a presença da Princesa, construindo, talvez, um sentimento de nacionalidade e pertencimento ao visitante.

Percebemos que os aspectos culturais que construíram a ideia de médicos importantes e figuras ilustres, como no nosso caso, a princesa Isabel, refletem a organização social corrente. Culturalmente somos “moldados” a ver nessas (e em outras) figuras reflexos de liderança e superioridade, mostrando-nos que como pessoas comuns devemos respeito e obrigações. Assim, é natural que vejamos refletidos estes aspectos nesse Memorial e em tantos outros espaços de memória ligados ou não à Saúde e à Medicina.

⁷⁷ Ver: QUEVEDO, Éverton Reis. 'Uma mão protetora que os desvie do abismo': Sociedade Portuguesa de Beneficência Portuguesa de Porto Alegre e seu hospital (1854-1904). São Leopoldo: Oikos/ Ed. UNISINOS, 2016.

⁷⁸ Ver: HOHLFELDT, Antonio. Teatro Palavra – 165 anos do Theatro São Pedro. Depoimentos. Edições Ardotempo. Porto Alegre, 2023.

⁷⁹ Quando os imigrantes italianos chegaram à serra gaúcha, logo decidiram construir um local de oração. Fizeram, então, uma cabana de taquaras que se situava na atual rua Bento Gonçalves. Na ocasião precisavam escolher um santo padroeiro. Optaram por Santa Teresa. Pretendiam homenagear a Imperatriz do Brasil Dona Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II. Seguindo a tradição do onomástico, escolheram a santa do mesmo nome da soberana. Dessa forma, expressavam a gratidão pelas terras recebidas. Ver: Site oficial da Catedral Santa Teresa. Disponível em <https://www.catedraldecaxias.org.br/> Acesso em 17/09/2023.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar e analisar uma exposição de longa duração concebida por vários profissionais em diferentes contextos evidencia expectativas individuais e coletivas de comunicar e socializar histórias e memórias a partir de determinados pontos de vistas, olhares, leituras e concepções de quem define e constrói determinada narrativa. Nenhuma escolha é neutra quando se fala em curadoria de exposições, em seleção de objetos e núcleos expositivos; tudo faz parte de escolhas conscientes ou não do que se deseja narrar.

No caso da exposição de longa duração do Memorial do HPSP, intitulada “A história do Hospital Psiquiátrico São Pedro e da psiquiatria no Rio Grande do Sul”, compreendemos que as escolhas curatoriais foram sendo construídas e moldadas por cada profissional que em algum momento de sua trajetória esteve dedicado e envolvido com essa instituição cultural. Nessa pluralidade de perspectivas que contemplam a exposição em seu formato atual, após treze anos de sua criação, compreendemos que é chegado o momento de revisar e ressignificar determinadas estratégias que contemplem tanto leituras históricas quanto contemporâneas do HPSP.

Em nosso entendimento, o Memorial apresenta-se como uma grande “reserva técnica aberta ao público”, onde tudo está em exposição, mas também armazenado (sem acondicionamento adequado), onde alguns objetos receberam maiores cuidados e identificação do que outros. Obviamente que consideramos ser esta situação melhor do que se estes objetos estivessem em avançado processo de deterioração em algum dos tantos pavilhões do prédio histórico do HPSP, em situações muito mais problemáticas. Todavia, o objetivo desta pesquisa foi problematizar e analisar a narrativa proposta pela exposição de longa duração organizada através de núcleos que reúnem determinados objetos.

Ao término deste trabalho destacamos o ineditismo dessa abordagem no contexto das exposições realizadas em museus, memoriais e outros espaços culturais dedicados à Saúde e à Medicina. Ao fazê-lo, esperamos enriquecer as análises relacionadas ao patrimônio cultural da saúde em todas as suas complexidades. Um dos nossos objetivos foi ressaltar a importância social e cultural desse tema e defender que ele merece uma atenção específica no âmbito da Museologia.

O Memorial da Loucura do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), que objetiva contar a história institucional desse hospital e, de forma audaciosa, a história da psiquiatria no Rio Grande do Sul, oferece uma experiência única ao visitante; contudo, a narrativa mostra fragmentos desta história que parece estar congelada em uma época que já não existe mais. Esta perspectiva permeia a exposição que analisamos, uma vez que a instituição insiste em transmitir aos seus visitantes uma história da psiquiatria que parece cristalizada, estática, com foco central nas figuras médicas; sobretudo, as masculinas. Lamentavelmente, não há espaço para uma discussão aberta sobre a Reforma Psiquiátrica ou para o ponto de vista dos pacientes, que são o verdadeiro cerne da Instituição. Eles aparecem apenas como números em livros de registro, enquanto as políticas públicas que afetam suas vidas são ignoradas.

Acreditamos que nossa análise revela que a exposição em questão apenas realça os aspectos elogiosos e progressistas da Medicina, deixando de lado a fragilidade subjacente a essa construção. Falta uma abordagem que ilumine outros motivos que levaram à criação das instituições hospitalares. As memórias e as histórias da Psiquiatria apresentadas nesta exposição aparecem isentas de erros, conflitos e debates, numa construção linear. Apenas os médicos são lembrados, numa narrativa laudatória.

Assim, podemos apontar que a seleção dos objetos em exposição foi feita com o propósito de reforçar uma perspectiva evolutiva e, sobretudo, médica, sem dar a devida importância aos pacientes. As vitrines e os textos expositivos foram organizados de acordo com essa ótica, muitas vezes para atender aos desejos dos médicos diretores que contribuíram para a criação desse espaço de memória. Naturalmente, eles desejavam se ver representados dentro da narrativa evolutiva de sua especialidade.

A exposição foi construída a partir de um processo curatorial que teve envolvimento médico e de profissionais que, por mais interessados e zelosos pelo patrimônio que estavam organizando, careciam de um olhar especializado no que tange à elaboração de exposições. Embora a pesquisa estivesse a cargo de um historiador, seu envolvimento na elaboração expositiva não era presente, segundo relatos obtidos ao longo da pesquisa. As narrativas foram elaboradas ao longo dos anos de forma direta por dois profissionais que imprimiram na exposição uma leitura, como já dito, impregnada pelo olhar evolucionista médico, dentro de determinado

contexto temporal e espacial. Na atualidade, percebemos que esta leitura segue sendo empregada, haja vista as inserções recentes na exposição, como expomos ao longo do capítulo 4.

É possível perceber que a exposição carece de uma abordagem contemporânea. Há uma falta de familiaridade com as discussões em torno das novas reflexões sobre saúde mental e das novas perspectivas no campo dos tratamentos psiquiátricos. Os pacientes são frequentemente retratados como meros receptáculos de conhecimento, sem serem colocados no centro das ações. Acreditamos que uma narrativa mais abrangente e inclusiva poderia contemplar de forma sensível a ambos os agentes envolvidos, oferecendo uma perspectiva mais completa e equilibrada da história da psiquiatria e da saúde mental.

A partir da premissa teórico-metodológica dos critérios ou chaves associativas, definidos pela Profa. Dra. Angela Blanco (2009), identificamos “Chaves associativas físicas”, “Chaves associativas espaciais e temporais” e “Chaves associativas culturais” e conseguimos traçar nossa metodologia de análise. Cabe destacar que os objetos analisados e que estão em exposição podem ser inter-relacionados por mais de um tipo de critério associativo. Sendo assim, a intenção foi analisar como os critérios associativos podem ser percebidos por um visitante “não-especializado”, e se ele conseguiria associar os objetos à mensagem que se pretende passar garantindo sua autonomia junto à exposição. Esta concepção, dentre outras possíveis, não tem a pretensão de esgotar o tema.

Há muitas exposições no Memorial da Loucura e essas não dialogam entre si, sendo preciso repensar essas questões no âmbito de organizar uma lógica discursiva dentro da própria exposição. Outro limitador refere-se ao fato de apenas um público, mesmo que quantidade razoável, acessar o Memorial, o ligado a profissionais da saúde (estudantes de enfermagem, medicina e outros). Cabe salientar que este espaço cultural tem como função social voltar-se à comunidade de um modo amplo, favorecendo o diálogo e possibilitando a requalificação da própria exposição.

Outra questão importante refere-se ao potencial arquitetônico do prédio para a história da saúde. Mesmo que sua trajetória remeta à dor, sofrimento e a políticas de saúde equivocadas/ultrapassadas, trata-se de uma história que não se pode esquecer, mas que merece ser ressignificada no presente. Ou seja, cabe também ao

Memorial pensar os novos usos do patrimônio edificado; afinal, está inserido naquele ambiente.

É possível perceber as possibilidades a partir do acervo da Instituição em todos os níveis. Em especial quando realizamos uma leitura expológica e expográfica da sua exposição, essas possibilidades ganham outra dimensão, dado ao grande número de acervo e às ligações sociais, culturais, educativas, médicas, etc. que podem ser feitas a partir dele. Uma narrativa verdadeiramente estimulante e voltada à discussão sobre as práticas médicas, políticas públicas e inclusivas pode ser construída de forma coletiva e colaborativa naquele espaço, além, é claro, do potencial das exposições como significativos meios de comunicação, espaço de divulgação científica, questionamentos, trocas e aprendizados diversos.

Por fim, destacamos como uma alternativa viável para a requalificação da exposição de longa duração do Memorial da Loucura o exemplo do Museu da Imigração de São Paulo, o qual iniciou em 2020 o projeto de requalificação da sua exposição de longa duração por meio de ações junto à comunidade e também através de uma pequena exposição que antecede a exposição atual, visando justamente levantar questões sobre a requalificação da exposição de longa duração com vistas a participação e engajamento do público externo nesse processo de forma colaborativa⁸⁰.

A nova exposição está prevista para 2024, após quatro anos dessas articulações entre equipe do Museu, comunidade e pesquisadores convidados com objetivo de suscitar perguntas dialogar com o público e agregar outras perspectivas para a nova exposição de longa duração. Um caminho possível para o Memorial do HPSP repensar o potencial dos objetos e coleções que compõem seu acervo aliada à construção de uma narrativa mais diversa e sensível que fará parte das histórias e memórias de um dos hospitais psiquiátricos mais antigos do Brasil, patrimônio cultural da saúde em diferentes aspectos e que merece contemplar outras versões, outros sujeitos e novos significados no presente.

⁸⁰ Para saber mais: <https://museudaimigracao.org.br/en/blog/sobre-nossas-exposicoes/camas-dormitorios-e-exposicoes-em-museus-de-imigracao> Acesso em 08/11/2023.

REFERÊNCIAS

ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos domínios do corpo**: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011.

Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina. Jacintho Godoy Gomes, patrono da Cadeira 34. Página de biografia dos patronos. Disponível em <https://academiademedicinars.com.br/cadeiras/jacintho-godoy-gomes/> Acesso em 17/05/2023

ALCÂNTARA, Thalys. Vítimas nuas, dopadas e torturadas: o horror na clínica de pastores: Internos resgatados de clínica clandestina em Goiás falam de pessoas amarradas, roupas arrancadas, água gelada e tapas como castigo. *Jornal Metrôpoles*. 03/09/2023. Disponível <https://www.metropoles.com/brasil/vitimas-nuas-dopadas-e-torturadas-o-horror-na-clinica-de-pastores> Acesso 03/09/2023.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. 3.ed. São Paulo: Contexto, p. 155-202, 2008.

ALVES, Gabrielle Werenicz; SERRES, Juliane C. Primom. **Hospital Psiquiátrico São Pedro**: 125 anos de história. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

Amigos da Memória do Hospital São Pedro AMeHSP. **Hospital Psiquiátrico São Pedro**: Livro de Visitantes. Porto Alegre: Letral, 2019.

ANDRADE, André Queiroz de. **A linguagem médica utilizada em prontuários e suas representações em sistemas de informação**: as ontologias e os modelos de informação. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

AQUINO, Vanessa Barrozo Teixeira; VARGAS, Aline Vargas de. Olhares acerca das exposições de arte: uma perspectiva histórica. **Porto Arte: Revista de Artes Visuais**, Porto Alegre, RS, jan-jun 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PortoArte/article/view/103652/59801>

ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. In: **Transinformação**. Campinas, v.16, n.2, p.111-122, maio/ago., 2004.

ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

ÁVILA, Darlene Bederode de. **Tilintar de Metais**: Museu da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas/RS. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). UFPEL. Pelotas, 2010.

ÁVILA, Darlene Bederode de; SANTOS, Glauco Roberto Munsberg. Formação do museu da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. In: XVIII CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Anais...**

2009. Disponível em https://www2.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_01508.pdf
Acesso em 04 set. 2023.

AXT, Gunter. A função social de um memorial: a experiência com memória e história no Ministério Público. **Métis: história e cultura**, Caxias do Sul, v.12, n. 24, p. 64-89, jul./dez. 2012.

BARCELOS, Neuza. **depoimento** [Out. 2021]. Entrevistador: Everton Reis Quevedo. Porto Alegre, 2021. 1 gravação digital.

BARCELLOS, Jorge. O memorial como instituição no sistema de museus: conceitos e práticas na busca de um conteúdo. In: VI FÓRUM ESTADUAL DE MUSEUS, 1999, Porto Alegre. **Anais**. v. 1. Porto Alegre: Sistema Estadual de Museus/ RS, 1999.

BELCHER, Michael. La exposición como medio de comunicación. In: **Organización y Diseño de exposiciones: su relación con el museo**. Barcelona: Ed. Trea, 1997, p. 51-58.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. "Conselhos ao povo": educação contra a influenza de 1918. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 23, n. 59, abr. 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622003000100008> Acesso em 02/04/2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BEZERRA, Daniele Borges. **A ressonância afetiva das memórias como meio de transmissão para um patrimônio difícil: monumentos em antigos leprosários**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2019.

BOCEWICZ, Ana Carolina Dias. **Avaliação de protótipos expositivos do Museu de Microbiologia do Instituto Butantan**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Secretaria de Estado Saúde, Centro de Formação de Recursos Humanos para o SUS/SP "Doutor Antônio Guilherme de Souza". Curso de Especialização em História, Museologia e Divulgação da Ciência e da Saúde. São Paulo, 2019.

BOLETIM SÃO PEDRO CULT MEMORIAL Hospital Psiquiátrico São Pedro. N° 5. Jul. 2021.

BOLETIM SÃO PEDRO CULT MEMORIAL Hospital Psiquiátrico São Pedro. N° 6. Set. 2021.

BONNOT, Thierry. Itinerário biográfico de uma garrafa de sidra. In: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; RUOSO, Carolina (Org.). **Museus e patrimônio: experiências e devires**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2015.p.121-150.

BORDINHÃO, Katia et al. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Instituto Brasileiro de Museus. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

BOTTI, Nadja Cristiane Lappann; Cotta, Eline Mascarenhas; CÉLIO, Fabiano de Almeida. Visita ao museu de loucura: uma experiência de aprendizagem sobre a reforma psiquiátrica. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 08, n. 01, p. 52 – 57, 2006. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen> Acesso em 02/09/2023.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 183-191.

BUSNELLO, Ellis D’Arrigo. Homenagem a alguns pioneiros da psiquiatria gaúcha. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**. v.28, n.3, p. 235-238, set/dez 2006.

BLANCO, Angela G. **La exposición, um medio de comunicación**. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. **Sistema Único de Saúde**. Brasília: CONASS, 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Caminhos da memória: para fazer uma exposição**. Pesquisa e elaboração do texto Katia Bordinhão, Lúcia Valente e Maristela dos Santos Simão. Brasília, DF: IBRAM, 2017.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz. Ministério da Saúde. **Noções Básicas de Conservação Preventiva de Documentos**. Centro de Informação Científica e Tecnológica Biblioteca de Manguinhos. Laboratório de Conservação Preventiva de Documentos. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/normas_conservacao_fio_cruz_1358966008.pdf Acesso em 17/05/2023

BRAGA, Maria do Rosário de Assumpção. **Relações entre arte e ciência em museus e centros de ciência**. (Dissertação) Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2004.

BRAVO, Maria Inês Souza. A Política de Saúde no Brasil: trajetória histórica. In: **Capacitação para Conselheiros de Saúde – textos de apoio**. Rio de Janeiro: UERJ/DEPEXT/NAPE, 2001.

BRAVO, Maria Inês Souza. Políticas de Saúde no Brasil. In: MOTA, Ana Elizabete et al. **Serviço social e saúde: formação e trabalho profissional**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 1-24.

BRETT, Guy. Lygia Clark: Seis Células. In: BASBAUM, Ricardo. **Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções estratégicas**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

BRITTO, Rosangela Marques de; BORGES, Luiz C. Musealização e requalificação do patrimônio histórico em Belém do Pará. In: **MUSAS - Revista Brasileira de**

Museus e Museologia, n.5, 2011. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011 v.: il. Anual. Pp. 164-181.

BROFMAN, Gilberto Stud. A trajetória de uma instituição centenária. In: **Hospital Psiquiátrico São Pedro: Livro de visitantes**. Porto Alegre: Letral, 2019. Pp. 55-64

BRUM, Rosemary Frisch. **Uma cidade que se conta: Imigrantes italianos e narrativas no espaço social da cidade de Porto Alegre (1920-1937)**. Tese de Doutorado, PUCRS, Porto Alegre, mar. 2003, p. 38.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira; ARAÚJO, Marcelo Mattos; COUTINHO, Maria Inês Lopes. **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/002157825> Acesso em 1º/09/2023.

BRULON, Bruno César Brulon. Museus, patrimônios e experiência criadora: ensaio sobre as bases da Museologia Experimental. In: MAGALHÃES, Fernand; COSTA, Luciana Ferreira da; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURCINO, Alan (orgs.). **Museologia e Patrimonió**. v.1, Portugal: Escola Superior de Educação e Ciências Sociais | Politécnico de Leiria, 2019. p.199-231.

BRULON, Bruno César Brulon. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbyněk Z. Stránský e a Escola de Brno1. In: MUSEU PAULISTA. **Annals...** v. 25. n.1. Jan.-April 2017. p. 403-425.

BRULON, Bruno César Brulon. Os objetos de museu, entre a classificação e o devir. **Inf. & Soc. Est.**, João Pessoa, v.25, n.1, p. 25-37, jan/abr. 2015.

CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v.11, n.02, p. 551–572, mai.–ago., 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sant/a/nXMB9xWnGZmbHNqGf6MM6Ts/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 01/09/2023.

CARDOSO, Thaís Bender. **Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro, Porto Alegre/RS: espaço de memória e representatividade social**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre/RS, 2020.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Do Museu à Museologia: constituição e consolidação de uma disciplina**. 2017, 215fl. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO e do Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2017.

CARVALHO, Mario Cesar. Centro psiquiátrico usa obra de Lygia Clark. **Folha de São Paulo**, 19 nov. 1994. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/19/ilustrada/1.html> Acesso em 06/09/23023.

CAVALCANTI, Adriana de Holanda. **Narrativas de memória e medicinas tradicionais: a Escola de Cultura e Saúde Semente de Jurema**. Tese (Doutorado).

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Rio de Janeiro, 2021.

CORREIA, Jessica Tammirys Miranda de Lima. **Triste, louca ou ma?:** experiências femininas no hospital de alienados na Tamarineira nos anos de 1930. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2020.

CORREIA, Ludmila Cerqueira; SOUSA JUNIOR, José Geraldo de. O Movimento Antimanicomial como sujeito coletivo de direito. **Direito e Práxis**. v.11, n.03, Jul-Sep 2020. Pp. 1624-1653 Disponível em <https://www.scielo.br/j/rdp/a/QVyGbx9Q7K8vwD6HtyWcNSv/#> Acesso em 04/09/2023.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.

COSTA, Veloso. **Alguns aspectos históricos e pré-históricos do Recife**. Recife: UFPE, 1971.

CHAGAS, Mário de Souza. **Há uma gota de sangue em cada museu:** a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

CHAUMIER, Serge. **L'Object de musée. Dijon: Musée de la vie bourguignome.:** 23 aril a 20 sep. 2010. (Tout garder? Tout jeter? Et reinventer?) Disponível em: <http://www.dijon.fr/appext/mvb/tout-garder-tout-jeter-et-reinventer/objetcollect.html> (Tradução Thelma Palha da Cruz).

CLIFFORD, James. Museus como zonas de contato. **Periódico Permanente**. N. 6, 2016. Trad. Alexandre Barbosa de Souza e Valquíria Prates. Texto originalmente publicado no livro *Routes: travel and translation in the late twentieth century*, em 1997, pela Harvard University Press de Cambridge e Londres. O texto compõe o capítulo 7 do livro.

CRUZ JUNIOR, Eurípedes Gomes da. **O Museu de Imagens do Inconsciente:** das coleções da loucura aos desafios contemporâneos. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2009.

CRUZ JUNIOR, Eurípedes Gomes da. **Do asilo ao museu:** ciência e arte nas coleções da loucura. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO; Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Rio de Janeiro, 2015.

CRUZ, Jorge Alberto Soares. **Prontuário eletrônico de pacientes (PEP):** Políticas e requisitos necessários à implantação no Hospital Universitário de Santa Maria (Husm). Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

CRUZ, Lisiane Ribas. **Não mais pretendo voltar a casa, pois que o hospício será sempre a minha recompensa:** A internação de crianças e jovens no Hospital Psiquiátrico São Pedro (1932-1937). Tese de Doutorado. UNISINOS, 2022.

CURY, Marília Xavier. O exercício metodológico da Exposição Brasil 50 Mil Anos e outras considerações. In: ENCONTRO DE PROFISSIONAIS DE MUSEUS. A COMUNICAÇÃO EM QUESTÃO: EXPOSIÇÃO E EDUCAÇÃO, PROPOSTAS E COMPROMISSOS. **Anais...** São Paulo; Brasília: MAE, USP: STJ, 2003. Pp. 155-173.

CURY, Marília Xavier. **Exposição:** concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

CURY, Marília Xavier. Metamuseologia: Reflexividade sobre a tríade musealia, musealidade e musealização, museus etnográficos e participação indígena. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v.9, n.17, p. 129–146, 2020.

CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e musealização. In: CORO- ICOFOM LAM, **Anais**. 1999a. pp 50-55.

CURY, Marília Xavier. Musealização, comunicação e processo curatorial no MAE/USP. In: II SEMANA DOS MUSEUS DA USP, **Anais...** São Paulo, maio de 1999b.

DANTAS, Rafael Jesus da. O que é que a baiana tem? O memorial das baianas do acarajé de Salvador/BA e a “batalha” das memórias. In: **Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e Práticas Científicas**, 16., 2014, Rio de Janeiro.

DENARDI, João. **Entre ritos, símbolos e necropsias:** a invenção da tradição médico-legal paulista no Museu de Medicina Legal da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Departamento de Medicina Preventiva FMUSP. São Paulo, 2018.

DE SETA, Cesare. **Objecto. Enciclopédia Einaude.** v.3, Artes-Tonal/Atonal. Imprensa Nacional, Casa da Moeda. Lisboa, 1984. p. 91-113.

DESVALLÉES, Andre. Cent quarante termes muséologiques ou petit glossaire de l'exposition. In: BARY, Marie-Odile; TOMBELEM, Jean-Michel (Dir.). **Manuel de muséographie:** petit guide à l'usage des responsables de musée. Haute-Loire: Séguiet, 1998.

DESVALLÉES, Andre; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de Museologia.** Tradução: Bruno Brulon Soares, Marília Xavier Cury. ICOM: São Paulo, 2013.

DESVALLÉES, Andre. **Exposição:** Concepção, montagem e avaliação. 2.ed. São Paulo. Ed. Annablume, 2005.

DEVALLO, Jean. Comunicação e sociedade: pensar a concepção da exposição. In: BENCHERIT, Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano; MAGALHÃES, Aline Montenegro (Org.). **Museus e comunicação: exposições como objeto de estudo**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 21-34.

DEUTSCH, Helene. **Problemas Psicológicos da Adolescência**. Zahar: Rio de Janeiro, 1977.

DIAS, Miriam Thais Guterres. **A Reforma Psiquiátrica Brasileira e os Direitos dos Portadores de Transtorno Mental: uma análise a partir do serviço residencial terapêutico morada São Pedro**. Tese. Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

DIAS, Paula Barros. **Arte, loucura e ciência no Brasil: as origens do Museu de Imagens do Inconsciente**. (Dissertação) Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2003.

DISSEROL, Caio César Diniz et al. História e questionário nacional sobre martelos de reflexo: qual é o escolhido dos neurologistas brasileiros? **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 81 n. 4, 2023. Academia Brasileira de Neurologia. pp. 340–344. Disponível em https://www.scielo.br/j/anp/a/Nm_RPxR4PkKpR4ddX_Pc5b59f/?format=pdf&lang=en Acesso em 17/09/2023.

DUARTE, V. M. N. **Tema: Pesquisa científica**. 2011. Disponível em <http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/artigo-cientifico.htm> Acesso em 27/06/2021.

EDLER, Flávio Coelho. **As reformas do ensino médico e a profissionalização da Medicina na corte do Rio de Janeiro 1854-1884**. Dissertação (Mestrado), História, Universidade de São Paulo, 1992.

ELTZ, Amanda; FERREIRA, Bianca. Prepara o acervo é preciso! Relatório de caso referente ao museu do Centro Histórico-Cultural Santa Casa. In: **Histórias Reveladas IV**. Evangraf. Porto Alegre, 2015.

EWALD, Felipe Grüne. Memória e narrativa: Walter Benjamin, nostalgia e movência. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas** Dossiê: oralidade, memória e escrita PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre, v. 04, n. 02, jul/dez 2008.

FABBRI, Angelica et al. **Documentação e conservação de acervos museológicos: diretrizes. CIP Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari (Brodowski, SP)**. Governo do Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 2010.

FACCHINETTI, Cristiana. Philippe Pinel e os primórdios da Medicina Mental. In: **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 502-505, set. 2008.

FACCHINETTI, Cristiana; VENÂNCIO, Ana Teresa A. Da psiquiatria e de suas instituições: um balanço historiográfico. In: TEIXEIRA, Luiz Antônio Et. All. **História da Saúde no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2018.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Por uma educação visual a partir dos objetos: debates sobre o método duplo-museu aplicado às exposições. **Revista História da Educação**, v. 24, p. e99233, 2020. Pp. 1-30.

FARIA, Sónia Castro. **O Objecto e os Museus de Medicina**: Aprofundamento de um modelo de estudo. Dissertação de Mestrado do Curso Integrado de Estudos Pós-graduados em Museologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009.

FARIAS, Walter; SONIM, Daniel Navarro. **O Capa-Branca**: De funcionário a paciente de um dos maiores hospitais psiquiátricos do Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Tânia. Aplicação da História Oral em Acervos e Pesquisas. In: MEIHY, José Carlos S. Bom. **(Re) introduzindo a história oral no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 1998.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar: cirurgiões. Médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. 2. ed. Brasília, DF: CAPES; Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 22.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

FUZZI, Ludimila Pena. O que é a Pesquisa de Campo? In: PINSKY, Carla Bassanezi. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FRAYZE-PEREIRA, João A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, v.17, n.49, 2003, pp. 197-208.

FRANÇA, Anna S. M. **Museu Histórico do Instituto Butantan: Estudos para uma nova curadoria**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Secretaria de Estado Saúde, Centro de Formação de Recursos Humanos para o SUS/SP “Doutor Antônio Guilherme de Souza” desenvolvido no Instituto Butantan para o Curso de Especialização em História, Museologia e Divulgação da Ciência e da Saúde. São Paulo, 2019.

GASTAL, Fábio Leite et. al. Reforma psiquiátrica no Rio Grande do Sul: uma análise histórica, econômica e do impacto da legislação de 1992. *Comunicações Teórico-Clinicas*. **Rev Psiquiatr RS**. v.29, n.1, p.119-129, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rprs/a/dZ6NWSnqv7Z9tDBzmCydrJ/#> Acesso em 04/09/2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Mota, Júlia. **Um monarca cruza os pagos: a viagem de Dom Pedro II ao Rio Grande do Sul em 1865 e seus impactos políticos**. Departamento de História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. **Coleção Museu, Memória e Cidadania**. Rio de Janeiro, 2007.

GONÇALVES, Assis da Silva. **José Bastos de Ávila e as pesquisas em antropologia física no Museu Nacional (1928-1938)**. (Dissertação) Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2011.

GUIA DE MUSEUS DO RIO GRANDE DO SUL. 3 ed. Organizado pelo Sistema Estadual de Museus. - Porto Alegre: SEM/RS, Evangraf, 2013. 160p.

GUTIERRE, Marina Duarte. **Memória e Identidade através dos Objetos: o Caso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2016.

GURGEL, Cristina. **Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos**. São Paulo: Contexto, 2011.

GREFF, Natália Reichert. **Narrativas de um tempo: Discursos expográficos sobre a história das Reduções Jesuíticas no Brasil e Argentina**. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia. UFRGS, 2018.

HISSA, Sarah de Barros Viana. Fumo e cachimbos estrangeiros na moderna São Paulo. **R. Museu Arq. Etn.** v.34, p. 111-131, 2020. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/download/158963/164212/444123> Acesso em 17/09/2023.

ICOM – Conselho Internacional de Museus. **Nova definição de Museu**. Disponível em http://www.icom.org.br/?page_id=2173# Acesso em 25/08/2022.

JAEGER, Julia. Pesquisa museológica e a máquina de comprimir do Museu Joaquim Francisco do Livramento: Estudo de caso. **Histórias Reveladas V**, Porto Alegre, 2017.

KANNENBERG, Vanessa. Com mais de 200 anos, cidade histórica luta para não sucumbir ao tempo – Município tem a primeira rua pavimentada e abriga escola onde estudou o ex-presidente Getúlio Vargas. **Zero Hora**, 26/11/2012. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2012/11/com-mais-de-200-anos-cidade-historica-luta-para-nao-sucumbir-ao-tempo-3962817.html> Acesso em 06/09/2023.

KORNDÖRFER, Ana Paula. Hospital Psiquiátrico São Pedro. In: SERRES, Juliane Conceição Primon; WEBER, Beatriz Teixeira. **Instituições de Saúde de Porto Alegre: Inventário**. Porto Alegre: Ideograf, 2008

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In.: APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Tradução: Agatha Bacelar. Editora UFF, 2008. P. 89-121.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Museus científicos e sua relação com a saúde. **Museologia & Interdisciplinaridade**. v. 3 n. 5, 2014.

LAITANO, Genaro; LAITANO, Nicolau. **Memorial em bronze e granito aos médicos em nossa cidade**. Porto Alegre: CORAG, 2008.

LEAL, Elisabete; PAIVA, Odair da Cruz. **Patrimônio e história**. Londrina: Unifil, 2014.

LEANDRO, Everaldo Gomes; PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. O paradigma indiciário para análise de narrativas. **Educar em Revista**. Curitiba, v. 37, e74611, 2021.

LEITE, Miriam M. A imagem através das palavras. In: **Retratos de família**. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 1993.

LEITE. André Filipe dos Santos. **Eletroconvulsoterapia e Cinema: Luzes e sombras de um tratamento controverso**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema. Fundação Universidade Federal de Sergipe. 2021.

LEITE. André Filipe dos Santos. **Texto visual e texto verbal**. Trabalho apresentado no XVII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, 22-23 de outubro de 1993.

LEI Nº 9.716 DE 07 DE AGOSTO DE 1992. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Sistema LEGIS - Texto da Norma. Disponível em http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_IDNorma=15281 Acesso em 04/09/2023.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. O Objeto de museu como documento: um panorama introdutório. **Em Questão**. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 13-36, jan./abr. 2019. Disponível em <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245251.13-36> Acesso em 25/07/2021.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; LOUREIRO, José Mauro Matheus Loureiro. In: **Documento e musealização: entretecendo conceitos**. **MIDAS [Online]**, 1, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/78> Acesso em 14/03/2023.

LOURENÇO, Marta C. O patrimônio da ciência: importância para a pesquisa. **Museologia e Patrimônio**. v. 2, n. 1, 2009.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Musealização e patrimonialização: formas culturais integradas, termos e conceitos entrelaçados. In: FREIRE, Isa M. et. al. (orgs.). **XV ENANCIB**, 2014. p.4335- 4355.

LUZ, Madel Therezinha. Saúde e instituições médicas no Brasil. In: **Saúde e medicina no Brasil**: contribuição para um debate. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

MACHADO, Tatiana Gentil. **Projeto expográfico interativo**: da adoção do dispositivo à construção do campo da interatividade. São Paulo, 2015. 252 p. Tese Doutorado – Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura – FAUUSP.

MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro (RJ): Graal; 1978.

MAGALHÃES, Gildo. Por uma dialética das controvérsias: o fim do modelo positivista na história das ciências. **Estudos Avançados**, v.32, n.94, 2018, pp. 345-361). Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/msgB4Zgtj7YSB9rN7RMzgFD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 15/09/2023.

MAGALHÃES, Lia. **depoimento [Out. 2022]**. Entrevistador: Everton Reis Quevedo. Porto Alegre, 2021. 1 gravação digital.

MAGALHÃES, Lia. **depoimento [Out. 2023]**. Entrevistador: Everton Reis Quevedo. Porto Alegre, 2021. 1 gravação digital.

MAGNUS, Cláudia de Negreiros. **Sob o peso dos grilhões**: um estudo sobre a psicodinâmica do trabalho em um hospital psiquiátrico público. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

MARRONI, Cintia Velázquez. El museo memorial: un nuevo espécimen entre los museos de historia. **Intervención – Revista Internacional de Conservación, Restauración y Museología**. n. 3, enero-jun 2011. pp. 26-32.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história – interfaces. **Tempo**. v. 1, n 02, dez/ 1996.

MAPA DIGITAL DOS MUSEUS do Rio Grande do Sul. Disponível em <https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1Ttl2-P4LleCWDa7roTjR BdyI2IYUtV 5n&ll=-30.472951 1487 97748%2C-53.66718000000003&z=5> Acesso em maio de 2023.

MEDEIROS, Helena Thomassim. **Da exclusão à exposição**: Narrativas expográficas do Memorial do Hospital Colônia de Itapuã. Trabalho de conclusão de curso de Museologia da UFRGS, 2015.

MEDEIROS, Helena Thomassim. **O que sobrou de nós**: As Escolhas Expográficas do Memorial do Hospital Colônia Itapuã – RS. Dissertação de Mestrado. Programa

de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2019.

MEDEIROS, João Gabriel Toledo. Associação Médica do Rio Grande do Sul: História, Memória e Patrimônio. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL. **Anais...** Natal, 2013. Disponível em http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364480634_ARQUIVO_ApresentacaoNatalRN2013.pdf Acesso em 05 set. 2023.

MEDEIROS, Zíngaro Homem de. **A mecânica da cura:** a microbiologia e suas implicações sobre a indústria de instrumentos cirúrgicos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). UFGRS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia. Porto Alegre, 2017.

MENDONÇA, Renato. **Hospital Schlatter** – A trajetória de Gabriel, Dóris José e Theo Tássilo. Edição Independente. Porto Alegre, 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, p. 103-117, 1985.

MENESES, Ulpiano T. A problemática da identidade cultural nos museus: de objeto (de ação) a objeto (de conhecimento). In: MUSEU PAULISTA, São Paulo, **Anais...** v. 1, n. 1, p. 207-222, 1 jan. 1993.

MENESES, Ulpiano T. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. In: MUSEU PAULISTA, São Paulo, **Anais...** v.2, p.9-42 jan./dez. 1994.

MENSCH, Peter van. **O objeto de estudo da museologia.** Rio de Janeiro: UNI-RIO: UGF, 1994

MENSCH, Peter van. Modelos conceituais de museus e sua relação com o patrimônio natural e cultural. In: **Boletim ICOFOM/LAM.** 1^ª. Reunião Anual do ICOFOM/LAM. n.4/5, ago. 1992.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, Carolina. Conheça centro psiquiátrico que usa terapia de Lygia Clark com concha e almofada - Espaço Aberto ao Tempo comandado por Lula Wanderley no Rio de Janeiro mantém legado da artista até os dias de hoje. **Folha de São Paulo**, 15 maio 2022. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/05/conheca-centro-psiquiatrico-que-usa-terapia-de-lygia-clark-com-concha-e-almofada.shtml> Acesso em 06/09/2023.

MOTA, André; CARRETA, J. A.; TARELOW, Gustavo Querodia. Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz: quando a História e a Medicina se encontram. In: **Cadernos do Patrimônio Cultural de C&T:** pesquisa, acervos e instituições. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2015, v. 1, p. 81-114.

MOTA, André; TARELOW, Gustavo Querodia. Museu Histórico Prof. Carlos da Silva Lacaz - FMUSP e as pesquisas sobre a Fundação Rockefeller: catálogo seletivo e a democratização do acesso ao acervo. In: MARINHO, Maria Gabriela S. M.; MOTA, André; CAMPOS, Cristina de. (Org.). **Racionalidades em disputa: intervenções da Fundação Rockefeller na ciência, medicina e práticas médicas do Brasil e América Latina**. São Paulo: 2015, v. 1, p. 97-120.

NASCIMENTO, Flávia Brito do. Patrimônio Cultural e escrita da história: a hipótese do documento na prática do Iphan nos anos 1980. In: MUSEU PAULISTA, São Paulo, **Anais...** v.24. n.3. p. 121-147. set.-dez. 2016.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. **No fim da linha do bonde, um tapete voa-dor: a Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (1990-2008): inventário de uma práxis**. Porto Alegre, 2009. 281 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/22513> Acesso em 25/10/2023.

NEUBARTH, Barbara Elisabeth. [Out. 2023]. **Entrevistador**: Everton Reis Quevedo. Porto Alegre, 2022. 1 gravação digital.

NETO, Otávio Cruz; **Pesquisa Social - Teoria, método e criatividade**. 20.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

NOGUEIRA, Eduardo de Almeida Guimarães. Augusta Marie Déjerine-Klumpke: muito mais do que apenas a esposa de Déjerine. **Arquivos Neuropsiquiátricos**. v.76, n2, p.117-119, 2018.

NOGUEIRA, Inês Santos. **A mulher com bório: Desafios para a construção da biografia cultural de um objeto da ciência e da saúde**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST. Rio de Janeiro, 2021.

NUNES, Rejane de Moura. **Sou de lugar nenhum, aonde não vai ninguém: a importância do território na Saúde Mental, entre a Psicanálise e a Memória Social**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Rio de Janeiro, 2018.

NUNES, Magda Villanova. **Memória científica: Patrimônio tecnológico da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2013.

OJEDA, Janine Menezes Y. **O objeto não fala por si só: o papel da mediação documentária nos acervos musealizados**. Dissertação. Mestrado em Ciência da Informação. Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

OLIVEIRA, Aislane Cristina de. **Sobre malas e manicômios: memórias dos esquecidos.** 18 ago. 2013. Disponível em <https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/sobre-malas-e-manicomios-memorias-dos-esquecidos/> Acesso em 08 set.2023.

ORDOQUE, Christian Astigarraga. **Comunicação e Memória empresarial: Os Livros Institucionais da Ipiranga - 1962 e 1997.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS, 2017.

PADRÓ, Carla. La museología crítica como una forma de reflexionar sobre los museos como zonas de conflicto e intercambio. In: LORENTE, Jesús Lorente; ALMAZAN, David. **Museología crítica y arte contemporâneo.** Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2003. p. 51-70.

PARKER, Marcelo Xavier. **A cruz no laboratório da ciência: religião e poder no Hospital Psiquiátrico São Pedro.** Dissertação de Mestrado. UNISINOS. São Leopoldo, 2012.

PEDAGOGÍAS Y REDES INSTITUYENTES - Plataforma de investigación en prácticas culturales, s.a. Disponível em: <https://redesinstituyentes.wordpress.com/glosario-y-referentes/museologia-critica/>. Acesso em jun 2019.

PEREIRA, Mario Eduardo Costa. Pinel - a mania, o tratamento moral e os inícios da psiquiatria contemporânea. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. Tono VII,** n. 3, set/2004. p. 113-116.

PEREIRA, Patrícia do Carmo; GUZZO, Raquel Souza Lobo. Diferenças individuais: temperamento e personalidade: importância da teoria. **Rev. Estudos de Psicologia,** Campinas, v. 19, n. 1, p. 91-100, jan/abril 2002.

PERIZZOLO, Juliana et al. Aspectos da prática da eletroconvulsoterapia: uma revisão sistemática. **R. Psiquiatr.** v.25, n.2, p. 327-334, mai/ago. 2003.

PICCININI, Walmor J. Um pouco da História do Hospital Psiquiátrico São Pedro. **Part of The International Journal of Psychiatry. Psychiatry on line Brasil.** v. 20, set. 2015. Disponível em: <http://www.polbr.med.br/ano07/wal0607.php> Acesso em: 3 out. 2015.

PICCININI, Walmor J. História da Psiquiatria - Jacintho de Godoy Gomes (1886-1959). **Part of The International Journal of Psychiatry. Psychiatry on line Brasil.**, v.9, n. 4, Abril 2004. Disponível em <https://www.polbr.med.br/ano04/wal0404.php> Acesso em 16 set.2023.

PICON, Pedro Dornelles; BASTOS, Denise Soares; GARCIA, Paulo. Do isolamento ao sanatório: diferentes práticas e serviços em um espaço de saúde pública de Porto Alegre - de 1909 a 2001. **Boletim da Saúde.** v.14 n.1, p. 133-41, 1999-2000. Disponível em <http://www.boletimdasaude.rs.gov.br/inicial> Acesso em 03 set. 2023.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 11, n. 1, p. 67-92, 2004.

PINEL, Phillipe. **Tratado médico filosófico sobre a alienação mental ou a mania**. Tradução de Joice A. Galli. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.

PINTO, Matheus Fernandes. **A Teoria da Narrativa em Walter Benjamin**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Filosofia, 2017.

PINTO, Geórgia Stefânia Manfroi. **Memorial do Rio Grande do Sul: Lugar de Memória e Poder (2000 – 2013)**. Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Monografia. Porto Alegre, 2013.

POMATTI, Angela Beatriz. **De sucata à museália: a trajetória de um objeto museológico, o Pulmão de Aço do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia. Porto Alegre, 2016.

POMIAN, Krzyztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. V.1: Memória-História. pp. 51-86.

PUPATO, Thaís Angélica de Brito. **Era uma vez um avental educativo no Museu de Microbiologia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Secretaria de Estado Saúde, Centro de Formação de Recursos Humanos para o SUS/SP “Doutor Antônio Guilherme de Souza”. Curso de Especialização em História, Museologia e Divulgação da Ciência e da Saúde. São Paulo, 2019.

QUARESMA, Flaviano. **Torturas, maus-tratos, mortes em hospitais psiquiátricos e abrigos. Até quando?** 25/07/2017. Associação Brasileira de Saúde Coletiva – Abrasco. Disponível em <https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-da-populacao/torturas-maus-tratos-mortes-em-hospitais-psiquiatricos-e-abrigos-ate-quando/29744/> Acesso em 03/09/2023.

QUEVEDO, Éverton Reis. **'Uma mão protetora que os desvie do abismo: Sociedade Portuguesa de Beneficência Portuguesa de Porto Alegre e seu hospital (1854-1904)**. São Leopoldo: Oikos/ Ed. UNISINOS, 2016.

QUEVEDO, Éverton Reis; POMATTI, Angela Beatriz. **Museu de História da Medicina - MUHM: um acervo vivo que se faz ponte entre o ontem e o hoje**. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

QUEVEDO, Éverton Reis et al. Educação para o patrimônio a partir da memória da medicina e da saúde pública: ações educativas do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: FRAGA, Hilda Jaqueline de; CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino; QUEVEDO, Éverton Reis; BARROSO, Véra Lucia Maciel; SOUZA, Renata Cássia Andreoni de. **Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios**. Porto Alegre/RS: Selbach & autores associados, 2015.

QUEVEDO, Éverton Reis. Memória e Cultura Unimed/RS: Organização de um acervo do cooperativismo médico gaúcho. **VI Ofício de Clio: pesquisadores, acervos e espaços de memória**. Ivoti: ISEI, 2018. p.75 – 88.

QUINTANA, Vera Conceição Cruz. **A musealização da Máscara de Ombredanne**: a pesquisa museológica na preservação de um objeto. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre/RS, 2021.

REINALDO AMS, PILLON SC. História da Enfermagem psiquiátrica e dependência química no Brasil História da Enfermagem psiquiátrica e dependência química no Brasil. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. v.11, n.4, p. 688 – 93, dez 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ean/a/S55bNnxy43RHJ6jjsKJjFLk/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 17 set. 2023.

REIS JÚNIOR, Almiro dos. Carlos Parsloe (1919-2009) - in memoriam. **Rev. Bras. Anesthesiol**. v.59, n.4, Ago 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rba/a/tnFW9Qg RFm86CrPnPkyZ9JS/#> Acesso em 04/09/2023.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de história. Chapecó: Ed. Argos, 2004.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Em nome do objeto**: museu, memória e ensino de história. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020.

RAMOS, Tassila Oliveira; MIRANDA, Zeny Duarte de. Memorial Institucional: um sistema em definição. In: MARTINS, Ernane Rosa (Org.). **Produção, comunicação e representação do conhecimento e da informação 2**. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021, pp. 39-55.

REFOSCO, Maitê Capistrano. **Diálogos cruzados**: percepções acerca dos textos expositivos no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia. Porto Alegre, 2016.

REIS, Raisal Ribeiro da Rocha. **Museu Histórico do Instituto Butantan: Estudo para um novo projeto expográfico**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Secretaria de Estado Saúde, Centro de Formação de Recursos Humanos para o SUS/SP “Doutor Antônio Guilherme de Souza”. Curso de Especialização em História, Museologia e Divulgação da Ciência e da Saúde. São Paulo, 2019.

REZENDE, J. M. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. **Dos quatro humores às quatro bases**, p. 49-53. Disponível em: <http://books.scielo.org>

RIBEIRO, Elielton. **O Museu de Arte Osório Cesar**: Interfaces entre Museologia, História da Arte e Antropologia. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte). – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

RODRÍGUEZ, Marcela Paz Carrasco. **Tejiendo prácticas en una farmacinha casera del MST Memorias de mujeres del assentamento 12 de julho (Canguçu/RS) sobre el uso de plantas medicinales.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, 2017.

ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da ciência: o pensamento científico e a ciência no século XIX.** 2. ed. Brasília: FUNAG, 2012.

ROSAS, Maristela de Almeida. **Corpos em disputa na Saúde e na Cidade: os impactos da mudança de modelo da Saúde sobre o espaço urbano conformando os perfis dos usuários do SUS.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANGLARD, Gisele; COSTA, Renato da Gama-Rosa. Patrimônio Cultural da Saúde: uma década de reflexão e atuação sobre o campo. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.11, n.20, Jan./Jun.2019.

SANJAD, Nelson R. **A Coruja de Minerva: O museu paraense entre o Império e a República, 1866-1907.** (Tese). Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2005.

SANTOS, Dilma Maria da Costa. **Coleção de Instrumentos Médicos do Núcleo de Memória Haydée Guanais Dourado da Escola de Enfermagem - UFBA.** TCC (Graduação em Museologia). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2018.

SERRES, Juliane Conceição Primon. As Redes de Museus: preservação e difusão do patrimônio cultural da Medicina no Brasil. **Museologia e Patrimônio.** Unirio-AST, v. 5, n. 1, 2012. Pp. 145-155.

SERRES, Juliane Conceição Primon. Preservação do patrimônio cultural da saúde no Brasil: uma questão emergente. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Online)**, v. 22, p. 1411-1426, 2015.

SERRES, Juliane Conceição Primon; FERREIRA, Maria Leticia Mazzucchi. P. A difícil memória: Musealização do Hospital Colônia Itapuã, RS, Brasil. **Cadernos de Sociomuseologia**, v. 6, p. 61-87, 2015.

SICURO, Juliana; GARCEZ, Vitor. Museu de Imagens do Inconsciente e Museu Bispo do Rosário: **Revista Prumo**, [S.l.], v. 4, n. 7, oct. 2019. ISSN 2446-7340. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaprumo/article/view/1129> Acesso em 02 set.2023.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SILVA, Joseane Maria Pereira da. **Patrimônio cultural, direitos culturais e um outro "lugar social" para a loucura: da reforma da saúde mental à patrimonialização.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de

Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade. Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Kimberlly Caroline Brito Da. **Roteiro acessível: concepção e avaliação de uma atividade inclusiva no Museu de Microbiologia do Instituto Butantan.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). Secretaria de Estado Saúde, Centro de Formação de Recursos Humanos para o SUS/SP “Doutor Antônio Guilherme de Souza”. Curso de Especialização em História, Museologia e Divulgação da Ciência e da Saúde. São Paulo, 2020.

SILVA, Aline Pacheco et al; “Conte-me sua história”: Reflexões sobre o método de História de Vida **Mosaico: Estudos em Psicologia.** Belo Horizonte, v.1, n.1, 2007, p. 31e 32.

SILVA, Cinara Silva da. **Grupo Hospitalar Conceição: Um percurso por sua história, iconografia e imaginário.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). UFRGS. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia. Porto Alegre, 2012.

SILVA, Tays Aparecida da; et al. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS): ações desenvolvidas em município de Minas Gerais, Brasil. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental.** São Paulo, v.21, n.2, p. 346-363, jun. 2018.

SILVEIRA, Janete Abrão. **Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre 1918.** 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

SILVEIRA, MFA., SANTOS JUNIOR, HPOS. (orgs). **Residências terapêuticas: pesquisa e prática nos processos de desinstitucionalização.** Campina Grande: EDUEPB, 2011. 320 p. Disponível em <https://static.scielo.org/g/scielobook/s/pgwpg/pdf/silveira-9788578791230.pdf> Acesso em 29 out. 2023.

SOUSA, Emilia Alves. **400 malas descobertas em um asilo psiquiátrico.** 01/02/2015. Disponível em <https://redehumanizasus.net/88660-400-malas-descobertas-em-um-asilo-psi-quiatrico/> Acesso em 05 set. 2023.

SOUSA, Lia Gomes Pinto de. **Educação e Profissionalização de Mulheres.** Trajetória científica e feminista de Bertha Lutz no Museu Nacional do Rio de Janeiro (1919-1937). (Dissertação) Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Breno Sabino Leite de. **Etnografia, arqueologia e indigenismo no Museu Paulista: índios, colonização e a construção do Brasil Meridional de Hermann von Ihering (1894-1916).** (Tese). Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, João Pedro Nunes de et al. Museus na educação médica: uma revisão narrativa. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.46, n.4, p.e128, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbem/a/X3vcsKsDgS4fRpz7WnvyHkc/?lang=pt#> Acesso em 02 set. 2023.

SOUZA, Rildo Bento de; MORAES, Cristina de Cássia Pereira (Orgs.) **Patrimônio Cultural da Saúde: Fontes, Métodos e Abordagens Interdisciplinares**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

SUCH, María Marco. **Estudio y análisis de los museos y colecciones museográficas de la provincia de Alicante**. Tese de doutoramento. Universidad de Alicante, 1997. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/s3/BVMC_OBRAS/ff0b527e82b111dfacc7-002185ce6064.pdf Acesso em 23 ago. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

THOMPSON, Clara; MULLAHY, Patrick. **Evolução da Psicanálise**. Zahar: Rio de Janeiro, 1976.

VALDIVIESO, Tiago Veiga. Do objetual ao coletivo: Lygia Clark e a participação do espectador nos anos 1960. **O Mosaico: R. Pesq. Artes**, Curitiba, n. 8, p. 30-42, jul./dez., 2012. Disponível em file:///C:/Users/XPS/Downloads/juciene,+Omosaic+o8_3_Val+divieso_Freitas.pdf Acesso em 06/09/2023.

VARELLA, Dráuzio. Reflexões sobre a saúde: Infelizmente, os sistemas estão mais preparados para as doenças do passado, não para lidar com aquelas do presente ou do futuro. **Zero Hora**. 02 jul. 2021. Disponível em <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/drauzio-varella/noticia/2021/07/reflexoes-sobre-a-saude-ckqgto277001g018mid7u1wz7.html> Acesso em 03 set. 2023.

VARINE, Hugues de. Patrimônio e Cidadania. **Museologia Social**. Unidade Editorial da Secretaria Municipal de Cultura. Porto Alegre, 2000.

VAZ, Ivan. **Sobre a Musealidade**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, 2017.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos: Uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

WADI, Yonissa Marmitt et al. O Doutor Jacintho Godoy e a história da psiquiatria no Rio Grande do Sul /Brasil. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [En línea], Debates, 2006, Puesto en línea el 31 janvier 2006. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/index1556.html> Acesso em 17/05/2023.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar – medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928**. Santa Maria: UFSM; Bauru: Universidade do Sagrado Coração, 1999.

WITTER, Nikelen Acosta. **Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)**. Tese (Doutorado), Universidade Federal Fluminense, 2007.

ZENNIE, Michael. The chilling pictures of suitcases left in a New York insane asylum by patients who were locked away for the rest of their lives. **Daily Mail**. 10/06/2013. Disponível em <https://www.dailymail.co.uk/news/article-2338714/The-chilling-pictures-suitcases-left-New-York-insane-asylum-patients-locked-away-rest-lives.html> Acesso em 03 set. 2023.

APÊNDICE A

Roteiro das entrevistas estruturadas

1. Nome completo:
2. Qual sua idade?
3. Qual sua formação?
4. Você realizou algum curso de pós-graduação (especialização, mestrado ou doutorado) na área da museologia?
5. Você realizou algum curso de pós-graduação na área das Ciências Humanas ou da Ciência da Informação?
6. Em tendo realizado alguma pós-graduação, seu tema de pesquisa foi sobre que área do conhecimento?
7. Há quanto tempo você atua na área museológica/patrimonial?
8. Há quanto tempo você atua na área ligada à História e ao Patrimônio da Saúde/Medicina?
9. Nesta instituição, você atua há quanto tempo?
10. Este museu é público ou privado? Quem é o responsável por sua manutenção?
11. Você atuou em outras instituições de memória/patrimônio?
12. Você ocupa que cargo nesta instituição? Há quanto tempo?
13. Você já ocupou outros cargos na instituição?
14. Que atividades você desenvolve na instituição?
15. Quantos profissionais fazem parte do quadro de colaboradores da instituição?
16. Como é a organização institucional? Possui “Setor de Acervo”, “Setor Educativo”, “Setor de Exposições”, etc.?
17. A instituição possui um Regimento Interno ou outro documento que organize as dinâmicas administrativas?
18. Você participa do processo de organização (projeto, desenvolvimento, organização de textos, seleção de objetos, montagem, divulgação, etc.) das exposições da instituição? Realiza algum desses processos em específico de forma pontual?
19. A organização das exposições é debatida com a equipe da instituição?

20. A direção geral/ provedoria/ presidência participa da organização das exposições? Essa esfera gerencial avalia a proposta expositiva e chega a solicitar ajustes para aprovação?
21. Em relação a atual exposição de longa duração, qual seu principal objetivo e qual a narrativa central, ou seja, qual o foco do seu discurso?
22. Quando a exposição de longa duração foi inaugurada?
23. Esta exposição contou com alguma Lei de Incentivo à Cultura para a sua realização?
24. Em relação aos objetos em exposição, como foram selecionados?
25. Sobre o mobiliário expositivo: ele foi planejado para os objetos desta exposição, ou houve um reaproveitamento de materiais?
26. Em relação a concepção expográfica, ela foi planejada para evidenciar algum objeto ou discurso?
27. Você participou do processo de organização (projeto, desenvolvimento, organização de textos, seleção de objetos, montagem, divulgação, etc.) da exposição de longa duração?
28. Há mediação para esta exposição? Como se deu a formação/debate sobre a exposição junto aos colaboradores para que realizassem a mediação?
29. Foram elaboradas atividades educativas para esta exposição?

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “Narrativas expográficas na construção das histórias e memórias da saúde no Rio Grande do Sul” cujo objetivo (geral) é analisar como se constituem as representatividades da saúde e da medicina a partir dos acervos e das exposições organizadas pelas instituições que serão objeto do estudo, a ser realizada no município de Porto Alegre, nas instituições Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro e Centro Histórico-Cultural Santa Casa. Esta pesquisa justifica-se pelo seu ineditismo na área do patrimônio e por buscar reconhecer como a saúde e a medicina são retratadas no campo museal.

Para a coleta de dados será utilizada entrevista, que levará cerca de 40 a 50 minutos para ser respondida/preenchida, no local em que o entrevistado escolher (espaço de trabalho, memória/museu, domicílio). As entrevistas e/ou grupos serão gravadas(os), para posterior transcrição, ou seja, transformação da fala em texto. O material ficará sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) principal por um período de 5 anos e após serão destruídos.

Esta pesquisa não envolve riscos.

Você tem a liberdade de aceitar ou não esse convite, sem que a sua negativa interfira no desenvolvimento da pesquisa. Você não receberá nenhuma remuneração pelo ingresso na pesquisa e poderá retirar o seu consentimento em qualquer momento do estudo, cessando a sua participação. Neste caso, as suas informações não serão utilizadas, sem prejuízo para você. Se houver algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Resolução CNS n°. 510/16, Artigo 19, parágrafo 2º).

Esta pesquisa trará como resultado uma visão diferenciada sobre a sociedade, pois acreditamos que o exercício de olhar para a memória e a história da saúde/Medicina a partir de coleções e exposições museológicas remete-nos à possibilidade de entendimento da sociedade e de como esta se articula com a salubridade em vários momentos sócio históricos. Desta forma, o patrimônio da saúde/Medicina faz parte das construções sociais.

Os resultados deste estudo serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, sendo garantido anonimato da sua identidade.

Esta pesquisa não está sendo financiada por nenhuma instituição ou órgão público ou privado. Caso você tenha dúvidas ou necessite de algum esclarecimento, entrar em contato com o pesquisador responsável, Éverton Reis Quevedo, pelo telefone (51) 999306561 como também com o Comitê de Ética na Pesquisa em Saúde da Escola de Saúde Pública, pelo telefone (51)3901-1532. O Comitê de Ética e Pesquisa é um colegiado formado por um grupo de especialistas cuja função é defender os interesses, a integridade e a dignidade dos participantes, contribuindo para que sejam seguidos os padrões éticos nas pesquisas com seres humanos.

Você receberá uma via desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, devidamente assinada e rubricada pelo pesquisador.

Porto Alegre, ____ de _____ de 20 ____.

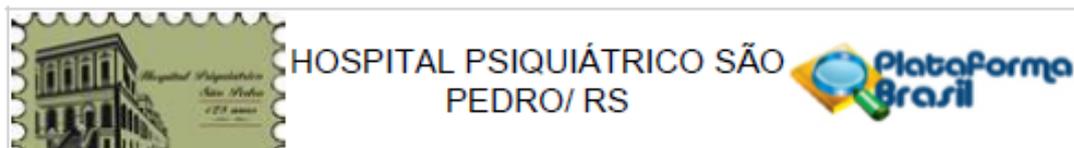
Nome e assinatura do participante da pesquisa (ou representante legal) _____

Nome e assinatura do pesquisador (a) responsável _____

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido segue as Resoluções nº 466/12, 510/16 e 580/18 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. Comitê de Ética na Pesquisa em Saúde da Escola de Saúde Pública (CEPS-ESP/RS) Av. Ipiranga, 6311, sala 26 - Bairro Partenon, Porto Alegre, RS - CEP 90.610-001 Fone: (51) 3901-1532 – E-mail: ceps-esp@saude.rs.gov.br

ANEXOS

Anexo 1 – Aprovação: Comitê de Ética do Hospital Psiquiátrico São Pedro.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A saúde musealizada: Acervos e exposições na construção da história e da memória da saúde no Rio Grande do Sul

Pesquisador: Éverton Reis Quevedo

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 58303522.6.0000.5332

Instituição Proponente: Hospital Psiquiátrico São Pedro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.524.781

Apresentação do Projeto:

O projeto de pesquisa já foi apresentado na reunião de 11/4/2022, obtendo a sua aprovação.

Está sendo reapresentado pelo fato de ter sido acrescentado mais um membro no grupo de pesquisa. Os demais itens não apresentam alterações.

Objetivo da Pesquisa:

Item já apresentado previamente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Item já apresentado previamente.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Item já apresentado previamente.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Item já apresentado previamente.

Recomendações:

Item já apresentado previamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Item já apresentado previamente.

Considera-se a adequação de acréscimo de pesquisadora como aprovada.

Endereço: Avenida Bento Gonçalves 2460

Bairro: Partenon

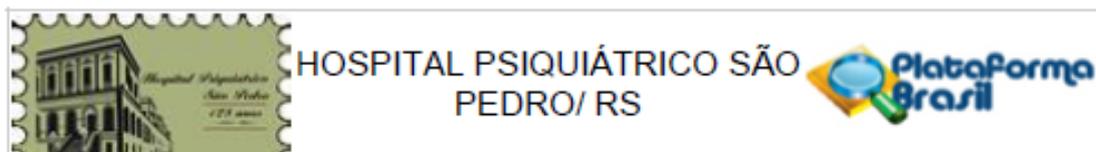
CEP: 90.650-001

UF: RS

Município: PORTO ALEGRE

Telefone: (51)3240-1368

E-mail: comitehpsp@gmail.com



Continuação do Parecer: 5.524.761

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_198044 9 E1.pdf	05/07/2022 11:04:35		Aceito
Outros	Instrumento_de_entrevista_estruturada.pdf	24/03/2022 10:47:04	Everton Reis Quevedo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_e_Escolarecido.pdf	24/03/2022 10:48:41	Everton Reis Quevedo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DE_PESQUISA.pdf	31/01/2022 15:32:50	Everton Reis Quevedo	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	31/01/2022 15:30:58	Everton Reis Quevedo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 13 de Julho de 2022

Assinado por:
Maria Helena Itaquí Lopes
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Bento Gonçalves 2460
 Bairro: Partenon CEP: 90.650-001
 UF: RS Município: PORTO ALEGRE
 Telefone: (51)3240-1368 E-mail: comitehpsp@gmail.com

Anexo 2 – Aprovação: Comitê Gestor da Política de Pesquisa da SES/RS
(CGPPSES).



Porto Alegre, 05 de Abril de 2022

Prezado Pesquisador *EVERTON REIS QUEVEDO*, este é o parecer do Comitê Gestor da Política de Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Sul (CGPPSES) sobre o seu projeto intitulado: *A SAÚDE MUSEALIZADA: ACERVOS E EXPOSIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL*.

No parecer emitido são apontados alguns aspectos avaliados que envolvem a relevância, pertinência e adequação quanto ao uso dos dados da SES.

Esse Parecer não substitui a avaliação e Parecer do CEP-ESP e de outro Comitê de Ética.

PARECER DO COMITÊ GESTOR:

O projeto em tela tem como enfoque *A SAÚDE MUSEALIZADA: ACERVOS E EXPOSIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA SAÚDE NO RIO GRANDE DO SUL*. Como finalidade pretende “*analisar como se constituem as representatividades da saúde a partir dos acervos e das exposições organizadas por museus e demais espaços culturais que tem a saúde e/ou a medicina como mote*”.

Na justificativa, apresenta os elementos científicos necessários. Entretanto, fica a ressalva, por se tratar de anteprojeto de pesquisa, que havendo qualquer alteração substancial no projeto durante a qualificação, o mesmo seja submetido novamente para apreciação.

A coleta de dados será realizada no Memorial do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP/SES-RS).

A área técnica envolvida com o projeto considera importante avaliar como a história no universo da área da saúde é apresentada. Defende que a história pertence a todos e como a apreendemos está diretamente relacionada às formas e conteúdos expostos, onde e como se estabelece a comunicação, sendo um dos pilares da Museologia. Afirma ainda que há convergência com as ações e propostas que estão na pauta do Serviço de Memória Cultural do HPSP.

Assim, considera-se que o projeto é pertinente e adequado a realidade sendo aprovado o encaminhamento ao gestor para que proceda a assinatura da TAI se estiver de acordo.

Atenciosamente,

Comitê Gestor da PPSES